



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

NELSON DA COSTA FERNANDES

**D. Manuel Mendes da Conceição Santos,
missionário da planície (1920-1955):**

o culto mariano na Arquidiocese de Évora

Dissertação final

sob orientação de:

Prof. Doutor Paulo Fernando de Oliveira Fontes

Lisboa
2017



D. Manuel Mendes da Conceição Santos

No meio da confusão que na hora presente abala até aos fundamentos o mundo em que vivemos, é tema obrigado nas chancelarias, onde se traçam os destinos dos povos, e até nas conversas banais dos que julgam saber alguma coisa no campo da organização social, é tema obrigado para pensadores profundos e para espíritos frívolos, a ordem nova: todos sentem e todos reconhecem que, ou a humanidade se afunda de vez e para sempre, ou, após a crise atual, uma ordem firme se estabelece, na qual os homens possam viver.

Para a Igreja a ordem nova não é mais uma dessas tentativas que a humanidade ardorosamente tem acarinhado como elixir salvador de instituições e de povos, tentativas apenas experimentadas logo falidas; mas a ordem nova para a Igreja é simplesmente a ordem [...] sempre moça e sempre vigorosa que há dezanove séculos foi promulgada do alto do Calvário e foi selada com o sangue da Vítima Divina.

Antologia de Pensamentos do Servo de Deus D. Manuel da Conceição Santos: de 1899, ano da sua ordenação, até 1955, ano da sua morte. Évora: Gráfica Eborense, 1977, p. 9.

*A meus pais, irmãos, sobrinhos
e demais familiares.*

*Ao padre José António Gonçalves,
aos meus Superiores, ao Diogo Vivas e restantes amigos.*

ÍNDICE

Índice	i
Resumo	v
<i>Abstract</i>	v
Introdução	1
Capítulo I – O Arcebispo e a Arquidiocese de Évora	5
1. Percurso biográfico de D. Manuel Mendes da Conceição Santos	5
1.1. Infância e juventude	5
1.2. Em Roma	8
1.3. O regresso da cidade Pontifícia	9
1.4. Vice-Reitor do Seminário da Guarda (1905-1916)	9
1.5. Bispo de Portalegre (1915-1920)	11
1.6. Arcebispo de Évora (1920-1955)	12
2. D. Manuel Mendes na Arquidiocese metropolitana do Sul	14
2.1. A situação religiosa da Arquidiocese	15
2.2. Alocução na entrada solene, em Évora	16
2.3. Aversão que se transforma em devoção	18
3. Pensamento teológico-pastoral do Arcebispo	20
Capítulo II – Estratégia de Ação Pastoral	25
1. Recrutamento, formação e valorização do clero	25
1.1. Seminários diocesanos e vocações	25
1.1.1. D. Manuel Mendes da Conceição Santos e o Seminário	28
1.1.2. A criação de um Seminário Menor	37
1.2. Acompanhamento e formação do clero arquidiocesano	42
1.3. Ordenações presbiterais durante o episcopado de D. Manuel Mendes	50

2. Dinamização pastoral da Arquidiocese	52
2.1. Anúncio da Palavra e pastoral sacramental	52
2.1.1. A Pregação do Evangelho	53
2.1.2. A “boa imprensa”	57
2.1.3. As “missões populares”	59
2.2. Papel das congregações religiosas	64
2.3. O culto devocional	66
2.3.1. Nossa Senhora	69
2.3.2. Sagrado Coração de Jesus	71
2.3.3. S. José	73
2.3.4. Santa Teresinha	73
Capítulo III – O Culto Mariano na Ação Pastoral do Arcebispo	77
1. Templos marianos da arquidiocese de Évora	80
1.1. Santuários Marianos	80
1.2. Paróquias dedicadas a Nossa Senhora	81
2. Principais manifestações marianas	82
2.1. Consagração da Província Eclesiástica de Évora a Nossa Senhora de Fátima (1933)	82
2.2. Consagração da Arquidiocese a Nossa Senhora da Conceição (1933)	85
2.3. Iª Peregrinação Nacional ao Santuário de Nossa Senhora da Conceição (1935)	92
2.3.1. O documento de Proclamação	92
2.3.2. A Instrução Pastoral do Arcebispo	95
2.3.3. O dia da Peregrinação	98
2.4. IIª Peregrinação Nacional a Vila Viçosa (1946)	104
2.4.1. O anúncio da Peregrinação pelo arcebispo de Évora	104
2.4.2. A Pastoral coletiva do episcopado português sobre o tricentenário da Padroeira	105
2.4.3. As celebrações do dia do Tricentenário	107
2.4.4. O Congresso Mariano Nacional	109
2.4.5. A Peregrinação a Vila Viçosa	111
2.5. Visita da Imagem Peregrina de Fátima à Arquidiocese de Évora (1947)	115

2.5.1. Anúncio da Visita	116
2.5.2. Preparação da Visita	117
2.5.3. Entrada na Arquidiocese	121
2.5.4. Itinerário e visita da Imagem em algumas localidades	122
2.5.4.1. Couço	124
2.5.4.2. Escoural	126
2.5.4.3. Évora	129
2.5.5. Coroação e despedida da Imagem Peregrina em Évora	131
2.5.6. Ecos da Visita: a Mensagem de Ano Novo (1948)	133
2.6. Celebrações do Ano Mariano de 1954	134
Conclusão	141
Bibliografia	147
Apêndice fotográfico	153

RESUMO

Neste estudo aborda-se a ação pastoral de D. Manuel Mendes da Conceição Santos, enquanto arcebispo de Évora (1920-1955). Apresenta-se o perfil biobibliográfico do Prelado eborense e o contexto social e eclesial em que desenvolveu a atividade pastoral: a descristianização com que se debatia toda a Arquidiocese e a difícil situação em que se encontrava o Seminário e o clero. Por fim, estudam-se os propósitos e modalidades de ação pastoral implementados pelo Prelado, nomeadamente as suas dimensões teológica, pastoral e devocional, em função de uma estratégia pastoral marcada pela ideia de mobilização pública dos fiéis e de uma recristianização da sociedade. A nível devocional concretizada essencialmente na valorização do culto mariano, destaca-se o estudo da visita da Imagem de Nossa Senhora de Fátima que, em 1947, permitiu a realização de missões populares, incentivando à prática sacramental, à formação religiosa, à dinamização dos atos devocionais, ao trabalho realizado em comunidade, à participação de muitos que viviam afastados das práticas religiosas ou sacramentais, demonstrando que a fé dos alentejanos não tinha “morrido”, mas apenas “dormia”.

Palavras-chave: arquidiocese de Évora; D. Manuel Mendes da Conceição Santos; Ação pastoral; Culto mariano.

ABSTRACT

This study addresses the pastoral work of D. Manuel Mendes da Conceição Santos, as archbishop of Évora (1920-1955). It presents the biobibliographic profile of the Prelate and the social and ecclesial context in which he developed his pastoral activity: the dechristianization with which the whole Archdiocese was debated and the difficult situation in which the Seminary and the clergy were encountered. Finally, we study the purposes and modalities of pastoral action implemented by the Prelate, namely the theological, pastoral and devotional dimensions, as a pastoral strategy marked by the idea of public mobilization of the faithful and a re-christianization of society. At the devotional level concretized essentially in the valorization of the Marian cult, we highlight the study of the image of Our Lady of Fatima which, in 1947, allowed the carrying out of popular missions, encouraging sacramental practice, religious formation, the dynamization of acts devotional, community work, the participation of many who lived away from religious or sacramental practices, demonstrating that the faith of the “alentejanos” had not "died" but only "slept."

Keywords: archdiocese of Évora; D. Manuel Mendes da Conceição Santos; Pastoral work; Mariano cult.

INTRODUÇÃO

A presente dissertação do curso de Mestrado Integrado em Teologia, intitulada “*D. Manuel Mendes da Conceição Santos, missionário da planície (1920-1955): o culto mariano na arquidiocese de Évora*”, enquadra-se no contexto da História da Igreja católica contemporânea, em Portugal e, de um modo particular, no âmbito da Teologia histórica. Tem por objetivo principal analisar a figura e a ação episcopal de D. Manuel Mendes da Conceição Santos e a valorização do culto mariano na arquidiocese de Évora, como resultado da sua própria estratégia pastoral de recristianização da sociedade.

A escolha deste tema para objeto da dissertação final de mestrado prende-se, entre outros aspectos, com o facto de, sendo seminarista da arquidiocese de Évora, ter particular interesse em estudar e aprofundar os meus conhecimentos sobre o episcopado de uma figura marcante desta Arquidiocese, cuja influência ainda hoje está bem visível entre nós e a vários níveis. Por outro lado, a devoção que o povo alentejano tem, muito profunda e enraizada na sua vida e religiosidade pela figura de Nossa Senhora, é um aspeto que se impõe à observação de quem pretende estudar a história do catolicismo local. Cruzam-se, portanto, motivações pessoais derivadas do interesse em conhecer a vida e a ação pastoral do notável Prelado eborense, cujo processo de beatificação se encontra em curso, com preocupações também de índole pastoral, aspeto que não poderá deixar de ser tomado em linha de conta por parte de quem irá dedicar-se ao trabalho pastoral no Alentejo, como acontece com o autor desta dissertação.

É nossa preocupação elaborar um estudo que permita conhecer com rigor histórico o percurso e ação pastoral de D. Manuel Mendes da Conceição Santos, em particular durante o seu episcopado na arquidiocese metropolitana do Sul. Nesse sentido, o trabalho encontra-se estruturado em três capítulos: o primeiro capítulo, intitulado “O Arcebispo e a Arquidiocese de Évora”, deter-se-á na apresentação do percurso da formação humana e teológica de D.

Manuel Mendes da Conceição Santos até à sua nomeação para arcebispo de Évora, descrevendo a situação religiosa da Arquidiocese nesse período e expondo, de modo sintético, a perspetiva teológica-pastoral que aí vai desenvolver. No segundo capítulo, intitulado “Estratégia de Ação Pastoral”, analisaremos os propósitos e modalidades de ação pastoral que decorrem da sensibilidade humana, teológica e devocional do Arcebispo, mormente no que se refere à importância do Seminário diocesano e à formação do clero, ao anúncio da Palavra e à pastoral sacramental, à inserção de congregações religiosas na diocese, à valorização das chamadas “missões populares” e às práticas devocionais da época, nomeadamente as de cariz mariano. No terceiro e último capítulo, intitulado “O Culto Mariano na Ação Pastoral do Arcebispo”, propomo-nos concretizar o objetivo principal desta investigação: caracterizar o culto mariano já existente localmente e o dinamismo ulterior que se veio a implementar. De um modo particular, referir as principais manifestações de culto mariano promovidas pelo Prelado, em especial, pela sua peculiaridade, a visita da Imagem Peregrina de Fátima, em 1947, que ainda hoje se encontra perpetuada na memória de todos quantos a vivenciaram e em lápides comemorativas colocadas na maioria das igrejas. As qualidades deste Prelado e a sua incessante busca de novas metodologias para a desejada renovação cristã da Arquidiocese ditaram que fosse, à época, mas também nos dias de hoje, aclamado e reconhecido como figura ímpar e distinta dentro do episcopado português da primeira metade do século XX.

Com efeito, socorrendo-nos do seu arquivo pessoal – à guarda da Congregação das Servas da Santa Igreja, que prepara o seu processo de beatificação, como referido anteriormente –, do arquivo do Paço Episcopal de Évora, da Biblioteca Pública de Évora e do Instituto Superior de Teologia de Évora, foi-nos possível prosseguir com a concretização dos propósitos definidos ao iniciar o estudo. Para tal, muito contribuíram as publicações já realizadas, assim como o acesso a alguns dos escritos pessoais de D. Manuel Mendes da Conceição Santos, que nos foram facultados e que tivemos oportunidade de analisar de modo aprofundado. Entre outros, destacamos a *Agenda Pessoal*, a *Correspondência entre o*

Carmelo de Lisieux e D. Manuel Mendes da Conceição Santos, a obra de D. Francisco Maria da Silva, *A Alma do Arcebispo Apóstolo: Dom Manuel da Conceição Santos* (Braga: Oficinas Pax, 1960) e o primeiro volume da coleção intitulada: *Documentos duma Vida Apostólica*, dirigido aos sacerdotes, onde se aborda a questão do Seminário e da acção pastoral. Seguiu-se uma pesquisa cuidada e atenta na imprensa periódica da época, em particular, no semanário arquidiocesano *A Defesa* e nos jornais de tiragem diária, *Novidades* e *Notícias d'Évora*, que serviram de base documental na investigação para o presente trabalho.

Embora não tenha sido possível uma maior investigação no arquivo pessoal de D. Manuel Mendes da Conceição Santos, devido à preparação do processo de beatificação em curso, cremos que este estudo aporta uma nova luz sobre o trabalho desenvolvido pelo Prelado eborense ao longo do seu episcopado, sobre a sua personalidade, sensibilidade e visão sobre a Arquidiocese.

CAPÍTULO I – O Arcebispo e a arquidiocese de Évora

A compreensão da figura de D. Manuel Mendes da Conceição Santos e da acção pastoral desenvolvida enquanto prelado da Metrópole do Sul, carece de uma abordagem biográfica, que contextualize as suas origens e o seu percurso pessoal e pastoral até ao momento em que assumiu a cátedra episcopal eborense. Uma análise, ainda que sumária, que o situe no contexto social e político da época, mas também religioso, a nível nacional e, em particular, da arquidiocese de Évora. Neste âmbito, enquadrado na época, concluir com a definição das linhas de forças do pensamento teológico-pastoral que enformou o seu episcopado.

1. Percurso biográfico de D. Manuel Mendes da Conceição Santos

1.1. Infância e juventude

Manuel Mendes da Conceição Santos nasceu no dia 13 de dezembro de 1876, às 18 horas, no lugar de Pé do Cão, freguesia de Olaia¹, concelho de Torres Novas. Filho de Manuel Mendes e de Maria da Conceição Rodrigues Mendes, neto paterno de Joaquim Mendes e de Justina Rosa Mendes, e materno de Manuel Rodrigues do Santos e Sebastiana Maria, foi batizado na igreja matriz de Olaia, no dia 28 de dezembro do mesmo mês², ou seja, ao completar-se o 15º dia do seu nascimento, sendo sua madrinha Nossa Senhora do Ó³.

¹ Olaia é uma aldeia, situada nas terras secas do Alto Ribatejo, enquadrada num triângulo definido por Tomar, Batalha e a Serra de Aire. Tem por orago principal Nossa Senhora da Expectação ou do Ó. (Cf. GOMES, J. Pinharanda – *D. Manuel Mendes da Conceição Santos, Vice-Reitor do Seminário da Guarda (1905-1916) e Bispo de Portalegre (1916-1920)*, Évora: Gráfica Eborense, 1996, p. 16).

² Cf. ADS - *Livro de Baptismo da Paróquia de Olaia* - Ano de 1876, fls. 29-29v.

³ Está atestado na sua agenda, no dia 19 de dezembro de 1910.

Seu pai faleceu a 24 de março de 1906⁴ e, sua mãe, nascida a 8 de dezembro de 1845, faleceu a 28 de fevereiro de 1918, aos 71 anos de idade⁵. O casal gerou sete filhos, embora cinco deles tivessem falecido de tenra idade, restando apenas o próprio Manuel Mendes e o seu irmão Joaquim Mendes da Conceição Santos⁶, nascido a 17 de fevereiro de 1878⁷.

Joaquim Mendes foi escrivão de Direito em Torres Novas, casou-se com Maria Helena Mendes e foi pai de oito filhos. Contudo, faleceu prematuramente a 15 de agosto de 1922, aos 44 anos de idade, deixando sob o encargo da esposa a responsabilidade dos filhos. Nesse contexto, muito ajudou Manuel Mendes, com carinho de pai. A sua relação com o irmão era muito forte na medida em que, depois da sua morte por ele rezava, oferecia a eucaristia⁸ e pedia orações. Manuel Mendes recebeu, por isso, de sua mãe, inteira dedicação e educação religiosa. A relação entre ambos era profunda, como refere D. Francisco Maria da Silva⁹. Isto comprova-se nas centenas de cartas recebidas da mãe, registadas em várias páginas do diário¹⁰ assim como nas muitas vezes em que, ao celebrar a eucaristia¹¹, tem a sua mãe como intenção particular, são disso o melhor exemplo.

Aos nove anos de idade, depois de aprender as primeiras letras em Olaia, sua terra natal, o futuro arcebispo de Évora foi estudar português e latim com seu tio, o padre Joaquim Gomes Duque, humanista e pároco em Carvalhal de Aroeira, concelho de Torres Novas. Mais tarde, com intuito de se habilitar para o exame de instrução primária elementar, integrou-se

⁴ Encontra-se registado, na sua agenda, no dia 24.3.1913, um apontamento a relembrar o dia em que se cumpriu o 21º aniversário do seu falecimento, oferecendo a Eucaristia por essa intenção: “Por alma de meu Pae”. Na verdade, muitíssimas foram as Eucaristias, por ele celebradas, com essa intenção.

⁵ Cf. SILVA, D. Francisco Maria Da – *A Alma do Arcebispo Apóstolo: Dom Manuel da Conceição Santos*, Braga: Oficinas Pax, 1960, p. 2.

⁶ Cf. GOMES, J. Pinharanda, *op. cit.*, pp. 15-16.

⁷ Na sua agenda, no dia 17 de fevereiro de 1911, anotou o seguinte: “Por intenção do meu irmão que faz hoje 33 anos”.

Cf. Apêndice Fotográfico – Fig. 1.

⁸ Cf. *Agenda Pessoal*.

⁹ Cf. SILVA, D. Francisco Maria da, *op. cit.*, pp. 9-10.

¹⁰ Podemos ler a referida memória nos apontamentos dos dias 28, 29 e 30 de março e 1 de abril, de 1918, nos quais relembra a agonia, os últimos momentos, a despedida e saudade da sua mãe. Em toda a descrição realizada nota-se o amor, grande emoção e profundidade de vida interior (Cf. Idem, *ibidem*, pp. 4-9).

¹¹ Cf. *Agenda Pessoal*.

numa escola particular, na vila de Torres Novas, embora tenha reprovado nesse exame. Porém, no ano seguinte, viria a completar, com distinção, os dois exames: elementar e complementar.

A 2 de agosto de 1890, com catorze anos de idade, foi admitido no Seminário Patriarcal de Santarém, por despacho do então Patriarca, D. José Sebastião Neto (1883-1907), dado no Paço de S. Vicente de Fora. Aí se distinguiu em ciência e disciplina¹², como se verifica pelo testemunho de monsenhor Francisco Maria Félix:

“Entre os cento e cinquenta alunos que o Seminário Patriarcal contava nessa época, Manuel Mendes da Conceição Santos era sem dúvida dos que mais atraíam sobre si, sem disso se aperceber, a atenção, o respeito e a simpatia dos companheiros. A sua inteligência, a sua paixão pelos livros, a sua piedade despretensiosa e comunicativa, a sua lhaneza, as suas conversas sempre úteis e edificantes, e a ausência completa de orgulho, impunham-no à admiração dos colegas e à estima dos superiores e mestres. Recorria-se a ele nas dificuldades do estudo, na elaboração dos programas festivos, na solução dos casos imprevistos, nas mais diversas situações [...]. Era um talento e uma bondade. Mais adiantado do que ele na idade e no curso, fui seu monitor, e, como tal, encarregado de acompanhá-lo e assistir-lhe de perto; nunca porém julguei necessário adverti-lo de qualquer defeito”¹³.

Com efeito, a mesma qualidade demonstrou no estudo, ao completar, no final do primeiro ano, com altas e honrosas classificações, quase todos os exames preparatórios. Assim continuou, obtendo, no 1º ano de Teologia (1895) “*accessit*”, apesar de, por doença, não ter assistido às aulas, durante um período superior a dois meses¹⁴.

¹² Cf. COSTA, Fernandes da – “Missionário da Planície: D. Manuel Mendes da Conceição Santos”, in *Alvoradas*, Ano XVII, janeiro – março, 1956, p. 72.

¹³ Idem, *ibidem*, pp. 72-73.

¹⁴ Na verdade, Manuel Mendes deveria ter viajado para Roma no ano anterior (1894) e aí frequentar o 1º ano de Teologia. Contudo, tal não foi possível pois adoecera no dia em que iria iniciar a viagem. Assim o descreve num pequeno caderno de apontamentos: “Em outubro de 1894 vim para o Seminário no dia 1 para estudar alguma coisa de italiano e no dia 3 partir para Roma. No dia 3 adoeci [...] No dia 27 do mesmo mês, parti para casa onde se me agravou a doença e lá estive em tratamento até ao dia 11 de dezembro em que voltei para o seminário” (SILVA, D. Francisco Maria da, *op. cit.*, p. 16).

1.2. Em Roma

Os dotes intelectuais evidenciados e a confiança dos superiores nele depositada, levaram o então cardeal D. José Sebastião Neto, a encaminhá-lo para Roma com o objetivo de completar a sua formação eclesiástica, partindo de Lisboa a 20 de outubro de 1895¹⁵. Na *Cidade Eterna*, ocupou um dos três lugares oferecidos pelo Papa Leão XIII, no Seminário Pontifício Romano, destinado aos seminaristas provenientes do Patriarcado de Lisboa.

Chegado a Roma frequentou a Faculdade de Teologia da Universidade de Santo Apolinário, onde teve por condiscípulo o seminarista Eugénio Pacelli, futuro Papa Pio XII, com o qual manterá uma amizade duradoura¹⁶. Obteve o grau de Doutor em Teologia no final do ano letivo de 1897-98¹⁷. No entanto, não foram somente os estudos teológicos a ocuparem-lhe o tempo, pois tinha consciência que o futuro sacerdote precisava de ter uma visão clara e sintética de qualquer ciência, fosse ela de cariz geral ou especificamente teológica. Essa visão multidisciplinar sobre a formação do novo presbítero é notória, por exemplo, na reflexão que faz sobre a situação religiosa de Portugal, designadamente na necessidade de encarar a questão do ressurgimento religioso, social, cultural e académico como algo determinante para o futuro da Igreja católica no país¹⁸.

Diplomado¹⁹ em Teologia e Letras Latinas, em 1898, com diplomas assinados pelos cardeais Parocchi e Respighi, regressou a Portugal nesse mesmo ano. Assim, a par de toda a bagagem teológica obtida com o curso, trouxe um conhecimento das línguas vivas europeias (além do grego, hebreu e árabe) e de amizades que estabelecera, as quais, mais tarde, lhe facilitariam a sua acção pastoral.

¹⁵ Cf. Idem, *ibidem*, p. 16.

¹⁶ Cf. Apêndice Fotográfico – Fig. 2.

¹⁷ Na Agenda Pessoal, no dia 18 de dezembro de 1912, escreveu: “A Nossa Senhora – acção de graças, petição e oferta, no aniversário da minha ordenação de subdiacono e de diacono”.

¹⁸ Cf. VIDAL, D. João Evangelista de Lima – “*Flor em botão*”, in *Alvoradas*, Ano XVII, janeiro – março, 1956, p. 7.

¹⁹ Mas não regressou ordenado por motivos de saúde e por ainda não ter atingido a idade canónica exigida. Apenas tinha recebido as ordens de subdiacono.

1.3. O regresso da cidade Pontifícia

Após o seu regresso, o cardeal patriarca D. José Sebastião Neto nomeou-o prefeito e professor de Teologia Dogmática e de Latim, no Seminário de Santarém. Já em plena atividade, recebeu o diaconado, a 12 de dezembro de 1898, e o presbiterado, a 27 de maio de 1899, pelo arcebispo de Mitilene, D. Manuel Baptista da Cunha²⁰. Celebrou a sua Missa Nova a 4 de junho, na igreja do Salvador, na vila de Torres Novas, no dia do aniversário da sua primeira comunhão, acolitado por dois colegas de Roma, Joaquim Augusto e Ernesto Adolfo Teixeira Guedes²¹.

Nos cinco anos seguintes continuou as suas funções, mas em 1900 foi dispensado do cargo de prefeito do Seminário. Três anos depois, em maio de 1903, o reitor do Liceu de Santarém, padre João Rodrigues Ribeiro, nomeou-o para lecionar a disciplina de Alemão, sendo elemento integrante do júri nos dois anos consequentes²², sendo, nesta cidade, que deu os primeiros passos na oratória.

1.4. Vice-Reitor do Seminário da Guarda (1905-1916)

D. Manuel Vieira de Matos, arcebispo de Mitilene, conhecia e era amigo íntimo do então Dr. Manuel Mendes. Este Prelado, sendo eleito bispo da Guarda (1903-1914), sentiu, entre outras, uma grande preocupação: a reforma do Seminário. Como concebê-la? Conhecidas as capacidades do padre Manuel Mendes, pediu a D. José Sebastião Neto a sua dispensa que, a custo, a aceitou. A 8 de setembro de 1905, entrou na cidade da Guarda, tendo o Seminário, num curto espaço de tempo, dado os primeiros sinais de “vitalidade”. O novo Vice-Reitor²³ (1905-1916) procurou fomentar entre os seminaristas uma vida disciplinar

²⁰ No dia 15 de maio de 1913, teve por intenção, na Eucaristia, a alma do Bispo D. Manuel Batista da Cunha; assim podemos ler, na sua Agenda, no referido dia: “Por alma do Sr. D. Manuel Baptista da Cunha, Arcebispo de Braga, falecido no dia 13 de corrente (foi elle que conferiu ordens menores, o diaconado e o presbyterado)”.

²¹ Cf. SILVA, D. Francisco Maria da, *op. cit.*, pp. 21 e 32.

²² Cf. COSTA, Fernandes da, *op. cit.*, pp. 75-76.

²³ Nomeado cónego em 1909.

perfeita e uma clara e verdadeira compreensão do ministério sacerdotal, sendo notória a sua preocupação, atenção e oração pelos seus seminaristas²⁴. Ao percorrer as suas anotações pessoais, constatamos quão grande foi a sua dedicação e amor aos Seminários e aos seminaristas.

A implantação da República (1910) e a sua política religiosa semeou grandes turbulências na sociedade e suscitou a reação de diversos sectores da população e da própria Igreja católica. Isto repercutiu-se numa quebra do número de alunos do Seminário Diocesano da Guarda. Todavia, deste mal tirou-se um bem: fez-se uma seleção mais rigorosa dos seminaristas, levando o Seminário uma vida mais ordenada na sua disciplina e acção.

Contudo, o seu campo de acção não se restringiu apenas ao vice-reitorado do Seminário, estendendo-se também ao campo social, à pregação e ao jornalismo. Neste âmbito, deve destacar-se a assistência eclesiástica das «juventudes católicas»²⁵; a promoção dos «congressos operários»; viagens por toda a Diocese semeando o Evangelho e lançando novas diretrizes, pregando intensa e fecundamente, sobretudo, na cidade da Guarda; a fundação e acompanhamento de obras de piedade como o Apostolado da Oração, as Filhas de Maria ou o Agasalho dos Pobres; no ensino e na cultura foi destacado mestre: foi cofundador da “Empresa Veritas” e do semanário “A Guarda”²⁶, colaborando também nos *Estudos Sociais* e outras revistas.

Toda a sua ação se enquadrou no movimento católico em curso, onde deu particular destaque à atividade religiosa, articulando-a com a formação de responsáveis (elites) sociais e eclesiais.

²⁴ Cf. *Agenda Pessoal*. (Nela podemos constatar a sua preocupação pelos seminaristas, em particular pelos seminaristas da Diocese da Guarda, ao tê-los muitíssimas vezes como intenção na celebração da Eucaristia).

²⁵ Foi o assistente geral, no país, da Juventude Católica. Encontramos na sua agenda, no dia 22 de junho de 1913, a seguinte anotação: “Pela juventude catholica da Guarda e pelo bom exito da sua festa. Inaugurou-se hoje solenemente o Centro da Juventude Católica, da Guarda. Pela manhã, missa rezada e communhão geral. Ao Evangelho fiz uma allocução. À tarde, cerca de 1 hora e meia, sessão solemne no theatro dos bombeiros voluntários. Apesar de alguns incidentes provocados pelos jacobinos, a festa foi imponentissima, deixando as mais gratas impressões”.

²⁶ Nele escrevia o «Fundo» (substancialmente fundo e doutrinal) e as «Portas de Fogo» (comentário político dos acontecimentos do tempo).

1.5. Bispo de Portalegre (1915-1920)

Não permaneceria por muito tempo na diocese da Guarda, uma vez que o Papa Bento XV (1914-1922) o nomeou bispo de Portalegre, a 9 de dezembro de 1915²⁷. A cerimónia da sagração decorreu na igreja de Nossa Senhora do Carmo, em Torres Novas, no dia 3 de maio de 1916, sendo sagrante o cardeal patriarca de Lisboa, D. António Mendes Belo, e consagrantes, D. Manuel Vieira de Matos, arcebispo de Braga e D. José Alves Matoso, bispo da Guarda²⁸.

No dia 6 do mesmo mês tomou posse por procuração²⁹ e entrou solenemente na diocese de Portalegre às 15 horas do dia 7 (Domingo do Bom Pastor), sendo o mais jovem dos bispos portugueses da época, embora já uma figura ativa e reconhecida na vida religiosa e civil do país, mas também no seio do Episcopado³⁰.

Na diocese de Portalegre a instrução religiosa era a primeira necessidade que se impunha ao novo Prelado. De facto, só depois da instrução religiosa dos fiéis, base fundamental de qualquer trabalho pastoral, é que poderia prosseguir o seu trabalho ao nível das obras de piedade, caridade e ação social. Com este objetivo percorreu, em visita pastoral, toda a Diocese, permitindo-lhe conhecer as necessidades de todas as paróquias e fundar, em quase todas elas, o Apostolado da Oração³¹ e, no caso da Associação das Filhas de Maria³², consoante as possibilidades.

No que confere à ação caritativa, destaque-se a ereção de várias conferências de S. Vicente de Paulo,³³ cujas reuniões se realizavam no Paço Episcopal, integrando-se, o próprio

²⁷ Foi notificado da sua nomeação no dia 11 de novembro (Cf. *Agenda Pessoal*).

²⁸ Cf. *Agenda Pessoal*: 3 de maio de 1916.

²⁹ Na sua *Agenda Pessoal*, no dia 6 de maio, anotou: “Tomei posse por procuração. À tarde parti para Castello de Vide onde pernoitei, para amanhã dar entrada na cathedral...”

³⁰ Cf. SILVA, D. Francisco Maria da, op. cit., pp. 42-73.

³¹ Atividade que se iniciou a 1 de julho de 1916.

³² O primeiro núcleo tem como data de fundação 15 de agosto de 1916.

³³ D. Manuel Mendes, além de estabelecer muitas conferências de S. Vicente de Paulo, ressuscitou e vitalizou a conferência da própria cidade de Portalegre a 19 de julho de 1918.

Prelado, nessas mesmas reuniões. A par deste acompanhamento, estabeleceu a Associação das Damas de Caridade, destinada exclusivamente a ações de caridade e a organização e direção de uma comissão, da qual deu grande testemunho, por exemplo, pedindo esmola de porta em porta, destinada ao amparo aos doentes e aos órfãos, vítimas da pneumónica.

Por outro lado, não poderíamos deixar de mencionar a incansável preocupação e ânsia em cuidar não somente dos fiéis, mas também e, sobretudo, do clero, sendo de notar as *Exortações* que, regularmente, lhe dirigia³⁴. A ausência de um Seminário diocesano levou-o a amparar os *seus* seminaristas, enviando-os para os seminários de outras Dioceses. Nos poucos anos em que esteve à frente da diocese portalegrense e antes de partir para Évora, em 1920, conseguiu fundar e deixar em funcionamento³⁵ o Seminário Diocesano³⁶, com algumas dezenas de seminaristas³⁷.

A nível da promoção da então chamada “boa imprensa”, como referido anteriormente, também deu importantes passos ao coordenar os jornais «A Juventude» e «O Distrito de Portalegre a Nun’Álvares Pereira» e, na fundação, a 14 de julho de 1916, do «Boletim da Diocese de Portalegre», publicação de carácter mensal. Porém, pouco foi o tempo que pastoreou a diocese do Alto Alentejo.

1.6. Arcebispo de Évora (1920-1955)

D. Augusto Eduardo Nunes (1890-1920), então arcebispo de Évora, adoecera no ano de 1919. Por esse motivo e dada à ineficácia dos medicamentos, foram-lhe prescritos alguns

³⁴ Cf. SILVA, D. Francisco Maria da, *op. cit.*, pp. 76-78.

³⁵ Na sua Agenda Pessoal, no dia 30 de novembro de 1920, apontou: “Abertura do Seminario. Celebrei na igreja parochial, falando ao povo sobre o Seminário – Depois fiz a consagração do Seminário ao Sagrado Coração de Jesus e à Immaculada Conceição, na Capellinha interna”.

³⁶ Fundou um Seminário em Mação e depois transferiu-o para Gavião, graças à família Pequito Rebelo, que colocou ao dispor da Diocese a sua casa na dita localidade (Cf. Agenda Pessoal: 9 de setembro de 1920).

³⁷ Nos últimos meses que antecederam a sua saída eram já mais de 50.

tratamentos nas Caldas da Rainha, para onde se deslocou, “acompanhado do seu Capelão, Rui Pedro J. A. da Silva Cêrca [...]”³⁸. Nessa vila se demorou em:

“[...] tratamento de 10 a 29 de Setembro; visitou Alverninha, Foz do Arelho e São Martinho do Porto e foi a Torres Novas, tencionando demorar-se 2 ou 3 dias na casa que era do dito capelão. [...]Soube porém, ao chegar, que brevemente passaria também por aquela florescente Vila S. Ex. Rev.^{ma} o Senhor bispo de Portalegre, a quem havia muito tempo desejava falar sobre assuntos importantíssimos. Decidiu-se logo a esperar pelo colega [...]”³⁹.

A grave e incurável paralisia de D. Augusto Eduardo Nunes levaram-no, ainda mentalmente lúcido, a nomear, a 17 de janeiro de 1920, governador da arquidiocese de Évora e da diocese de Beja, o cónego José Maria da Cruz Simeão.

Dois meses depois e com o agravamento da doença, D. Augusto Eduardo Nunes, decidiu escrever ao Núncio Apostólico comunicando-lhe o seu estado de saúde e, por essa razão, pedia-lhe um Bispo coadjutor com direito a futura sucessão, ou um Bispo auxiliar. Na mesma carta indicou um nome, o padre José Alves Correia da Silva, e apresentou as razões dessa sugestão:

“ [...] além de outras razões porque me consta que possui alguns bens próprios, o que facilitaria muito a sua acção aqui onde não há grandes esperanças de obter dos Diocesanos recursos necessários⁴⁰.”

Contudo, no dia 20 de abril o Núncio comunicou-lhe que a pessoa indicada já havia sido nomeada bispo da diocese de Leiria⁴¹ e que o seu sucessor seria D. Manuel Mendes da Conceição Santos⁴².

³⁸ COELHO, Francisco Senra – *D. Augusto Eduardo Nunes: Professor de Coimbra – Arcebispo de Évora*, Lisboa: Paulus, 2010, p. 171.

³⁹ *Idem, ibidem*, p. 171.

⁴⁰ COELHO, Francisco Senra, *op. cit.*, p. 173.

⁴¹ Sobre este assunto cf. AZEVEDO, Carlos A. Moreira de, *Fátima – Das Visões dos Pastorinhos à Visão Cristã*. Lisboa: Esfera dos Livros, 2017. Além de uma (re)leitura crítica sobre os acontecimentos de Fátima, o autor, graças à consulta de documentação inédita no Arquivo Secreto do Vaticano, concluiu que o atraso na escolha do novo bispo de Leiria se deveu à rejeição de alguns nomes e a aspetos burocráticos, isto é, em nenhum momento do processo de escolha do padre José Alves Correia da Silva para bispo de Leiria – que aconteceu em 1920, três anos após o fenómeno de Fátima e dois anos após a restauração da diocese –, os acontecimentos de Fátima foram citados.

Este último soube da sua nomeação em audiência particular com o Papa, a 20 de maio, durante uma peregrinação a Roma⁴³. Na crónica “De Regresso”, que escreveu para o seu povo, afirmava:

“Esperava-me na primeira das audiências uma surpresa dolorosa: Sua Santidade notificou-me que me ia transferir de diocese [...] Sua Santidade, porém, respondeu-me que era preciso ir cultivar outro campo. Curvei a cabeça, como era do meu dever, e disse-lhe muito simplesmente: Vossa Santidade manda, e eu obedeco”⁴⁴

Na verdade, a 4 de junho desse ano, foi nomeado coadjutor, com direito a futura sucessão, do referido arcebispo de Évora. Porém, não chegou a exercer o cargo, pois D. Augusto Eduardo Nunes viria a falecer a 11 de julho desse ano, após meses de cruel sofrimento. Assim, pela Bula *Commissum Humilitati Nostrae*, de 24 de julho de 1920⁴⁵, D. Manuel Mendes da Conceição Santos foi nomeado arcebispo de Évora, entrando solenemente na arquidiocese eborense, a dia 11 de fevereiro do ano seguinte, no aniversário da aparição de Nossa Senhora de Lourdes, de que era devoto. A despedida formal da sua antiga diocese, ocorreu a 9 de janeiro de 1921⁴⁶.

2. D. Manuel Mendes na Arquidiocese metropolitana do Sul

A entrada solene, a 11 de fevereiro de 1921, não foi verdadeiramente festiva como se desejava. Motivos de variada ordem dificultaram a grandiosidade que o momento requeria, entre os quais se podem apontar as adversas circunstâncias políticas desse tempo e as condições atmosféricas do dia. Deste modo, o programado cortejo solene – da igreja de S. Francisco para a Sé – não se concretizou, tendo-se paramentando na Capela de Santa Helena⁴⁷

⁴² Idem, *ibidem*, p. 173.

⁴³ Cf. Apêndice Fotográfico – Fig. 3.

⁴⁴ GOMES, J. Pinharanda, *op. cit.*, p. 242.

⁴⁵ Cf. Moreira, M. de F.S.P., *A Igreja na Sociedade na Perspectiva de D. Manuel Mendes da Conceição Santos*, in *Igreja Eborense*, Boletim de Cultura e Vida da Arquidiocese de Évora, Évora, 2004, p. 17.

⁴⁶ Cf. SILVA, D. Francisco Maria da, *op. cit.*, pp. 83-91.

⁴⁷ Já não existe. Foi destruída porque se encontrava encostada à muralha do claustro.

e daí saiu diretamente, em cortejo litúrgico, para o interior da Sé. Não faltaram os previstos insultos e ameaças, mas dirigidos, por engano, ao então bispo eleito de Beja, D. José do Patrocínio Dias⁴⁸.

Estas circunstâncias foram testemunhadas por D. José da Cruz Moreira Pinto, bispo de Viseu, no elogio fúnebre de D. Manuel Mendes, pronunciado nas comemorações do trigésimo dia:

“Há trinta e quatro anos, batia às portas desta cidade um peregrino. Era em 1921. A vida nacional não sorria de paz e de prosperidade. E tão conturbada ela caminhava, que teve uma insurreição de sangue em 19 de outubro desse mesmo ano. A Nação e o Estado tinham perdido o caminho da sua história. Daí, o povo, alucinado e incompreensivo, não sabendo onde estavam as causas da sua desgraça, conjecturava que o mal vinha daqueles que estavam investidos em qualquer autoridade. Em 19 de outubro matou os pais da Pátria.”

Antes, em 11 de fevereiro, ao entrar este peregrino na cidade de Évora, esta gritou uivante: *Nolumus hunc regnare super nos* – não queremos que este reine sobre nós. Foi esta a entrada solene de D. Manuel Mendes da Conceição Santos, na cidade de Évora, em 11 de fevereiro de 1921⁴⁹.

2.1. A situação religiosa da Arquidiocese

O Alentejo careceu de evangelizadores e, conseqüentemente, de evangelização num período superior a dois séculos. Esta carência deveu-se à expulsão dos Jesuítas de todos os territórios portugueses, em 1759, aos quais se encontrava confiado o pastoreio de uma parte considerável do Alentejo e, posteriormente, à expulsão das Ordens Religiosas, em 1834. Assim, não havendo clero secular, o Alentejo sofreu uma profunda descristianização, tornando-se numa ‘seara árdua de trabalhar’⁵⁰.

⁴⁸ Cf. Documentos duma Vida Apostólica. Vol. I: *Seminário e Acção Pastoral (Aos Sacerdotes)*, Edição do Centro de Estudos de «D. Manuel Mendes da Conceição Santos», Évora: Gráfica Eborense, 1958, p. 15.

⁴⁹ Idem, *ibidem*, p. 224.

⁵⁰ GOMES, J. Pinharanda Gomes, *op. cit.*, p. 249.

Com feito, a realidade eclesial da Arquidiocese não era a melhor, em nenhum aspeto. Vejamos: terminara o episcopado do cognominado Arcebispo-Mártir, D. Augusto Eduardo Nunes, que tudo fora para todos mas que, não obstante, sofreu muitíssimos e fortes desgostos⁵¹. Por outro lado, o clero escasseava na Arquidiocese e a maioria dos sacerdotes diocesanos vivia de forma indisciplinada ou canonicamente irregular; não havia seminaristas; os fiéis ou não tinham ou possuíam muito pouca formação doutrinal, sem prática religiosa ou qualquer ligação à Igreja enquanto comunidade⁵²; a Arquidiocese estava desprovida de congregações religiosas e espoliada de bens materiais. A título de exemplo, refira-se que o novo Arcebispo recebeu do Vigário Capitular, aquando da sua posse, apenas mil escudos, para fazer face a todas as despesas com que se viu confrontado.

Perante esta situação deplorável, D. Manuel Mendes empreendeu a sua acção pastoral, tendo como objetivo primordial a revitalização da Arquidiocese decaída, como abordaremos posteriormente, ao analisarmos os pilares fundamentais da reforma pastoral que empreendeu: a formação e santificação do clero e dos seminaristas; a instrução/ formação dos seus fiéis; a luta pela devolução dos bens que o Estado confiscara e a compra de outros bens imóveis⁵³.

2.2. Alocução na entrada solene, em Évora

A determinação e intrepidez do Arcebispo está bem patente na apresentação dos seus propósitos de acção pastoral, constantes da sua primeira alocução, proferida no púlpito da catedral eborense, a 11 de fevereiro de 1921. Nas palavras proferidas e posteriormente

⁵¹ Cf. COELHO, Francisco Senra, *op. cit.*, pp. 113-174.

⁵² Numa carta dirigida aos seus presbíteros, em agosto de 1921, D. Manuel Mendes, afirma: “Não é raro ouvirem-se lamentos sobre a situação dolorosa em que a Igreja se encontra, sobre o abandono em que vivem as almas, enervadas e como que estagnadas numa inércia, numa indiferença que chega a fazer calafrios. Estão desertos os templos, os fiéis não procuram os sacramentos, não fazem caso do sacerdote, morrem como pagãos sem pedirem os socorros da religião e sem se prepararem para a grande viagem da eternidade, e a geração nova, as crianças crescem ao *Deus-dará*, sem aprenderem um ponto de doutrina e até mesmo sem receberem o baptismo.” (Documentos duma Vida Apostólica. Vol. I: *Seminário e Acção Pastoral (Aos Sacerdotes)*, *op. cit.*, p. 137).

⁵³ *Idem, ibidem*, p. 16.

comentadas por um dos seus principais biógrafos, D. Manuel Mendes da Conceição Santos recorda o passado e toma consciência do presente:

“[...] são tão débeis as minhas forças, tão tremenda a minha missão de que venho encarregado, que, se um Alentejo divino me não amparasse, eu deveria sucumbir de desânimo⁵⁴” – para assim poder alertar as consciências para o mundo novo que se aproxima, o qual deve ser construído seguindo a voz da verdade que aponta aos povos o caminho da salvação: “é a voz da Igreja, mensageira de Cristo e continuadora da sua missão na terra⁵⁵”. A Igreja aponta o caminho da paz e é esse caminho que D. Manuel Mendes, como ministro de Deus, se propõe ensinar: “é para anunciar o Evangelho que eu venho, para lançar ao seio das multidões famintas de pão e de paz o seu pregão de amor⁵⁶”.

Afirma que a sua principal missão é a formação religiosa, o amparo das almas e o inculcar do espírito de caridade nos fiéis a ele confiados, ou seja, a centralidade do Evangelho como reposta para os anseios de paz e fome de pão. D. Manuel Mendes reconhece, aliás, que a fé na alma alentejana não está morta, apenas está amortecida:

“[...] basta soprar na cinza para que a chama crepite e se erga com todo o seu esplendor”⁵⁷.

Esta convicção foi, como veremos nos capítulos seguintes, o elemento chave que lhe permitiu concretizar a sua missão na planície alentejana. Chave esta que, colocada na porta das tradições conservadas nas famílias e nas povoações, abrirá muitas almas alentejanas à revitalização da sua fé.

Por fim, termina a sua alocução, consagrando ao Sagrado Coração de Jesus e à Virgem Imaculada o seu episcopado. Dois aspectos são de ressaltar: a grande devoção e entusiasmo pessoal do novo Arcebispo e a grande devoção ainda viva, mas latente, do coração dos alentejanos. Entenda-se, sempre estiveram presentes na alma alentejana essas mesmas devoções pelo que será através delas que D. Manuel Mendes irá conseguir despertar a fé, a

⁵⁴ Idem, *ibidem*, p. 9.

⁵⁵ Idem, *ibidem*, p. 10.

⁵⁶ Idem, *ibidem*, p. 10.

⁵⁷ Idem, *ibidem*, p. 13.

instrução religiosa, o amor à Igreja e a Deus no coração daqueles que pareciam acreditar pouco e que viviam na ignorância religiosa, muitos deles por falta de quem os pastoreasse.

2.3. Aversão que se transforma em devoção

Existem dois documentos⁵⁸ do ano de 1922, da autoria de dois Jesuítas, o Pe. Manuel Ferreira e o Dr. Raul Sarreira, que são breves relatos das suas missões no Alentejo, dirigidos ao Padre Provincial da Companhia de Jesus. Estes documentos retratam a realidade religiosa vivida no Alentejo no início do episcopado de D. Manuel Mendes. Contudo, limitar-nos-emos à análise de apenas um deles.

Na carta escrita pelo Pe. Manuel Ferreira encontramos, logo no início, um diálogo deste com o Arcebispo, em Torres Novas, que se revela precioso ao descrever muito bem qual a situação religiosa de então. Assim escreve o Pe. Manuel Ferreira:

“[...] Aí disse-me S. Ex.^a que o fim oficial que me levava ao Alentejo era pregar na solenidade da Paixão em Pavia e Cabeção, no concelho de Mora. Porém que me encarregava da missão especial de fazer conhecer a Deus àquele bom povo, em grande maioria, pior que abandonado.

- Quer então V. Ex.^a que lhes dê uma missão?
- Nem falar nisso é bom; eram capazes de o matar...
- Então será melhor dar-lhes uns exercícios disfarçados?
- Não, pois não estão preparados para isso. Entre eles reina a mais crassa ignorância em matéria religiosa, agravada com a intensa propaganda anti-religiosa dos últimos tempos. Veja se lhes faz conhecer a Deus; depois virá o resto.”

De facto, através deste diálogo verificamos duas coisas: que a “ignorância religiosa” era enorme, devido ao abandono a que estava há muito votado pela falta de uma presença eclesial e ação missionária significativa, e que a “questão religiosa” ainda não acalmara, pelo que não era aconselhável referir-se expressamente a “missões populares” ou “exercícios espirituais”, que poderia suscitar a reação por parte das populações.

⁵⁸ Encontram-se na íntegra em: SILVA, D. Francisco Maria da, *op. cit.*, pp. 105-115.

Realmente a prática religiosa era diminuta pois, quando chegou a Pavia, a Igreja encontrava-se aberta e vazia e, na primeira missa que aí celebrou, apenas participaram aproximadamente 20 pessoas. Prosseguiu o seu relato e, ao segundo dia, a Igreja ficou regularmente cheia, mas:

“[...] todos falavam e riam desenfasiadamente como se estivessem na própria casa”, ou seja, é fácil compreender que aquele povo não tinha por hábito celebrar a Eucaristia.

No quarto dia, relata o Pe. Manuel:

“[...] fui para a igreja a fim de celebrar, mas com grande espanto meu vi que vinha acudindo bastante povo. Um pediu-me para o confessar [...] e vieram muitos, os quais já há muito tempo o não faziam [...]. No fim, uma família veio pedir-me para lhe entronizar o Sagrado Coração no lar doméstico [...]”.

Os acontecimentos repetiram-se em povoações próximas, como Cabeção e Montemor-o-Novo, terras por onde passou.

Em suma, podemos constatar que o povo alentejano vivia numa aparente aversão à Igreja, influenciada pela grande ignorância em matéria religiosa e pela propaganda anti-religiosa⁵⁹, embora vivesse desse modo porque, acima de tudo, «andavam como ovelhas sem pastor». O Pe. Manuel corrobora esta leitura, ao concluir a carta, afirmando que se retirou:

“[...] com o coração cheio de mágoa, vendo o estado de abandono em que se encontra aquele povo que, cultivado, me pareceu o melhor povo de Portugal, pois ainda que é de natural frio, é também muito constante. Seja prova disto a fé que ainda conservam, não obstante não terem omitido nada daquilo que faz perder a fé aos povos e às nações [...]”.

D. Manuel Mendes inspirou esta leitura da realidade feita pelo padre Manuel Ferreira e, em função dela, como analisaremos posteriormente, irá desenvolver uma das principais vertentes da sua ação pastoral: o incremento das vocações sacerdotais e, conseqüentemente, o aumento do clero e da sua formação, em ordem a assegurar a formação e assistência religiosa dos fiéis.

⁵⁹ Pior que a ignorância do povo era a maldade organizada ao sabor da ideologia política pelos jornais, organizações, pelas autoridades locais e outros. (Cf. SILVA, D. Francisco Maria da, *op. cit.*, pp. 115-116).

3. O Pensamento teológico-pastoral do Arcebispo⁶⁰

Em toda a acção pastoral de D. Manuel Mendes da Conceição Santos constatamos a presença de uma visão pastoral renovadora, ou seja, embora seguindo a linha doutrinal e eclesiológica vigente, foi-lhe possível desenvolver novas modalidades de acção, em ordem à evangelização das populações.

Os aspectos doutrinários mantiveram-se, como referido, na linha das orientações saídas do primeiro Concílio do Vaticano (1869-1870) e das diretrizes emanadas pelos Papas subsequentes, com particular ênfase para Pio XI e Pio XII. Neste contexto, afirmou a concepção hierárquica e jurídica da Igreja constituída por uma estrutura piramidal, onde no vértice se encontrava o Papa, depois os Bispos e os Presbíteros porque na hierarquia eclesiástica residia, de modo visível, a autoridade vinda de Deus⁶¹. Este pensamento, explicitou-o, de forma detalhada, num sermão quaresmal:

“[...] a autoridade na Igreja, sendo em si invisível, [...] corporiza-se por assim dizer nos homens que Ele escolheu para depositários do seu poder e executores do seu plano governativo. [...] a hierarquia é a séria ordenada e graduada dos Pastores que o Divino Salvador constituiu em autoridade para reger a sua Igreja, e com eles os sacerdotes que sob a autoridade dos Bispos ensinam os fiéis e lhes ministram os Sacramentos. A hierarquia é o arcabouço da Igreja, travejamento formidável e esplendoroso que a mantém firme e a torna indestrutível [...]”⁶².

Nele, recorreu ainda às imagens da barca e do edifício construído sobre a rocha para fundamentar a autoridade dos ministros ordenados que, apesar das suas fragilidades, não permitiam que a barca se afundasse. Ou seja, Deus, timoneiro que a orienta e solidifica, confiou aos ministros ordenados a missão de vencer nas crises, congregar, reunir e curar⁶³.

⁶⁰ O estudo do pensamento teológico-pastoral de D. Manuel Mendes da Conceição Santos não se encerra na reflexão feita neste apartado, desenvolvendo-se ao longo do estudo que ora se apresenta.

⁶¹ Cf. MOREIRA, M. de F.S.P., *op. cit.*, p. 59.

⁶² Cf. Documentos duma Vida Apostólica. Vol. III: *Arauto do Evangelho (Sermões quaresmais – Mensagens de fim de Ano e outras Alocuções)*, Edição do Centro de Estudos de «D. Manuel Mendes da Conceição Santos», Braga: Oficinas Gráficas Pax, 1961, p. 4.

⁶³ Cf. *Idem, ibidem*, pp. 4-7.

Assim, como o pastor guarda o seu rebanho dá-nos Deus pastores segundo o seu coração (Cf. Jer 3,15).

Nesta linha de pensamento, acrescenta que a Igreja é detentora do poder espiritual que lhe é próprio e ao qual o Homem está sujeito⁶⁴. Desse modo, os fiéis são aqueles que têm o direito de receber os sacramentos e os ensinamentos da Igreja, que os orienta em linha a alcançar a vida eterna⁶⁵.

Anos mais tarde, a visão eclesiológica preconizada por D. Manuel Mendes seguiu a orientação definida na Encíclica *Mystici Corporis Christi*, de Pio XII, em 1943. Essa linha de pensamento, que se revelou, em grande medida atual, aquando da realização do segundo Concílio do Vaticano⁶⁶, prevalece bastante pertinente nos dias de hoje. Aliás, as palavras de D. Manuel Mendes são sintomáticas quando reflete sobre este assunto:

“[...] a realização visível desse corpo é a Igreja Católica, na qual Cristo vive, na qual Cristo fala, na qual Cristo regenera, na qual Cristo ensina, na qual e pela qual Cristo continua a espalhar sobre a terra as bênçãos e as consolações de que a sua vida mortal deixou rasto luminoso e indelével. Se a Igreja Católica é Cristo continuando no mundo a sua missão de amor, nós, membros da Igreja Católica, somos membros de Cristo, que é, a vida da nossa vida [...]”⁶⁷.

Se a Igreja é santa, também os seus membros podem ser santos. De facto, o tema da santidade encontra-se presente muitíssimas vezes nos seus discursos ou reflexões. A este propósito, e referindo-se aos primeiros tempos da vida da Igreja, a que haveria que ir buscar inspiração (o caminho da santidade é possível a todos, sendo que o essencial está numa conversão verdadeira), afirmou que a santidade:

⁶⁴ Cf. Idem, *ibidem*, p. 3.

⁶⁵ Cf. Idem, *ibidem*, p. 12.

⁶⁶ Cf. MOREIRA, M. de F.S.P., *op. cit.*, pp. 60-61.

⁶⁷ Cf. Documentos duma Vida Apostólica. Vol. III: *Arauto do Evangelho (Sermões quaresmais – Mensagens de fim de Ano e outras Alocuções)*, *op. cit.*, p. 152.

“[...] recruta-se entre os escravos, provém das classes livres, colhe adeptos na aristocracia, agrega soldados e operários, abrange os ignorantes que não sabem ler, incorpora os sábios [...]”⁶⁸.

Com efeito, a acção pastoral do Arcebispo, quer ao nível de discursos, quer ao nível das práticas pastorais encontradas para a evangelização tem, desde sempre, subjacente um aspeto fundamental: preocupação com todos, e uma abertura aos sinais dos tempos. Foi constante a preocupação em manter-se informado a respeito dos acontecimentos que decorriam não só na sua Arquidiocese, como no país e no mundo, uma vez que a Igreja era chamada – tal como hoje – a aproximar-se da sociedade e a acompanhar o Homem.

De acordo com o Prelado eborense, o afastamento de muitos deveu-se à falta de assistência religiosa, considerando imperativo a prática de uma “renovação” com vista à formação dos crentes, através da sua mobilização e inserção na sociedade. Observava a necessidade de cada um testemunhar a sua fé, expondo devidamente a doutrina e coadunando a vida religiosa, moral e social, revelando o rosto misericordioso de Deus. Por outro lado, a concepção de uma Igreja que não olha às condições sociais e que está junto dos mais pobres, pregando, muitas vezes, sobre a justiça e a caridade.

D. Manuel Mendes soube, por isso, renovar a vida religiosa da Arquidiocese com a implementação de diferentes modalidades ou vertentes de acção pastoral, apoiada em diferentes. Esta renovação concretizou-a, em primeiro lugar, através duma pastoral de proximidade da qual, ele próprio, se tornou o protótipo. Em segundo lugar, pela prioridade dada ao recrutamento de seminaristas e à formação do seu clero. Num terceiro momento, depois de aumentar um pouco o número de pastores formados, que vivessem em situação canónica regular, e do esforço empreendido por inserir variadas congregações religiosas no território arquidiocesano, seria possível satisfazer as principais necessidades das suas paróquias. Desse modo, pôde dinamizar o anúncio da Palavra, promover a prática sacramental

⁶⁸ Cf. MOREIRA, M. de F.S.P., *op. cit.*, p. 61.

e apoiar ou desenvolver as tão conhecidas missões internas. A disseminação, pelo território a si confiado, de vários movimentos religiosos, como o Apostolado da Oração, oferecia uma forma de enquadramento religioso dos setores católicos mais ativos. Por último, a devoção a Nossa Senhora, tão enraizada no coração do povo alentejano, conjugando com outras devoções próprias da época, permitiu-lhe fomentar o culto mariano, fazendo das procissões locais e das peregrinações a Fátima ou a Vila Viçosa um dos eixos da sua ação pastoral, prática que se alicerçava também nas suas vincadas devoções pessoais.

Em suma, uma “pastoral da mobilização”, visível na realização do mês de Maria e na organização de grandes peregrinações mobilizadoras dos fiéis, tendo por base um conjunto de atividades cuidadosamente preparadas. Antecedidas por pregações, missões e por uma revitalização da prática sacramental, nomeadamente os sacramentos da Reconciliação, Eucaristia, Batismo e Matrimónio, as peregrinações pretendiam mobilizar e reunir os fiéis “em multidões”, fomentando o fervor da fé que parecia esmorecido e demonstrando assim que o catolicismo ainda se demarcava ou tinha peso no meio social alentejano.

CAPÍTULO II – Estratégia de Ação Pastoral

A estratégia de ação pastoral de D. Manuel Mendes repercutiu-se na ação inspirada por uma desejada “renovação”. Contudo, importa mencionar que esta não constituiu um bloco isolado no que respeita à perspectiva da restauração cristã da sociedade pelo episcopado português. Entenda-se, aos mesmos objetivos se propuseram todos os bispos para conseguir alcançar a finalidade pretendida. Porém, o que diferenciou a acção de cada bispo foi a forma como aplicou os referidos propósitos na sua diocese.

Neste sentido, a pregação, a renovada formação do clero, o maior envolvimento e protagonismo dos fiéis leigos, as missões populares, a designada “boa imprensa”, entre outros, tornaram-se meios indispensáveis para que o Prelado pudesse encetar os seus propósitos de recristianização ou evangelização da sua diocese. Assim, embora recorrendo a novas metodologias, notam-se algumas linhas de continuidade do catolicismo português neste período como, por exemplo, a nível das grandes devoções contemporâneas, da importância dada à pregação, da reorganização da catequese e das campanhas pelo aumento da prática sacramental⁶⁹.

1. Recrutamento, formação e valorização do clero

1.1. Seminários diocesanos e vocações

Com a expulsão dos Jesuítas e o conseqüente encerramento da universidade e do Colégio da Purificação, em 1759, a província alentejana viu-se desprovida do grande centro de formação do clero alentejano. Vinte e cinco anos mais tarde, D. Maria I, numa tentativa de contrariar essa tendência, confiou o edifício do Colégio da Purificação aos Padres Lazaristas

⁶⁹ Cf. FONTES, Paulo F. de Oliveira – “O Catolicismo português do século XX: da separação à democracia”. In *História Religiosa de Portugal*, Dir. Carlos Moreira Azevedo, Círculo de Leitores, Lisboa, 2001, Vol. III, pp. 129-135.

(Vicentinos), com o intuito de nele se formarem os presbíteros destinados à evangelização da extensa planície alentejana.

Contudo, a vida do Seminário da Santa Cruz ou da Congregação da Missão, como então se chamava o Colégio da Purificação, foi bastante efémera sendo extinto, juntamente com as demais ordens religiosas, por decreto de 28 de maio de 1834. A situação, todavia, apenas foi alterada com o arcebispo D. Frei Francisco da Mãe dos Homens Anes de Carvalho (1846-1859), ao restaurar o Seminário diocesano, instalando-o provisoriamente no Convento do Carmo, em 1850 e, quatro anos mais tarde, ao devolvê-lo ao Colégio da Purificação.

A relativa normalidade conseguida pelo arcebispo D. Frei Francisco Mãe dos Homens durante cerca de sessenta anos foi, de novo, perturbada, desta vez pelos “ventos republicanos”, que paulatinamente se difundiam pelo país. A diminuição do número de seminaristas nos dois Seminários em funcionamento na Arquidiocese de Évora⁷⁰ foi uma das consequências mais evidentes⁷¹. Por outro lado, a 20 de abril de 1911, com a Lei da Separação do Estado e da Igreja, o Estado confiscou todos os Seminários portugueses e todos os seus bens⁷², à exceção de quatro⁷³: Santarém, Braga, Évora e Coimbra.

Uma exceção que se deveu, estamos em crer, à necessidade de contrariar a formação dispersa, centralizando-a em alguns “polos” que seriam definidos consoante a sua importância. Nesse sentido, não foram confiscados os Seminários de Braga porque se situava no norte do país e na Arquidiocese Primaz; de Évora, por idênticas razões, ao situar-se a Sul, constituía a Metrópole religiosa do Sul; de Coimbra, pela sede da antiga Faculdade de Teologia e, por último, o Seminário de Santarém, porque pertencia ao Patriarcado de Lisboa.

⁷⁰ Com a extinção da diocese de Elvas, em 1881 e a integração de parte substancial do seu território na arquidiocese de Évora, inclusivamente a antiga sede episcopal, a arquidiocese passou a dispor de dois seminários em funcionamento para a formação do seu clero.

⁷¹ Por exemplo, no ano letivo de 1909-1910, os Seminários da Purificação e de Elvas eram frequentados por 32 e por 15 alunos, respetivamente. No ano letivo seguinte, se o primeiro ficou reduzido a menos de metade do corpo discente (13), o segundo acabou por encerrar por não ter alunos.

⁷² LAVAJO, Joaquim Chorão. Évora. In *Dicionário De História Religiosa De Portugal*. Dir. Carlos Moreira Azevedo, C – I, Círculo de Leitores, Lisboa, 2000, p. 216.

⁷³ Ficaram abertos sem pagarem renda durante cinco anos.

Contudo, estes quatro Seminários também foram espoliados dos seus bens⁷⁴, ainda que o edifício tivesse permanecido na posse da Igreja.

Mais tarde, a 26 de fevereiro de 1917, decorridos os cinco anos sobre a concessão gratuita do edifício, o então Vice-Reitor do Seminário, Pe. Virgílio Pita Domingues, obteve o arrendamento do edifício até conseguir, a 20 de setembro de 1918, a sua cedência gratuita definitiva⁷⁵.

As provações foram imensas, tanto para o Seminário, como para os seminaristas e os seus responsáveis. O normalizar das relações da Igreja com o Estado amenizou, no entanto, um pouco as consequências nefastas do jacobinismo republicano. Desse modo, foi possível reaver não só o edifício, como referido anteriormente, como recuperar parte substancial da biblioteca (1928). O mesmo não aconteceu com todo o espólio de valor artístico, que foi incorporado no Museu Regional ou os 312 foros e pensões que possuía ao reverterem em favor da Fazenda Nacional. Contudo, se os danos materiais foram enormes, as consequências de natureza espiritual não foram menores pelo abandono do Seminário de muitos seminaristas: uns, por não lhes ser permitido legalmente o ensino de preparatórios, e outros, amedrontados, pelo “rugir da procera jacobina”⁷⁶. Registe-se, a título de exemplo, que entre 1910 a 1920, apenas foram ordenados três presbíteros⁷⁷.

Com efeito, em consequência de todos os acontecimentos verificados, surgiram, como seria de esperar, grandes dificuldades económicas. Várias tentativas houve para remediar a questão como, por exemplo, o adiamento da abertura do letivo para o mês de dezembro, nos anos letivos de 1919-1920 e de 1920-1921, aproveitando as novenas de Nossa Senhora da Conceição (1920), na Catedral e de Nossa Senhora da Purificação (1921), no Seminário para

⁷⁴ Mobiliário, ourivesaria, tapeçaria, e livros do Seminário de Évora, tudo foi incorporado na Fazenda Pública, a 13 de julho de 1911.

⁷⁵ A cedência apenas se efetivou juridicamente, com a assinatura da Concordata entre Portugal e a Santa Sé, a 7 de maio de 1940.

⁷⁶ Cf. SILVA, D. Francisco Maria da, *op. cit.*, p. 97.

⁷⁷ Joaquim Ribeiro, Francisco António Rodrigues e Joaquim Augusto da Silva Cerca.

que, através dos donativos angariados, fosse possível assegurar, ainda que parcamente, a sua sustentação⁷⁸.

Era esta, portanto, a difícil situação em que se encontrava o Seminário aquando da entrada de D. Manuel Mendes da Conceição Santos⁷⁹.

1.1.1. D. Manuel Mendes da Conceição Santos e o Seminário

Os textos redigidos de forma contínua por D. Manuel Mendes, dirigidos ao seu Presbitério, a respeito da causa do Seminário – posteriormente reunidos na obra “*Documentos duma Vida Apostólica*” –, sintetizam o seu pensamento nesta matéria e corporizam uma acção continuada, que se repercutiu num significativo aumento das vocações sacerdotais e, conseqüentemente, no número do clero eborense. O Prelado tinha bem definida a função do Seminário e o modelo de padre, que gostaria de formar:

“[...] não é um albergue para os pobres, não é um asilo onde se acode à miséria, não é mesmo simplesmente um colégio onde se ensinam rapazes: um Seminário é uma casa de formação, é, por assim dizer, um grande laboratório onde se prepara a mentalidade e o sentimento daqueles que hão-de ser em breves anos os educadores do povo, os arautos dos sentimentos divinos, os distribuidores dos dons celestes, os guias das almas, os confidentes das dores humanas mais íntimas e mais pungentes [...]”⁸⁰.

Desse modo, define o Seminário não como um albergue ou colégio, mas como uma casa de formação daqueles que, sendo padres, serão os educadores do povo, distribuidores das graças de Deus, confidentes e guias.

Contudo, ao tomar posse da Igreja eborense, D. Manuel Mendes da Conceição Santos encontrou, de facto, uma situação muito difícil relativamente ao Seminário diocesano. Numa

⁷⁸ Cf. SILVA, D. Francisco Maria da, *op. cit.*, pp. 96-97.

⁷⁹ Conquanto, o Arcebispo tendo consciência da situação, nos seus apontamentos espirituais de 1932, traça os seus propósitos em relação ao Seminário: “[...] procurarei demorar-me o mais possível em Évora. Vou tornar mais assídua e intensa a minha assistência ao Seminário, vigilância, conferências e instruções. Em vista da falta de pessoal, sacrificarei outros serviços para que antes de mais nada o Seminário seja provido” (SILVA, D. Francisco Maria da, *op. cit.*, p. 136).

⁸⁰ Documentos duma Vida Apostólica. Vol. I: *Seminário e Acção Pastoral (Aos Sacerdotes)*, *op. cit.*, p. 96.

missiva dirigida ao seu clero, em julho de 1921⁸¹, o novo Arcebispo, consciente das ruínas materiais e espirituais e das nefastas consequências da falta de seminaristas para a Arquidiocese, referia:

“[...] entre as várias preocupações que me absorvem a atenção e me dominam o espírito nenhuma sobrepõe talvez ao problema da renovação das fileiras sacerdotais, do recrutamento do clero [...]. A falta de sacerdotes é já hoje o espinho talvez mais pungente da minha vida episcopal, não é sem justificada ansiedade que encaro o dia de amanhã e pergunto a mim mesmo o que será desta diocese quando novas clareiras se abrirem e o quadro dos pastores, já hoje tão restrito, se reduzir mais ainda [...]”⁸².

Com feito, dadas as circunstâncias, não desanimou e atuou no sentido de sustentar o “viveiro onde se criam e educam os sacerdotes de amanhã”⁸³, através dos meios possíveis: donativos e orações. Neste sentido, perante a nudez e o desmantelamento do Seminário, pede que os seminaristas ou um benfeitor, no caso do seminarista não dispor de meios para tal, que mobilem os respetivos quartos⁸⁴.

A vertente espiritual não é descurada, procurando intervir no reduzido número de seminaristas e o recrutamento das vocações. No ano letivo 1920-1921, o Seminário era frequentado por vinte e quatro alunos, número exíguo tendo em consideração as dimensões da Arquidiocese. Assim, o novo Arcebispo implementou, entre outras, um conjunto diretrizes tendo em vista o aumento do número de vocações. Entre outras, refiram-se: a valorização e apelo ao exemplo dos presbíteros; a procura, entre os jovens da catequese, daqueles que mais se distingam pela sua piedade ou, junto das famílias cristãs, os que demonstrassem vocação para o sacerdócio, animando-os e aconselhando-os a seguirem a sua vocação no sentido de ingressarem no Seminário.

⁸¹ É a primeira de uma série de oito cartas dirigidas ao clero sobre o Seminário, publicadas no *Boletim Eborense*, órgão oficial da Arquidiocese, até maio de 1928.

⁸² Documentos duma Vida Apostólica. Vol. I: *Seminário e Acção Pastoral (Aos Sacerdotes)*, *op. cit.*, p. 23.

⁸³ *Idem, ibidem*, p. 24.

⁸⁴ Principalmente os seminaristas oriundos do Norte, onde D. Manuel Mendes iniciara recrutamento de vocações fora da Arquidiocese.

A estratégia delineada por D. Manuel Mendes, tendo em vista colmatar a escassez de vocações, daria frutos, como teremos oportunidade de constar mais adiante, mas apenas alguns anos mais tarde. A necessidade de padres, porém, era premente pelo que sentiu necessidade de recorrer a outras regiões do país, como o Minho, Douro e Beiras para recrutar estudantes para o Seminário que ficariam ligados à Arquidiocese. Assim, das Beiras, ingressaram no Seminário, em outubro de 1921, o primeiro grupo de 17 seminaristas⁸⁵, albergando, no final desse ano letivo, 31 seminaristas pertencentes às dioceses de Évora e sufragânea de Beja, embora a maior parte fosse oriunda da mitra eborense⁸⁶.

O Prelado eborense, dirigindo-se ao seu clero, numa segunda missiva datada em julho de 1922, a propósito da questão do Seminário, considerava que o apelo lançado para a sua sustentação havia conseguido reunir donativos significativos, decorrentes da generosidade dos seus arquidiocesanos e de cristãos de outras dioceses. A vida em comunidade havia começado a processar-se com relativa normalidade, com um número de seminaristas bastante animador, iniciando e terminando o ano letivo nos prazos regulamentares.

Contudo, apesar dos generosos donativos, o problema mais gravoso teimava em persistir: a falta de recursos materiais necessários ao funcionamento de uma casa daquela envergadura. Não obstante as despesas terem ascendido a um valor superior a dezoito contos, muito se havia poupado nesse ano, assinalava o arcebispo, não só com os géneros oferecidos, mas também com os salários dos superiores e professores, que representavam um valor insignificante. Realçava que havia muito trabalho a fazer, sendo necessário que o clero falasse do Seminário aos católicos, lembrando-lhes a falta de recursos de que este carecia. Recordava que não necessitava apenas de dinheiro, mas que cada proprietário, dentro das suas possibilidades, deveria oferecer produtos das suas propriedades, prestando, desse modo, uma

⁸⁵ Cf. Documentos duma Vida Apostólica. Vol. I: *Seminário e Acção Pastoral (Aos Sacerdotes)*, *op. cit.*, pp. 25-32.

⁸⁶ Cf. MENDEIROS, José Filipe – “Pupila e Coração”, In *Alvoradas*, Ano XVII, janeiro – março, 1956, p. 19.

Cf. Apêndice Fotográfico – Fig. 4.

valiosa ajuda ao “viveiro diocesano”. Conclui a mensagem, referindo também, a possibilidade de um benfeitor ou um grupo de benfeitores, que pudessem dispor de uma mesada de apoio ao funcionamento do Seminário⁸⁷.

Em julho de 1923, ao findar mais um ano letivo, dirige-se, pela terceira vez, aos seus “colaboradores” sobre o “milagre patente e visível a todos”, onde afirmava:

“[...] estão fechadas as contas do último ano letivo: o Seminário nada deve, a não ser os favores que lhe têm dispensado os seus bondosos benfeitores, e nomeadamente os seus superiores e professores, que bem se podem dizer o servem de graça [...]”⁸⁸.

De facto, o ano letivo 1922-1923 foi o mais numeroso, no que respeita ao número de seminaristas, perfazendo um total de 50 seminaristas, na sua maioria naturais de outras dioceses (dez dos quais proveniente da diocese de Beja). Em termos socioeconómicos, quase todos eram provenientes de famílias simples, com poucos recursos económicos, de forma que as suas despesas recaíam quase exclusivamente sobre o orçamento do Seminário. Porém, a necessidade de mais vocações, leva-o a reforçar o apelo ao clero, mas também aos católicos, de um modo geral, como agentes dessa missão: todos poderiam contribuir falando do Seminário, do serviço que presta, das suas necessidades; auxiliando com géneros alimentares ou dinheiro e, não menos importante e que estava ao alcance de qualquer cristão, auxiliando através da oração⁸⁹.

Se os aspectos materiais estiveram bem patentes nas primeiras missivas que dirigiu ao clero, a formação moral e espiritual dos seus seminaristas, não deixou de estar presente, todavia, entre as preocupações do prelado eborense. D. Manuel Mendes referia-se, com particular preocupação, relativamente à época de férias, pois era durante esse período que muitos desistiam. O contacto com a sociedade, as poucas ocupações úteis e o facto de estarem

⁸⁷ Cf. Documentos duma Vida Apostólica. Vol. I: *Seminário e Acção Pastoral (Aos Sacerdotes)*, op. cit., pp. 33-38.

⁸⁸ Idem, *ibidem*, p. 40.

⁸⁹ Importa referir que ainda não existia nenhuma organização diocesana de coletas para o Seminário, apenas pessoas dedicadas a esse serviço, assegurando que nada faltasse ao Seminário.

muitas vezes privados de assistência religiosa, constituíam alguns dos motivos apontados para o abandono do seminário. Assim, no sentido de evitar a saída dos jovens seminaristas, procurou adquirir uma casa onde fosse possível realizar “Colónias de Férias”, garantindo, assim, que os seminaristas se mantinham na linha da vivência religiosa, sustentada em comunidade.

Nesse sentido, na quarta carta dirigida ao presbitério eborense sobre o Seminário, em maio de 1924, anuncia que a família Mascarenhas havia cedido o antigo Convento da Luz, em Santiago de Rio de Moinhos (Borba) para o referido desiderato. Pelas palavras do prelado, podemos depreender que terá sido a arquidiocese de Évora a primeira diocese, em Portugal, a realizar uma colónia de férias:

“[...] em alguns seminários do País tem-se adotado a prática de cortar as férias, chamando os seminaristas a um retiro espiritual no meio delas [...] mas para nós não serve, já porque os seminaristas teriam de fazer enormes e dispendiosas viagens, já porque o isolamento espiritual de muitos não ficaria compensado com esta recuperação momentânea. O único remédio para nós é estabelecer uma colónia de férias [...] onde os seminaristas possam ir passar uma temporada debaixo das vistas dos seus superiores, continuando sob uma aliviada vida de comunidade, de modo a não perderem o que durante o ano ganharam, sem que lhes falte honestas distrações e o necessário descanso”⁹⁰.

Contudo, tudo foi transportado de Évora, pois o Convento situava-se longe do Seminário e encontrava-se sem condições de habitabilidade. As dificuldades de deslocação e de instalação levaram o Prelado eborense a pedir ao antigo monarca português, D. Manuel II, então no exílio, a cedência do Convento das Chagas, em Vila Viçosa, que lhe foi cedido contendo o mobiliário, roupas e alfaias, pouco tempo depois de iniciar o ano letivo de 1927-1928. Nele se realizaram as colónias de férias até 1935, quando foi convertido em Seminário Menor⁹¹.

⁹⁰ Documentos duma Vida Apostólica. Vol. I: *Seminário e Acção Pastoral (Aos Sacerdotes)*, *op. cit.*, p. 52.

⁹¹ Cf. SILVA, D. Francisco Maria da, *op. cit.*, p. 98.

Aquela foi uma das novidades que o Arcebispo deu ao clero na sua sétima carta sobre o Seminário, datada de dezembro de 1927. Entretanto, com a mesma finalidade, os alunos do Seminário Maior foram durante três anos para Olhão, onde D. Manuel Mendes conseguira obter a cedência da «vila» de Marim, propriedade de D. Ana Pousão Pereira, viúva do poeta João Lúcio. A estadia no Algarve foi, no entanto, substituída pela aquisição da Quinta de Santo António, em 31 de agosto de 1938⁹².

Com efeito, embora estivesse resolvido o problema da assistência moral aos seminaristas em férias, a questão da sustentação financeira do Seminário mantinha-se. Na quinta carta ao clero sobre o Seminário, renova o apelo à sustentação dos seminaristas e à necessidade de mobilar os seus quartos pois, afirmava o Arcebispo:

“[...] é preciso que o quarto do Seminário seja para o seminarista o modelo do seu futuro quarto de pároco de aldeia, e a sua mesa de estudo o espelho do seu modesto escritório[...]”⁹³.

Deste modo, apontou como meios de acção, que cada pessoa tomasse sob a sua responsabilidade a educação de um seminarista, a possibilidade de mobilar um quarto ou a doação de géneros alimentares.

Além do apelo deixado pelo Prelado, a carta trouxe consigo a criação de um dia próprio para a realização do peditório para o Seminário, fixando-se o dia de Finados – data que ainda hoje se mantém –, tornando-se lei diocesana e, por conseguinte, obrigando à sua realização por todos os sacerdotes, inclusivamente os que não são párocos⁹⁴. O Arcebispo apontava como motivo principal para a escolha desta data, o facto de ser o dia em que, por toda a Arquidiocese, mais fiéis se deslocavam às igrejas. Entretanto, até este momento, a nível diocesano, a data para a concretização do peditório dependia da escolha dos respetivos párocos.

⁹² Cf. MENDEIROS, José Filipe – “Pupila e Coração”, *op. cit.*, p. 22.

⁹³ Cf. Documentos duma Vida Apostólica. Vol. I: *Seminário e Acção Pastoral (Aos Sacerdotes)*, *op. cit.*, p. 72.

⁹⁴ Cf. *Idem, ibidem*, pp. 65-74.

Decorrido um mês é publicada a uma nova missiva, a sexta no cômputo geral e a terceira entre maio e julho de 1925. Nela apresenta um novo meio para recuperar a “grandeza passada”: destinar os legados pios para o Seminário, que nesse ano letivo havia acolhido 80 alunos, 24 dos quais na instrução primária. Tratava-se de renovar e fortalecer a obra existente, pedindo aos crentes sem herdeiros que, nos seus testamentos, não prejudicando ninguém e por sua livre vontade, valessem à Arquidiocese através de consideráveis auxílios. Deste modo, pretendia o prelado, que os legados pios fossem uma forma de combater a pobreza e o desmantelamento existentes no Seminário⁹⁵.

Datada de 25 dezembro de 1927⁹⁶, D. Manuel Mendes publica a sua sétima carta sobre o Seminário⁹⁷. Os frutos começavam a surgir pelo que o seu início expressa otimismo: o número de seminaristas tinha aumentado, sendo mais de setenta o número de alunos na reabertura do Seminário, o que representava um avanço considerável:

“[...] pois embora num dos últimos anos já se tivesse atingido o número de oitenta, há a considerar que dessas duas dezenas pelo menos frequentavam instrução primária, e agora esta aula já não funciona e os alunos mais atrasados seguem já o curso secundário. Começámos enfim a ter novamente o curso teológico, interrompido há bastante tempo por falta de alunos [...]”⁹⁸.

O Seminário não só contava com cinco teólogos, mas também com um seminarista em Roma, no Colégio Português, a estudar filosofia com o intuito de, no ano letivo seguinte, se matricular na Faculdade de Teologia da Universidade Gregoriana. Reabriu-se, assim, o caminho através do qual os seminaristas eborenses podiam transpor a fronteira e deslocar-se até Roma para aí se robustecerem a nível intelectual e humano, afim de, mais tarde, exercerem um ministério fecundo na sua diocese.

⁹⁵ Cf. Idem, *ibidem*, pp. 75-83.

⁹⁶ Cf. SILVA, D. Francisco Maria da, *op. cit.*, p. 99.

⁹⁷ Já a ela nos referimos a propósito da “colónia de férias” no Convento das Chagas.

⁹⁸ Cf. Documentos duma Vida Apostólica. Vol. I: *Seminário e Acção Pastoral (Aos Sacerdotes)*, *op. cit.*, p. 85.

Cf. Apêndice Fotográfico – Fig. 11.

Um outro aspeto positivo se acrescentou à realidade risonha que começava a surgir: a chegada do padre Matêo Crawley-Boevey, apóstolo do Sagrado Coração de Jesus, de quem falaremos mais adiante. Foi precisamente no Seminário, onde ficou hospedado, que começou o seu apostolado com a finalidade de aprender a língua portuguesa fazendo, posteriormente, uma semana de conferências aos seminaristas e pregando-lhes, em seguida, o retiro anual do qual resultaram visíveis frutos de renovação e afervoramento.

Ao findar a carta, o Arcebispo referia-se à conveniência de se formar uma pequena organização em favor do Seminário, à qual competiria a mobilização de coletores que recebessem e canalizassem os donativos. Para tal, pediu colaboração ao clero, a quem deu um prazo de quinze dias⁹⁹, após a receção da carta, para que lhe fosse enviada a nota das comissões ou das pessoas que, nas paróquias a seu cargo, se encarregassem de recolher os donativos para o Seminário. Por esse motivo, no final da carta, foi publicada uma *Portaria* determinando que, em cada paróquia, fosse nomeado um coletor, de acordo com o Pároco, para receber e canalizar os donativos para o Seminário¹⁰⁰.

Duas preocupações estiveram, por isso, sempre presentes na consciência do Arcebispo: a assistência material e moral aos seus seminaristas. Porém, afirma que, embora importante, o fator económico deve passar para um plano secundário, pois a prioridade está em equacionar o problema de ordem moral. Com efeito, é precisamente sobre este assunto que trata a última das suas cartas¹⁰¹ dirigidas ao clero a propósito do Seminário, datada de maio de 1928. Nela lança a ideia de organizar uma «Liga de orações e boas obras»¹⁰², com o

⁹⁹ Alguns padres não respeitaram o prazo fixado pelo prelado. Por esse motivo, lembra o Arcebispo, na carta seguinte, datada de maio, que os presbíteros que não cumpriram o que então ordenara, não devem retardar o cumprimento desse dever (Cf. Documentos duma Vida Apostólica. Vol. I: *Seminário e Acção Pastoral (Aos Sacerdotes)*, *op. cit.*, p. 100).

¹⁰⁰ *Idem, ibidem*, pp. 85-93.

¹⁰¹ Esta foi a última das exortações formais, relativas ao problema do Seminário, publicada no «Boletim Eborense». Este Boletim, tendo deixado de se publicar foi, em parte, substituído pelo jornal «A Defesa». A natureza deste, porém, exigia que os assuntos fossem versados de outra forma. (Cf. Documentos duma Vida Apostólica. Vol. I: *Seminário e Acção Pastoral (Aos Sacerdotes)*, *op. cit.*, p. 103).

¹⁰² Infelizmente não nos foi possível encontrar fontes que nos dessem a “concretização e frutos” desta campanha de auxílio espiritual aos seminaristas.

intuito de aumentar o número de vocações e a sua perseverança, sugerindo a prática de adotar espiritualmente um seminarista, lembrando o exemplo de Santa Teresinha¹⁰³. Essa adoção espiritual seria totalmente anónima, pois o seminarista não conhecia a pessoa que o adotou e vice-versa. Por outro lado, o nome das pessoas que aderissem a essa proposta seria inscrito na Cúria Arquiepiscopal, em livro reservado para o efeito, comprometendo-se, o arcebispo, a tomar a seu próprio cuidado, em primeiro lugar, a responsabilidade de dar a conhecer a essas pessoas os progressos do “seu seminarista” e, em segundo lugar, recomendar ao seminarista “adotado”, que rezasse pelo seu solícito e desconhecido protetor(a). No fundo, propunha-se uma espécie de “intercâmbio espiritual”¹⁰⁴.

Os resultados, fruto da acção do novo prelado, são notórios. Contudo, nesse mesmo ano de 1928, o Seminário sofre um revés com a nomeação do seu Vice-Reitor, o Pe. José da Cruz Moreira Pinto, para bispo de Viseu. Uma perda significativa, se considerarmos a realidade do clero local pois não seria fácil encontrar um substituto.

D. Manuel Mendes, em duas cartas enviadas à Madre Inês de Jesus, com quem se correspondia,¹⁰⁵ referia-se ao assunto. Na primeira, datada de 5 de agosto desse ano, afirmava que:

“[...] o superior do meu Seminário (o maior e o menor) foi nomeado bispo, e não encontro na minha diocese um padre para o substituir. É um grande problema que me faz sofrer, como pode imaginar, e peço ao Céu que venha em meu auxílio. Reze também por esta intenção”¹⁰⁶.

¹⁰³ Trata-se de uma devoção incrementada no Seminário, por D. Manuel Mendes e sobre a qual falaremos mais adiante.

¹⁰⁴ Cf. Documentos duma Vida Apostólica. Vol. I: *Seminário e Acção Pastoral (Aos Sacerdotes)*, op. cit., pp. 95-102.

¹⁰⁵ Irmã de Santa Teresinha, da qual D. Manuel era grande devoto e, simultaneamente, impulsor dessa devoção, como teremos oportunidade de ver mais adiante. Por este motivo, manteve correspondência com Madre Inês de Jesus, entre 1923-1954, ou seja, durante quase todo o tempo do seu episcopado. (Cf. *Correspondência entre o Carmelo de Lisieux e D. Manuel Mendes da Conceição Santos Arcebispo de Évora: Correspondência/Correspondance (1923-1954)*. (Coord. J. Pinharanda Gomes), Lisboa: Filhas de S. Paulo, 2000).

¹⁰⁶ *Correspondência entre o Carmelo de Lisieux e D. Manuel Mendes da Conceição Santos Arcebispo de Évora: Correspondência/Correspondance (1923-1954)*. (Coord. J. Pinharanda Gomes), Filhas de S. Paulo, Lisboa, 2000, p. 49.

Cerca de dois meses mais tarde, a 30 de setembro do mesmo ano, na segunda das missivas que lhe dirigiu, retomou o assunto, lembrando que ainda não havia conseguido um substituto para o padre Moreira Pinto, pedindo-lhe orações e acrescentando:

“[...] recorri ao Santo Padre, e conto com a proteção da Santinha. Há-de aparecer o superior, e um superior devoto do Coração de Jesus [...]”¹⁰⁷.

Na verdade, apelar ao Papa, sobre a questão em causa, surtiu efeito, pois, como resposta a esse pedido, foi nomeado para Vice-Reitor o Pe. Braulio Guimarães, sacerdote lazarista ao qual viria a suceder, mais tarde, o Pe. Manuel Cebolas Folgado¹⁰⁸.

Pouco tempo depois, concluem o último ano académico com a ordenação presbiteral, na Catedral a 6 de julho de 1930, os primeiros seminaristas admitidos no Seminário por D. Manuel Mendes da Conceição Santos: Joaquim Vicente da Costa, Joaquim Cristóvão, Francisco Farinha e Joaquim de Jesus e Silva¹⁰⁹. Apesar de não constituírem as primeiras ordenações que conferiu enquanto Arcebispo metropolitano, o facto é que nos anos que medeiam a sua entrada solene e as referidas ordenações (1921-1930) apenas tinha ordenado quatro seminaristas¹¹⁰.

1.1.2. A criação de um Seminário Menor

Um ano muito importante para a Arquidiocese, no que respeita ao Seminário foi, como referido anteriormente, o da fundação, a título experimental, de um Seminário Menor¹¹¹, no

¹⁰⁷ Idem, *ibidem*, p. 53.

¹⁰⁸ O padre Bráulio Guimarães desempenhou as funções de Vice-Reitor do Seminário de Évora de “janeiro a julho de 1929, a título de empréstimo, apesar dos protestos do Visitador [Superior Provincial] a seu conselho, por imposição da Santa Sé (mediante a Nunciatura de Paris)”. Esta nota – extraída a partir de um breve *Curriculum Vitae* do Padre Bráulio Guimarães existente nos Arquivos da Província Portuguesa da Congregação da Missão –, deixa perceber que o Padre Bráulio Guimarães se encontrava então a desempenhar funções de grande relevo na restauração da Província Portuguesa da Congregação da Missão e os seus superiores não queriam dispensar os seus serviços. Note-se que essa restauração havia começado em 1927, com muitas dificuldades.

¹⁰⁹ Cf. MENDEIROS, José Filipe – “*Pupila e Coração*”, *op. cit.*, p. 23

¹¹⁰ A saber: Luciano José Cutileiro, Francisco Assis Andrade, Joaquim Dias Afonso e Artur da Conceição Mousinho.

¹¹¹ O Seminário da Purificação albergava mais de cem seminaristas, quando a sua capacidade era de apenas cinquenta (Cf. MENDEIROS, José Filipe – “*Pupila e Coração*”, *op. cit.*, p. 24).

Convento das Chagas, no ano letivo de 1935-1936, tendo como formadores os Padres Joaquim Vicente da Costa e Joaquim da Cruz Vaz. No entanto, a sua ereção canónica data, apenas, de 2 de janeiro de 1937, tendo por patrono S. José¹¹² e como Vice-Reitor, também deste Seminário, o Pe. Cebolas Folgado¹¹³.

Não obstante as obras realizadas, o edifício não se adequava para o efeito. Assim sendo, o prelado eborense considera a hipótese de construir um novo edifício:

“[...] Chegou pois a hora de levantar a voz e pedir à diocese um óbolo avultado para a construção, ou para a aquisição de um edifício para o seu Seminário Menor, ou Seminário de Preparatórios [...]”¹¹⁴.

O importante seria construir ou comprar:

“[...] uma casa onde, nas devidas condições higiénicas e pedagógicas e com o devido desafogo, se [pudessem] educar as crianças e os adolescentes [...]”¹¹⁵.

Com a expressão “crianças e adolescentes”, D. Manuel evidencia uma atenção particular à realidade educativa de novos grupos etários. Todavia, trata-se, também, da primeira vez que afirma precisar de donativos avultados¹¹⁶. Mas uma questão importante se levantava: onde construir? Em que localidade? O Arcebispo responde que, se um benfeitor(a) oferecesse uma casa ou terreno em condições aceitáveis, ele decidiria a sua localização. Assim, apresentava várias formas de qualquer pessoa poder colaborar com o seu donativo: dinheiro, materiais, géneros, joias e objetos preciosos; aplicação de capitais disponíveis; legados em testamento, mais ou menos avultados, deixados antes da morte, em favor do Seminário e, a quem nada

¹¹² São José foi uma das grandes devoções de D. Manuel Mendes. Esta temática será abordada, posteriormente, em capítulo próprio.

¹¹³ Cf. SILVA, D. Francisco Maria da, *op. cit.*, p. 100.

¹¹⁴ Documentos duma Vida Apostólica. Vol. I: *Seminário e Acção Pastoral (Aos Sacerdotes)*, *op. cit.*, p. 110.

¹¹⁵ *Idem, ibidem*, p. 111.

¹¹⁶ A comunicação da construção de um novo Seminário e o apelo aos donativos foram publicados a 8 de março de 1938, festa de S. João de Deus, na Pastoral «Para um novo Seminário», que nos serve de fonte.

pudesse contribuir, pedia a oração. Nem todos poderiam dar dinheiro ou outros bens, mas se todos orassem bem, a obra aconteceria – afirmava D. Manuel Mendes¹¹⁷.

Como reforço da “campanha”, foi criado um suplemento do jornal diocesano «A Defesa», que se publicou, numa primeira fase, até 7 de julho de 1939, onde se anotavam semanalmente os principais óbolos. O resultado desta iniciativa foi a compra da Quinta de Santo António. Contudo, não tardaram as dificuldades: elaboraram-se dois projetos, mas nenhum foi aprovado pela Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, na medida em que, a Quinta de Santo António, é atravessada pelo antigo aqueduto de Sertório e, por esse motivo, a construção não foi autorizada.

Inviabilizado este projecto, a assinatura da Concordata entre Portugal e a Santa Sé trouxe, contudo, a entrega à Arquidiocese, da Herdade da Mitra onde, com menor dispêndio, se poderia edificar o desejado Seminário. Porém, o imóvel acabou por não ter sido entregue durante o episcopado de D. Manuel Mendes, fracassando mais uma vez a adaptação/construção do edifício para albergar o Seminário ¹¹⁸. Entretanto efetuaram-se obras de adaptação no Convento das Chagas e no Convento dos Agostinhos, que havia sido alugado ao Seminário após a saída do Regimento de Cavalaria¹¹⁹ e onde funciona atualmente o Seminário Menor de S. José.

Não obstante, o insucesso na construção de um novo Seminário, o seu cuidado e dos seminaristas, não deixou de estar presente no pensamento do Prelado. Numa nova *Pastoral*, publicada a 2 de fevereiro de 1942, festa de Nossa Senhora da Purificação, padroeira do Seminário Maior, D. Manuel Mendes descreve o recrutamento das vocações antes e depois da

¹¹⁷ Cf. Documentos duma Vida Apostólica. Vol. I: *Seminário e Acção Pastoral (Aos Sacerdotes)*, *op. cit.*, pp. 105-120.

¹¹⁸ Cf. SILVA, D. Francisco Maria da, *op. cit.*, p. 101.

¹¹⁹ O edifício foi arrendado, pois pertencia à Fazenda Nacional. Porém, as suas condições não eram de maneira nenhuma as melhores, sendo necessárias profundas requalificações e, para tal, era necessário o auxílio do Estado. Chegado o financiamento estatal, começaram as obras sob a coordenação do Pe. Joaquim Vicente da Costa, que desde 1949 fazia a exploração agrícola da cerca conventual em benefício do Seminário. Por fim, importa referir que os 3º, 4º e 5º anos de preparatórios instalaram-se, no referido Seminário, no ano letivo de 1951-1952 (Cf. SILVA, D. Francisco Maria da, *op. cit.*, p. 102).

fundação do Seminário de S. José. Nela, designa o Seminário como a obra mais importante da Arquidiocese, afirmando que, enquanto Arcebispo Metropolitano, apenas ordenara sessenta presbíteros. Pretendia, por isso, evidenciar que o número de ordenações presbiterais não correspondia, em grande medida, ao número de seminaristas e às necessidades existentes. Contudo, não hesita em demonstrar otimismo, ao olhar para o número dos seminaristas (150), afirmando que o primeiro ano teológico nunca teve tantos alunos como no ano letivo de 1941-1942.

Na referida *Pastoral*, depois de abordar a realidade do Seminário no que respeita ao número de vocações, transmite uma “confissão dolorosa” relativa à realidade económica dos Seminários, pois há já alguns anos que era deficitária: as despesas são certas e as receitas incertas – afirma. A dívida perfazia um total de 20 contos, embora sem qualquer obrigação para com terceiros, porquanto apenas figurava no livro de contas do Paço Arquiepiscopal. Assim, propõe uma solução “original” para cobrir o *deficit*: que mil pessoas dessem um escudo por dia¹²⁰.

A sua preocupação, como tivemos de observar, assentou, de sobremaneira na formação do corpo docente. Contudo, não descuro a formação moral e cultural do corpo docente dos seus Seminários. Para tal, seria suficiente enumerar as escolas de formação do corpo docente do Seminário Maior, constituído por elementos saídos de Coimbra, Salamanca, Comillas, Lille, Estrasburgo, Toulouse, Lovaina, Friburgo e, como não poderia deixar de ser, Roma¹²¹.

Podemos afirmar que as últimas ações mais significativas do seu episcopado, em favor do Seminário, foram as obras realizadas no antigo edifício henriquino ou Seminário Maior¹²²

¹²⁰ Cf. Documentos duma Vida Apostólica. Vol. I: *Seminário e Acção Pastoral (Aos Sacerdotes)*, *op. cit.*, p.123-133.

¹²¹ Cf. SILVA, D. Francisco Maria da, *op. cit.*, p. 102.

¹²² Concluídas as obras de reparação, colocou-se, no átrio de uma das escadas do Seminário, uma inscrição da qual transcrevemos um excerto: “[...] foi restaurado e amplamente beneficiado por D. Manuel Mendes da Conceição Santos, Arcebispo Metropolitano de Évora, neste ano de 1950”.

e o ressurgimento do suplemento d' «A Defesa», intitulado «Página dos Seminários», duas semanas antes de falecer¹²³.

Em suma, em toda a acção pastoral D. Manuel Mendes da Conceição Santos, o Seminário foi, sem dúvida, a sua principal preocupação. Para ele dirigia todos os seus cuidados, pois da sua existência e qualidade formativa dependia a realização do seu plano para a recristianização do Alentejo. Foi uma atividade difícil: basta recordar a situação em que se encontrava o Seminário e as obras que empreendeu. Contou com a colaboração de todos os diocesanos e de pessoas alheias à Arquidiocese. No entanto, o colaborador mais próximo foi o seu presbitério, ao qual dirigia cartas e apelos para que rezassem e intercedessem junto dos seus paroquianos pela situação do Seminário. Aceitava todo o tipo de contribuições afirmando que quem não pudesse contribuir com muito, poderia contribuir com menor quantidade; quem não tivesse numerário, podia oferecer géneros e quem não tivesse possibilidades de ajudar materialmente, poderia rezar fervorosamente.

Na verdade, a subsistência do Seminário foi algo prodigioso uma vez que não possuía rendimentos, mas as despesas eram sempre certas. Esta preocupação é transversal a todo o seu episcopado. De destacar, que o prelado não só pedia bens e orações como, ele próprio, dispôs dos seus bens e do seu tempo, dando a sua presença e a força da sua oração. Veja-se, por exemplo, as inumeráveis vezes que rezava pelos seminaristas e se deslocava aos Seminários¹²⁴, tal a importância dada a esta obra, a qual afirmou, várias vezes, ser a “obra primacial da Arquidiocese”.

¹²³ Cf. MENDEIROS, José Filipe – “*Pupila e Coração*”, *op. cit.*, p. 27.

¹²⁴ Cf. *Agenda Pessoal*.

1.2. Acompanhamento e formação do clero arquidiocesano

A profunda importância atribuída por D. Manuel Mendes ao Seminário encontra-se intrinsecamente ligada ao interesse dispensado para com o seu presbitério¹²⁵. Após a sua entrada na Arquidiocese pôde constatar, além do reduzido número de presbíteros¹²⁶, que muitos se encontravam em situação irregular, sem observarem a disciplina eclesiástica. De facto, por ocasião da implantação da República, em 1910, verificou-se que muitos presbíteros viviam canonicamente em situação irregular, enquanto outros abandonaram o ministério ou, em situações extremas, foram desterrados pelo novo regime político. Contudo, um pequeno grupo¹²⁷ a tudo resistiu¹²⁸. O Prelado, em apontamentos espirituais, datados de 1923, expressa, precisamente, essa realidade:

“Ah! Quando verei eu dilatar-se o teu reino nesta diocese tão árida?! Quando verei os sacerdotes que me deste por colaboradores a arder de zelo! Oh, são tão poucos, e desses mesmo raros são os que te conhecem e amam as almas”¹²⁹.

Perante tal situação, e com o intuito de cuidar e acompanhar o seu clero, D. Manuel Mendes procurou apontar as principais qualidades, que devem assistir a um bispo no âmbito de uma reforma desta natureza: *ser grande, ser ardente, ser paciente, ser benigno, ser prudente, ser constante e ser condescendente*¹³⁰. Foram estas as principais armas que o Arcebispo utilizou para instruir, aumentar e acompanhar o seu clero. Assim, os esforços de D. Manuel Mendes para atenuar esta situação centraram-se, fundamentalmente, na oração; em

¹²⁵ Segundo D. Manuel Mendes, não bastava que fossem bons, generosos e caritativos, pois era imprescindível que fossem espirituais (Cf. *Correspondência entre o Carmelo de Lisieux e D. Manuel Mendes da Conceição Santos Arcebispo de Évora: Correspondência/Correspondance (1923-1954)*, op. cit., p. 103).

¹²⁶ A falta de sacerdotes era muito elevada, pelo que teve de pedir padres não só a outras dioceses portuguesas, mas também a outros países (Cf. Agenda Pessoal). A título de exemplo, transcrevemos uma anotação da sua Agenda Pessoal, de 21 de setembro de 1928: “Fui a Braga pedir um Padre ao Senhor Arcebispo, que me dispensou”.

¹²⁷ Reconhecida a sua fidelidade e encarnação do ministério que lhes fora confiado foram, no primeiro ano do episcopado de D. Manuel Mendes, nomeados cônegos.

¹²⁸ Cf. Documentos duma Vida Apostólica. Vol. I: *Seminário e Acção Pastoral (Aos Sacerdotes)*, op. cit., p. 96.

¹²⁹ Cf. SILVA, D. Francisco Maria da, op. cit., p. 123.

¹³⁰ Idem, *ibidem*, pp. 122-123.

cartas que paternalmente dirigiu aos presbíteros que viviam com graves dificuldades espirituais ou em situação canonicamente irregular¹³¹; na acção do Padre Mateo ou nos retiros anuais realizados no Santuário de Fátima e em Évora. Por outro lado, o Prelado eborense também rezava muito pelo seu clero, principalmente pelos padres que viviam irregularmente e que eram “escandalosos”¹³². Além da oração pessoal, era incansável em suplicar orações por esta especial intenção, em particular, com o Carmelo de Lisieux, visível na intensa troca de correspondência que manteve com esta instituição, pedindo orações pelos seus padres¹³³.

Com efeito, intrinsecamente ligadas à oração estavam as cartas endereçadas aos padres, mas também a proximidade que D. Manuel Mendes procurou manter com o seu clero. A título de exemplo, referira-se o caso concreto de um padre que vivia irregularmente e que, tendo vontade de emendar-se, encontrara uma dificuldade: a mulher com quem se relacionara. D. Manuel Mendes descreveu-o em carta dirigida a Madre Inês, datada de 21 de outubro de 1926:

“[...] Um pobre padre da minha diocese, que teve a infelicidade de cair, reconheceu o seu erro e gostaria de o reparar, mas há uma pessoa que se opõe, e ameaça matar-se se ele seguir outro caminho. Nestas condições, ele não tem coragem de romper, e sofre horrivelmente. É um verdadeiro drama que impressiona. Acredito na sua sinceridade e bem queria ajudá-lo, mas não posso. A graça que eu quero pedir à Santinha é a resolução deste caso, e, naturalmente, a conversão daquela pessoa. Atrevo-me a pedir-lhe uma novena por esta intenção [...]. É o pobre padre que pede este favor [...] escrevo-lhe já hoje pois há pressa e não há tempo a perder. Se a madre soubesse como eu também soffro com esse caso e como o meu ministério é afetado pelos problemas que daí resultam! [...]”¹³⁴.

¹³¹ Cf. MOREIRA, M. de F.S.P., *op. cit.*, p. 21.

¹³² Esta intenção encontra-se registada repetidas vezes, na sua Agenda Pessoal, ao longo de todo o seu episcopado.

¹³³ Cf. *Correspondência entre o Carmelo de Lisieux e D. Manuel Mendes da Conceição Santos Arcebispo de Évora: Correspondência/Correspondance (1923-1954)*, *op. cit.*, pp. 31-111.

¹³⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 39.

Este exemplo revela, precisamente, a sua preocupação e a notável qualidade de Pastor, pelo amor demonstrado pelo seu presbitério, que não desiste daqueles que se afastaram do cumprimento dos seus votos celibatários.

Na segunda carta que dirigiu a Madre Inês, um ano depois da primeira, a 7 de novembro de 1927, relatava que o referido padre ainda se encontrava na mesma situação, embora ainda intercedesse, esperançosamente, por essa intenção:

“[...] O pobre padre de quem lhe falei há um ano continua na infeliz situação de que ainda não conseguiu sair. Sofre muito, mas por outro lado, com uma teimosia diabólica, resiste e teme uma imprudência retumbante, uma vingança que chegue ao suicídio. Peça por ele, que confia muito na proteção da pequena Santa Teresa”¹³⁵.

Entretanto, decorridos alguns meses, a 2 de fevereiro de 1928, D. Manuel Mendes continua a pedir orações, afirmando:

“[...] o pobre padre de que lhe tenho falado, não conseguiu ainda libertar-se dos laços indesejáveis: a outra pessoa teima em não o querer deixar, e ele tem medo [...]”¹³⁶.

No seguimento da carta, afirma:

“[...] há defeções, muitos padres ou ao menos alguns, preferem abandonar o altar a abandonar uma situação irregular, o vazio multiplica-se, e vejo as almas ao abandono, sem poder socorrê-las. Não é doloroso?”¹³⁷.

Este pequeno trecho testemunha a realidade em que viviam alguns presbíteros e a preocupação e sofrimento que isso causava no Prelado. Não obstante, o arcebispo continuou a acompanhar a situação do referido padre e, na carta redigida dois meses depois, a 20 de abril de 1928, comunica a Madre Inês que este ainda não conseguira:

“[...] cortar as suas tristes amarras”¹³⁸.

¹³⁵ Cf. Idem, *ibidem*, p. 41.

¹³⁶ Cf. Idem, *ibidem*, p. 43.

¹³⁷ Cf. Idem, *ibidem*, p. 43.

¹³⁸ Cf. Idem, *ibidem*, p. 47.

No entanto, apesar da realidade se manter, declara, com esperança, que:

“[...] quando esta situação se regularizar, será um grande exemplo e uma lição salutar e edificante neste meio em que ainda se compreende tão mal a sublimidade e a pureza da moral católica. É por isso que o inferno lhe põe tantos obstáculos, mas ele não há-de triunfar”¹³⁹.

Entretanto, passados quatro meses, concretamente a 5 de agosto, D. Manuel Mendes continua a pedir orações pois:

“[...] o pobre padre [...] continua vítima da sua escravidão [...] rezemos [...]”¹⁴⁰.

No ano seguinte, a 26 de fevereiro de 1929, comunica à Madre Inês o retorno de um padre que andava:

“[...] transviado” e que “regressou, submisso, ao bom caminho”¹⁴¹.

Contudo, este caso não dizia respeito ao do presbítero que temos vindo a referir, pois um pouco adiante acrescenta:

“[...] O pobre padre de quem lhe tenho falado muitas vezes, não saiu ainda do seu triste atoleiro. Tenhamos esperança [...]”¹⁴².

Esta transcrição é a última referência que encontramos sobre o referido padre. Desconhece-se se se emendou ou se abandonou o ministério. Sabe-se, no entanto, que a presença e acompanhamento do seu Prelado foram incansáveis, sendo interessante notar o largo tempo que medeia entre a primeira e última cartas, dirigidas a Madre Inês, sobre este caso: 21 de outubro de 1926 a 26 de fevereiro de 1929. Foram, pois, três anos de acompanhamento, de oração, de persistência e de esperança na alteração da situação em que vivia aquele presbítero. D. Manuel Mendes, numa carta dirigida ao seu clero, a 8 de dezembro

¹³⁹ Cf. Idem, *ibidem*, p. 47.

¹⁴⁰ Cf. Idem, *ibidem*, p. 49.

¹⁴¹ Cf. Idem, *ibidem*, p. 55.

¹⁴² Cf. Idem, *ibidem*, p. 55.

de 1927, explica o motivo que o levava a trabalhar pela conversão deste e de outros presbíteros:

“[...] é tão duro inutilizar um sacerdote [...] que um bom Pastor deve esgotar todos os seus recursos antes de chegar a tal [...] e quantos não terão errado por fraqueza? É difícil acreditar que se tenham afastado do reto caminho por maldade. Esperemos pois, tentemos os meio suasórios e caritativos [...]”¹⁴³.

Uma das grandes ações do Prelado em favor dos seus fiéis, seminaristas e, sobretudo, do seu clero foi a presença do padre Mateo Crawley-Boevey¹⁴⁴, membro da Congregação dos Sagrados Corações, cultor da devoção ao Sagrado Coração de Jesus e um dos grandes “apóstolos” do reinado social de Cristo. A sua vinda para Portugal esteve prevista, graças ao empenho de D. Manuel Mendes, para o ano de 1921. Porém, apenas se concretizou seis anos depois, em 1927¹⁴⁵, tendo iniciado o seu apostolado na Arquidiocese de Évora, no Seminário eborense¹⁴⁶. Assim o refere, D. Manuel Mendes, nas suas memórias:

“[...] Foi pelo Seminário que ele começou o seu apostolado em Portugal, pois a título de se exercitar na língua portuguesa ali fez logo de entrada uma série de interessantíssimas conferências. Foi ele também que pregou já este mês aos seminaristas o retiro anual, sendo visíveis os frutos de renovação e afervoramento”¹⁴⁷.

Relativamente ao clero, era habitual um retiro anual, que se realizava nos meses de Verão, mas, para aproveitar a vinda do Pe. Mateo, nesse ano de 1927, o habitual retiro fora

¹⁴³ Cf. SILVA, D. Francisco Maria da, *op. cit.*, p. 128.

¹⁴⁴ Conhecido simplesmente pelo nominativo de Padre Mateo, era natural da cidade peruana de Arequipa. Frequentou o colégio dos Padres dos SS. Corações (Picpus) e nessa mesma Congregação professou, em 1892 e recebeu a ordem do presbiterado, em 1898. Mais tarde, a seu pedido, é-lhe concedida pelo Papa Pio X, autorização para ser o “Apóstolo da Providência a restaurar no mundo o reinado de Jesus Cristo”. Desta forma, percorreu muitos povos, cidades e países a pregar o “reinado do Coração de Jesus”. Considerava-se um “Judeu errante do sagrado Coração de Jesus” (Cf. CRAWLEY-BOEVEY, MATÉO – *Hora Santa: Doze Exercícios para a vigília da primeira sexta-feira e mais sete para diversas circunstâncias*. Trad. Pe. Alexandre dos Santos, O.F.M. Braga: Edição dos «Boletim Mensal», 1928, pp. 5-9).

¹⁴⁵ Regressou à Arquidiocese de Évora, pela segunda vez, em 1931 (Cf. Agenda Pessoal: março de 1931).

¹⁴⁶ Cf. Apêndice Fotográfico – Fig. 5.

¹⁴⁷ Cf. Documentos duma Vida Apostólica. Vol. I: *Seminário e Acção Pastoral (Aos Sacerdotes)*, *op. cit.*, pp. 86-87.

adiado, segundo o testemunho legado por D. Manuel, em carta dirigida por D. Manuel Mendes a Madre Inês, a 7 de novembro:

“[...] Nas semanas de 13 a 20, e de 20 a 27 vamos ter retiro para os padres da minha diocese, e devem assistir quase todos. O bom, Padre Mateo, meu convidado desde anteontem vem fazer este retiro de que muito espero [...]”¹⁴⁸.

Entretanto, sendo o principal motivo do retiro, a renovação da vida espiritual dos seus padres, parece ter-se operado, na sequência do retiro, um grande rejuvenescimento espiritual e, conseqüentemente, disciplinar de clero eborense. Prova disso são duas cartas que D. Manuel Mendes escreveu: a primeira, redigida a 8 de dezembro de 1927 e dirigida ao clero, o Pastor eborense afirmava:

“[...] Na sua infinita misericórdia quis o Senhor servir-se d’este meio para chamar ao bom caminho bastantes sacerdotes que haviam tido a infelicidade de esquecer o juramento do seu subdiaconado e tinham creado situações irregulares que não podiam manter sem sacrilégio. Vejo assim dissipar-se uma preocupação que me atormentava [...]”¹⁴⁹.

A segunda, refere-se a uma das cartas que integra a correspondência do Arcebispo com o Carmelo de Lisieux, datada de 2 de janeiro de 1928, onde afirmava que:

“[...] o bom e virtuoso Padre Mateo, o apóstolo do Sagrado Coração, está cá. Começou o seu apostolado em Portugal pela minha diocese, onde prega três retiros sacerdotais (ao clero da diocese) e o retiro dos seminaristas...temos a registar algumas conversões de padres¹⁵⁰, e vê-se aumentar o fervor [...]”¹⁵¹.

¹⁴⁸ Cf. *Correspondência entre o Carmelo de Lisieux e D. Manuel Mendes da Conceição Santos Arcebispo de Évora: Correspondência/Correspondance (1923-1954)*, op. cit., p. 39.

Cf. Apêndice Fotográfico – Fig. 6.

¹⁴⁹ Cf. SILVA, D. Francisco Maria da, op. cit., p. 127.

¹⁵⁰ Na carta dirigida ao clero, a 8 de dezembro de 1927, o Arcebispo, partilha com o seu presbitério que nesse ano, por motivo da visita *ad Sacra Limina*, teria de apresentar à Santa Sé um relatório sobre o estado da Arquidiocese, ou seja, teria de identificar os padres que viviam em situação irregular. Entretanto, deu-se a chegada do Pe. Mateo e “[...] nesta altura a Providencia intervém de um forma tão inesperada como benfazeja [...] esses exercícios [...] ficarão assinalados na história d’esta diocese [...] foi então que bastantes sacerdotes em situação irregular, tocados pela graça, resolveram emendar a sua vida [...] alguns regularizaram imediatamente a situação, outros prometteram ir pô-la em ordem sem perda de tempo. Eis como no horizonte escurecido se rasga uma aberta de luz e dias melhores se anunciam para esta pobre diocese cujo futuro depende absolutamente da fidelidade, do zelo e do exemplo dos seus sacerdotes” (SILVA, D. Francisco Maria da, op. cit., p. 129).

¹⁵¹ Cf. *Correspondência entre o Carmelo de Lisieux e D. Manuel Mendes da Conceição Santos Arcebispo de Évora: Correspondência/Correspondance (1923-1954)*, op. cit., p. 43.

Com efeito, tomando partido dos fecundos resultados das pregações do Pe. Mateo, o Prelado, na referida carta do dia 8 de dezembro de 1927, é incisivo, dizendo aos presbíteros que regularizem a sua situação, ou seja, que se separarem das mulheres com quem coabitavam, garantindo-lhes que não desampararia os seus filhos, pois era seu dever providenciar a sua subsistência porquanto nenhuma culpa tinham dos erros dos seus progenitores. Assim, àqueles padres que precisassem de ajuda para o sustento dos seus filhos ou que sofressem qualquer tipo de necessidade, pedia, com insistência, que fossem sinceros e que lho dissessem, pois encontrariam um coração amigo e pronto a ajudá-los em tudo o que concorresse para o seu bem. Todavia, àqueles padres que não quisessem regularizar a sua situação, ou seja, que não quisessem viver castamente, D. Manuel Mendes pedia que não exercessem o ministério que lhes fora confiado, porquanto não estariam a cooperar com a própria salvação e edificação dos fiéis, esclarecendo que “o sacerdócio não é ganha-pão, não é modo de vida”¹⁵².

No ano seguinte, a 7 de outubro de 1928, em nova missiva dirigida ao seu presbitério, louva a atitude de muitos dos seus padres, pois recebera “respostas comovedoras” à anterior carta que lhes dirigira:

“[...] com uma ou duas exceções apenas, posso afirmar que as respostas foram não só delicadas e respeitadas, mas repassadas de sentimento e reveladores de uma boa vontade que me impressionou [...]. Só a dois teve de ser aplicada a rigor a pena de suspensão [...] e agora, ao menos que eu saiba, não se pode afirmar que haja na archidiocese de Evora um sacerdote concubinário a celebrar [...]”¹⁵³.

Reforça essa atitude nobre por parte da maioria do seu presbitério, elogiando aqueles que normalizaram a sua situação, pois são dignos de todo o respeito e consideração, afirmava o Arcebispo. No entanto, para os que tinham sido suspensos, pedia orações, declarando ter

¹⁵² Cf. SILVA, D. Francisco Maria da, *op. cit.*, pp. 130-131.

¹⁵³ Cf. *Idem*, *ibidem*, p. 133.

esperança que um dia pudessem voltar ao exercício ministerial¹⁵⁴. Contudo, àqueles que nunca deixaram de exercer fielmente o seu ministério, rogava que sem o auxílio da graça não poderiam perseverar e, aos que acabavam de regularizar-se, lembrava que não era suficiente dar um “passo difícil”, devendo manter-se fiéis e serem leais ao que prometeram. Afirmava, ainda, confiar na lealdade do seu clero, sobretudo daqueles que prometeram corrigir-se. E, para que o exercício do seu ministério fosse pleno, aconselhava que fossem “padres e só padres”, pois o ministério da ordem absorvia todo o tempo e por isso era necessário deixar para “os seculares as funções de ordem secular”¹⁵⁵ – com essas palavras definiu o modelo de padre. Conclui a carta com um grande compromisso, que resume o seu pensamento e forma de atuação:

“Se tem dificuldades, não hesite em mas expôr com franqueza, e com todo o empenho procurarei ajudá-lo a resolvê-las. Se pertenço á minha diocese, pertenço em primeiro logar aos seus Padres: auxilia-los em tudo é para mim um dever”¹⁵⁶.

Alcançada a regularização da maioria dos sacerdotes em situação canónica irregular, D. Manuel Mendes viria também a regozijar-se, ao colher os primeiros frutos do investimento realizado no Seminário, com a ordenação dos primeiros seminaristas. O ano de 1930 viria a constituir, nesse sentido, um ano de júbilo pois ordenou os primeiros padres que admitira ao Seminário. Veja-se, a este propósito, o sintomático excerto da missiva que D. Manuel Mendes dirigiu a Madre Inês, a 30 de setembro desse mesmo ano:

“[...] Dou-lhe uma boa notícia: este ano ordenei finalmente quatro dos primeiros seminaristas admitidos por mim depois da minha entrada na diocese [...] ampare-os com as suas orações [...]”¹⁵⁷.

¹⁵⁴ Estamos em crer que um dos dois padres suspensos fosse o presbítero referido anteriormente nas cartas dirigidas a Madre Inês, uma vez que o Prelado, quando fala desse caso, mantém as atitudes recomendadas: oração e esperança no seu regresso.

¹⁵⁵ Cf. SILVA, D. Francisco Maria da, *op. cit.*, pp. 134-135.

¹⁵⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 136.

¹⁵⁷ Cf. *Correspondência entre o Carmelo de Lisieux e D. Manuel Mendes da Conceição Santos Arcebispo de Évora: Correspondência/Correspondance (1923-1954)*, *op. cit.*, p. 61.

De modo a cuidar da renovação da vida espiritual e da observância da disciplina eclesiástica, o Arcebispo determinou que se fizessem exercícios espirituais todos os anos¹⁵⁸. Por outro lado, procurou visitar os sacerdotes nas suas paróquias, traçar-lhes normas e dirigir-lhes exortações, mantendo, com todos, uma longa correspondência particular, além das circulares que frequentemente lhes enviava¹⁵⁹ com vista à resolução de diferentes problemas¹⁶⁰.

1.3. Ordenações presbiterais durante o episcopado de D. Manuel Mendes

Com efeito, o aumento, em número, do seu presbitério, se considerarmos o exposto anteriormente, podemos afirmar tratar-se do resultado do esforço empreendido pelo prelado no recrutamento de seminaristas e no interesse demonstrado em favor do seu Seminário. Assim, para uma melhor compreensão deste assunto, elaborámos um gráfico representativo da evolução do número de ordenações presbiterais durante o episcopado de D. Manuel Mendes da Conceição Santos, tendo por base os elementos facultados pelo seu biógrafo, D. Francisco Maria da Silva¹⁶¹, do qual constam os nomes e datas de ordenação sacerdotal, de todos os presbíteros que admitiu no Seminário.

¹⁵⁸ Os exercícios espirituais realizavam-se se em dois turnos, geralmente entre os meses de julho e setembro, em locais também eles diferentes. Nos primeiros anos, o primeiro turno realizava-se em Elvas, para os presbíteros daquela Vigararia, e, o segundo turno, em Évora. Assim, comunicava o *Boletim Eborense*, em 1925:

“Realizaram-se o ano passado, como já tem sucedido em annos anteriores, dois turnos de exercícios espirituais: um em Elvas para os reverendos sacerdotes daquela Vigararia Geral e seus arredores, e outro no Seminário Eborense, para sacerdotes de Évora e Beja. Podemos ter a satisfação de assignalar um notavel progresso este anno: não só o turno de Elvas foi bastante concorrido, mas no de Évora o numero de sacerdotes quasi duplicou [...]. Podemos tambem asseverar que o regulamento e o horario foram cumpridos à risca, o que prova a boa disposição em que todos os exercitantes se encontravam [...]” (*Boletim Eborense*, Ano IX, janeiro a março, 1925, n.º 1 a 3, p. 30).

Nos anos posteriores, concretizou-se do mesmo modo, mas com uma mudança a registar: o primeiro turno passou a realizar-se, a partir de 1935, em Fátima. Constatamo-lo ao percorrer os apontamentos da sua Agenda Pessoal. Por exemplo, no ano de 1935, a 31 de agosto, anota: “Em Fátima, na Capelinha das Aparições [...] começou hoje à noite o retiro de oito dias para os Padres da diocese de Évora e Beja”. E, no dia 28 de setembro, escreveu: “Começaram no Seminário os Exercícios para o clero (2º turno)”.

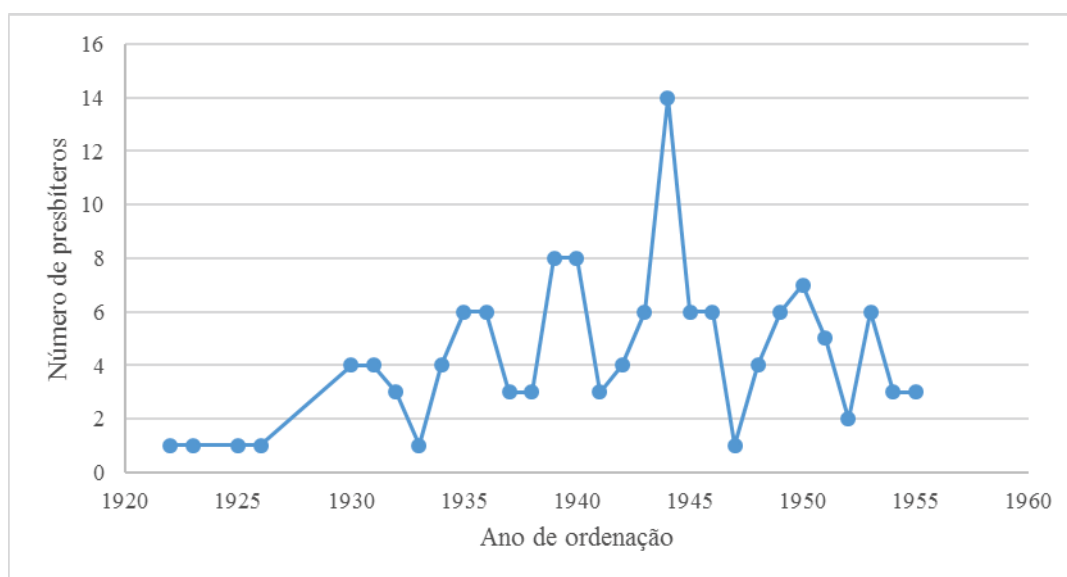
Cf. Apêndice Fotográfico – Fig. 12.

¹⁵⁹ Cf. SILVA, D. Francisco Maria da, *op. cit.*, p. 137.

¹⁶⁰ Exemplo disso são as exortações respeitantes ao Seminário que abordamos anteriormente.

¹⁶¹ Cf. SILVA, D. Francisco Maria da, *op. cit.*, pp. 138-141.

Gráfico n.º 1 – Evolução do número de ordenações presbiterais durante o episcopado de D. Manuel Mendes da Conceição Santos



Fonte: Elaboração própria com base em SILVA, D. Francisco Maria da, *op. cit.*, pp. 138-141.

Deste modo, através do gráfico 1 podemos constatar que, entre 1922 e 1929, foram ordenados apenas quatro presbíteros. Não obstante o reduzido número de ordenações, este período de oito anos constituiu a etapa inicial de recrutamento e formação dos primeiros alunos por ele admitidos ao Seminário e que viriam a ser ordenados, em 1930. Com efeito, a partir desta data, a Arquidiocese de Évora começou a colher os frutos decorrentes dos novos padres ordenados por D. Manuel Mendes, dando início a um período de duas décadas e meia em que, de forma ininterrupta, se verificaram sempre ordenações. Deste modo, enquanto na década de 20 apenas se verificaram quatro ordenações, na década de 30, graças à egrégia acção do Prelado eborense, foram ordenados quarenta e dois presbíteros¹⁶². O número de ordenações não deixou de aumentar ao verificar-se, na década de seguinte, a ordenação de cinquenta e oito padres, com particular destaque para o ano de 1944, em que se registou o maior número de ordenações em todo o século XX: catorze. Na década de 50, concretamente

¹⁶² Às quarenta e duas ordenações levadas a efeito por D. Manuel Mendes, devemos salientar outras quatro com demissórias do Arcebispo. A saber: três em Roma (Francisco Maria da Silva, em 1932; José Filipe Mendeiros, em 1933 e João Luís de Carvalho, em 1935) e uma em Lille (Francisco Cruz). Cf. SILVA, D. Francisco Maria da, *op. cit.*, p. 141.

os últimos cinco anos do seu episcopado, embora bastante significativa relativamente ao número de ordenações, o valor caiu para cerca de metade, comparativamente com a década anterior, verificando-se vinte e seis novos sacerdotes.

Em síntese, podemos afirmar que a acção de D. Manuel Mendes junto do clero eborense, se divide em duas grandes fases: a primeira, desde a sua tomada de posse como arcebispo de Évora até ao ano de 1928 e, a segunda, desde esse ano até 1955, data da sua morte¹⁶³. A primeira parte caracteriza-se por uma insistência forte junto dos seus padres, no sentido de se regularizarem canonicamente, fase essa, que culmina com a acção do Pe. Mateo e os seus efeitos imediatos, a par da valorização dos Seminários. A segunda, apesar de marcada pelas dificuldades¹⁶⁴, destacou-se, em primeiro lugar, pelo resultado da sua acção na promoção de vocações e na reorganização dos Seminários, da qual sucedeu o aumento do seu presbitério¹⁶⁵ e, em segundo lugar, a acção contínua do Prelado junto do seu clero, acompanhando, de um modo particular, os padres mais novos.

2. Dinamização pastoral da Arquidiocese

2.1. Anúncio da Palavra e pastoral sacramental

O objetivo final de toda a acção pastoral de D. Manuel Mendes foram, como tivemos oportunidade de constatar, os fiéis. Em tudo procurou corresponder ao necessário acompanhamento, instrução religiosa e conseqüente renovação espiritual de que estes estavam carecidos. Desse modo, socorrendo-se de diversos meios, anunciou as verdades da fé por toda

¹⁶³ Cf. Apêndice Fotográfico – Fig. 33.

¹⁶⁴ Alguns padres parece não terem rejuvenescido espiritualmente nem mantido o seu propósito de fidelidade: uma leitura inferida pelos constantes pedidos de oração (Cf. Agenda Pessoal) e pela correspondência mantida com o Carmelo de Lisieux na qual, a título de exemplo, no dia 30 de setembro de 1931, afirmava: “[...] há padres que não conhecem o Coração do Rei e o fazem sofrer muito. Alguns pareciam dar mostras de terem retomado o bom caminho, e agora já não são fiéis. É preciso reconquistá-los, mas como? [...]”. (*Correspondência entre o Carmelo de Lisieux e D. Manuel Mendes da Conceição Santos Arcebispo de Évora: Correspondência/Correspondance (1923-1954)*, op. cit., p. 65).

¹⁶⁵ Apesar do aumento verificado no número de sacerdotes, eram poucos para as necessidades reais da Arquidiocese, para além de não serem totalmente *abrasados do ardor que fez os Apóstolos*, como afirmava D. Manuel Mendes, a 9 de setembro de 1948. (Cf. *Correspondência entre o Carmelo de Lisieux e D. Manuel Mendes da Conceição Santos Arcebispo de Évora: Correspondência/Correspondance (1923-1954)*, op. cit., p. 107).

a Arquidiocese e instou o clero, pelo exemplo, a fazê-lo também, procurando dinamizar a pastoral sacramental, sobretudo com a concretização de missões populares e o desenvolvimento das devoções próprias de então.

2.1.1 A Pregação do Evangelho

A pregação foi uma constante na vida de D. Manuel Mendes, destacando-se como uma das grandes marcas da sua acção pastoral. Na arquidiocese de Évora pregou desde a sua entrada solene até ao dia da sua morte¹⁶⁶, sempre com um objetivo muito bem definido, isto é, a salvação das almas:

“[...] Não importa onde! No púlpito da Catedral ou sobre um fardo de palha, na imensidão desértica da planície, à sombra amiga duma azinheira”¹⁶⁷.

No início do seu episcopado, em agosto de 1921, o Prelado eborense, numa exortação dirigida ao clero, constatava que as pessoas não frequentavam as igrejas, não procuravam os sacramentos, não se aproximavam dos presbíteros, morrendo como pagãos sem lhes ministrarem os sacramentos próprios desse momento e, as crianças, sem receberem o sacramento do Baptismo, cresciam na ignorância doutrinal. Desse modo, constatou e reconheceu que as causas desta situação se deviam, em grande medida, à ausência de acompanhamento dos fiéis por parte da Igreja pelo que apelou ao seu clero para que se esforçasse por combater essa realidade, pregando a Verdade. Não obstante, a inclinação geral fosse “censurar e amaldiçoar o ímpio”, para o Arcebispo eborense, esta deveria ser suprimida uma vez que a missão da Igreja é salvá-lo e ir ao seu encontro, percorrendo grandes distâncias, se necessário, seguindo o exemplo de Cristo e dos apóstolos¹⁶⁸.

¹⁶⁶ Tinha programado, para esse dia, uma deslocação à herdade das Sesmarias, pertencente à família do engenheiro João Nunes Mexia, onde pretendia pregar, celebrar Eucaristia e Crismar. (Cf. SALVADOR, Manuel da Silva – “*Peregrino de Almas*”, in *Alvoradas*, Ano XVII, janeiro – março, 1956, pp. 58-59).

¹⁶⁷ Cf. Idem, *ibidem*, p. 146.

¹⁶⁸ Cf. Documentos duma Vida Apostólica. Vol. I: *Seminário e Acção Pastoral (Aos Sacerdotes)*, op. cit., pp. 137-142.

Com efeito, D. Manuel Mendes tinha consciência de que a maior responsabilidade, pelo exemplo e não só, pesava sobre si e assumiu-a. Nos seus apontamentos espirituais, em 1924, lê-se:

“[...] Pastor dos pastores dentro da diocese, eu devo interessar-me e trabalhar em todos os ministérios, pregação, administração de sacramentos, catequeses, visita aos enfermos, imprensa e outros. Tenho estricte obrigação de pregar a palavra divina, e de a pregar à maneira de evangelizador, sem pretensões vaidosas, só para agradar a Deus, só para salvar as almas [...]. A grande fonte é a pregação do Evangelho [...]. Não me devo contentar de pregar, eu tenho que fazer que preguem os meus cooperadores, e que preguem segundo as normas apostólicas”¹⁶⁹.

O Pastor eborense dirigia-se, assim, e em qualquer circunstância, a todos os estratos sociais. Além da pregação em diversos locais, como por exemplo em retiros, festas tradicionais, conferências e/ ou em visitas pastorais, a pretexto dos mais variados motivos, D. Manuel Mendes destinava o mês de janeiro para pregar na cidade de Elvas e, os meses de maio e outubro, para Évora¹⁷⁰. Neste âmbito, além da sua atividade de proclamação da Fé, convidava conferencistas ou pregadores de outros locais e impelia o seu clero, através do exemplo, a praticar semelhantes ações. Assim o registou, aquando da primeira grave crise de saúde, em 1938, que o impediu de pregar:

“[...] Farei de vez em quando alguma prática, conforme puder, mas procurarei suprir com escritos a falta de pregação oral da minha parte. Cuidarei mais de estimular o clero a pregar, e chamarei pregadores de fora [...]”¹⁷¹.

Recorde-se, a este propósito, a acção do Pe. Mateo junto do Seminário, do clero e dos leigos, em 1927 e, num segundo momento, em 1931, da qual resultou uma significativa rejuvenescência, que o Prelado deixou gravada na sua *Agenda Pessoal*¹⁷².

¹⁶⁹ Cf. SILVA, D. Francisco Maria da, *op. cit.*, pp. 180-181.

¹⁷⁰ Esta periodicidade constata-se ao percorrer as anotações feitas pelo Prelado, ao longo dos anos, na sua *Agenda Pessoal*.

¹⁷¹ Cf. Idem, *ibidem*, p. 181.

Contudo, recuemos a fevereiro de 1923. Nesse ano o Arcebispo dirigiu ao seu presbitério uma carta a propósito da importância da pregação da palavra divina, da homilia, dos sermões quaresmais e do sacramento da reconciliação¹⁷³. Nela, começava por esclarecer a importância da pregação, como:

“[...] o meio ordinário que Nosso Senhor estabeleceu para iluminar as almas, para manter nelas a fé, para perpetuar a sua Igreja. Ele pregou, mandou os apóstolos pregar [...] foi a pregação que levou a fé aos confins da terra [...] onde a pregação fenece vai-se amortecendo pouco e pouco a luz da fé, até se extinguir por completo [...]”¹⁷⁴.

A este propósito, acrescentava que o principal motivo da diminuição da consciência e formação religiosa dos alentejanos se deveu, de um modo particular, ao facto de a palavra de Deus ter deixado de ser anunciada com o devido calor e persistência. Assim, desafiou o seu clero a obedecer ao último mandato que Cristo fez antes da Ascensão: “Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda a criatura” (Mc 16, 15). De facto, D. Manuel Mendes pede um afervoramento na pregação, verdadeira, contínua, que fosse ao encontro do outro e que anunciasse o Evangelho, criticando a que se fazia nas festas tradicionais:

“[...] Dir-me-eis talvez que em verdade a pregação não cessou de todo porque nessas festas que por aí se faziam não faltava o sermão, para que até às vezes se chamava pregador de nomeada. Mas pregava-se realmente o Evangelho? É à pregação do Evangelho que estão prometidas as bênçãos divinas, e não a essas dissertações mais ou menos artificiosas e bombásticas que durante uns pares de lustros profanaram os nosso púlpitos, transformando-os em palanques de exibições retóricas”¹⁷⁵.

Prossegue, recordando que a Quaresma é, tradicionalmente, um tempo de pregação e, por isso, nesse tempo litúrgico, se deveria reatar e intensificar essa tradição.

¹⁷² Refira-se, a título de exemplo, duas notas redigidas no término da primeira vinda do Pe. Mateo: a primeira, no dia 4 de fevereiro de 1928, regista: “[...] à noite conferencia aos homens, na capella do paço. Cêrca de 100 assistentes. Herança do P. Mateo!”. A segunda, a 10 de abril do mesmo ano, assinala: “À tarde segui para Extremoz, depois de assistir em Elvas às pregações do P. Mateo, que produziram um fructo extraordinário”.

¹⁷³ Cf. Documentos duma Vida Apostólica. Vol. I: *Seminário e Acção Pastoral (Aos Sacerdotes)*, op. cit., pp. 151-157.

¹⁷⁴ Cf. Idem, *ibidem*, p. 152.

¹⁷⁵ Cf. Idem, *ibidem*, p. 153.

Além de todas essas possibilidades de reforço da pregação, o Arcebispo refere uma que deveria ser objeto de prática permanente: a homilia. Considera que a homilia em caso algum pode ser dispensada, pois é um momento de alimento espiritual para os fiéis e, se devidamente preparada e proclamada, contribui em grande medida para a instrução religiosa e moral do povo de Deus.

No que respeita ao sacramento da reconciliação, pede aos seus sacerdotes que insistam e despertem a consciência dos seus fiéis para a necessidade da prática do mesmo. Para o efeito, não só definiu o objetivo a atingir, como apontou os meios para o alcançar: pregação; apostolado pessoal; conselho amigo; insistência discreta juntos dos resistentes; tempo disponível nas igrejas para a confissão e; promoção de festas puramente religiosas e convidar confessores para essa ocasião – anunciando-os previamente –, de modo a despertar a consciência dos fiéis para o dever e a graça que se recebe desse sacramento¹⁷⁶. Outro ponto importante para o qual D. Manuel Mendes chamou a atenção dos seus padres foi a catequese, considerando-a a forma primordial de ensinar a fé, pois é através dela que se formam os cristãos de amanhã¹⁷⁷.

O Prelado eborense quis, desse modo, ser o primeiro a dar o exemplo, exercendo ele próprio o ministério da pregação popular em toda a Arquidiocese. Um dos seus biógrafos, D. Francisco Maria da Silva, destaca e sintetiza essa importante dimensão do ministério episcopal de D. Manuel Mendes, dividindo-a em duas fases: a primeira, correspondente ao período mais intenso do seu episcopado, que perdurou até à crise cardíaca que o debilitou, no qual D. Manuel Mendes pregava sem escrever, servindo-se apenas de esquemas mentais. A segunda, a partir de 1938, embora mantendo essa atividade, caracterizou-se pela redação e declamação dos seus sermões¹⁷⁸.

¹⁷⁶ Cf. Idem, *ibidem*, pp. 153-156.

¹⁷⁷ D. Manuel Mendes voltou a abordar estes temas numa exortação ao clero, datada de janeiro de 1924. Cf. Documentos duma Vida Apostólica. Vol. I: *Seminário e Acção Pastoral (Aos Sacerdotes)*, *op. cit.*, pp. 159-165.

¹⁷⁸ Cf. SILVA, D. Francisco Maria da, *op. cit.*, p. 182. A maioria dos textos escritos durante esta fase encontram-se reunidos no volume terceiro de «Documentos de uma Vida Apostólica». Cf. Documentos duma Vida

2.1.2. A “boa imprensa”

Outro dos instrumentos utilizado pelo Prelado eborense na sua atividade pastoral foi a imprensa, considerada como instrumento de propaganda e doutrinação religiosa¹⁷⁹. Quando D. Manuel Mendes chegou à arquidiocese de Évora, existia apenas um órgão de imprensa de âmbito diocesano: o *Boletim Eborense*. Este periódico, que se encontrava no quarto ano de publicação, embora com periodicidade mensal, publicava-se bimensalmente¹⁸⁰. Neste contexto, o Arcebispo dirigiu, em junho de 1922, uma nova exortação pastoral ao seu clero com o objetivo de dar a conhecer a importância deste meio de apostolado, apontando, um conjunto de iniciativas a concretizar.

Na referida exortação, começava por afirmar a importância e a força da imprensa no seio da sociedade, exemplificando que uma das principais preocupações logo após a formação de um novo partido político, se prendia com a fundação de um jornal:

“[...] um propagandista que vai a toda a parte, que fala a toda a hora, que se insinua em todas as famílias, que espera pacientemente que o atendam, que nunca se nega a responder quando a curiosidade o interroga. É um veículo de ideias sempre em movimento, e conforme estas são boas ou más, exerce uma ação benéfica ou deletéria, tanto mais intensa quanto maior for o atrativo da sua parte material, da sua feição literária e artística [...]”¹⁸¹.

D. Manuel Mendes chegou a afirmar que os católicos portugueses daquela época não tinham consciência da força e alcance da imprensa, pois mostravam uma enorme indiferença para com ela. Entenda-se, os católicos ainda não tinham consciência do bem ou do mal que a imprensa podia acarretar para a Igreja e para a sociedade pois considerava que as pessoas e a sociedade eram, em certa medida, fruto das suas leituras, em particular dos jornais, pois

Apostólica. Vol. III: *Arauto do Evangelho (Sermões quaresmais – Mensagens de fim de Ano e outras Alocuções)*. Edição do Centro de Estudos de «D. Manuel Mendes da Conceição Santos», Braga: Oficinas Gráficas «Pax», 1961.

¹⁷⁹ Importa não esquecer a imprensa fez parte integrante do seu apostolado, desenvolvido noutras dioceses (Veja-se, a este propósito, o capítulo correspondente ao Percorso biográfico).

¹⁸⁰ Cf. SILVA, D. Francisco Maria da, *op. cit.*, p. 184.

¹⁸¹ Cf. Documentos duma Vida Apostólica. Vol. I: *Seminário e Acção Pastoral (Aos Sacerdotes)*, *op. cit.*, p. 188.

constituíam a leitura mais frequente e usual¹⁸². Assim, afirmava o Prelado, tornava-se necessário despertar a consciência dos católicos para o mal que provocava a compra ou assinatura de determinados jornais, que constituíam “má imprensa”, enaltecendo a necessidade de difusão da imprensa católica. Para que essa difusão fosse possível, tornava-se necessária a contribuição dos católicos:

“[...] se uma parte ao menos do dinheiro que por esse país se gasta em festas e romarias se gastasse em auxiliar jornais católicos, haveria muito mais liberdade religiosa e salvar-se-iam muito mais almas [...]”¹⁸³.

E, acrescentava, que foi nesse sentido que o episcopado português resolveu designar “o dia da boa imprensa”, que decorreria no dia de S. Pedro, 29 de junho, devendo ser respeitado em toda a sua diocese. Determinou, por isso, que aos párocos e capelães caberia, nesse dia, fazer uma instrução sobre os deveres dos católicos para com a “boa imprensa”, sobre a sua necessidade e importância, recomendando a realização de um peditório no final dessa instrução¹⁸⁴. Em resultado desta exortação pastoral, surgiram duas importantes iniciativas: a criação do jornal diocesano “*A Defesa*” e a difusão do jornal “*Novidades*”¹⁸⁵.

Com a criação do jornal “*A Defesa*” – órgão oficial da Arquidiocese¹⁸⁶ –, deu-se, concomitantemente, a fundação, em maio de 1923, da “*Gráfica Eborense*”, que se viria a ocupar da sua publicação. De periodicidade diária durante largos anos, o órgão oficial da Arquidiocese eborense, originou o aparecimento de outras iniciativas como, por exemplo, a revista do Seminário diocesano, intitulada: “*Alvoradas*”¹⁸⁷. D. Manuel Mendes, além de fundador do jornal, foi um assíduo colaborador através da publicação de artigos de fundo e

¹⁸² Cf. Idem, *ibidem*, p. 189.

¹⁸³ Cf. Idem, *ibidem*, p. 192.

¹⁸⁴ Cf. Idem, *ibidem*, p. 193.

¹⁸⁵ Diário católico do qual D. Manuel Mendes foi o principal animador e orientador, tendo o primeiro editorial, “*Por Deus e Por Portugal*”, sido redigido por ele.

¹⁸⁶ De publicação diária desde 12 de junho de 1948 até 3 de junho de 1950, data em que passou a bissemanário, assim permaneceu até à sua morte, em 1955. Mais tarde, passou a publicação semanal, situação que se mantém até à atualidade (Cf. SILVA, D. Francisco Maria da, *op. cit.*, p. 184).

¹⁸⁷ Cf. COSTA, Fernandes da, *op. cit.*, pp. 85-86.

em várias secções do jornal. No primeiro artigo de fundo podemos constatar o caminho delineado pelo Prelado:

“*A Defesa* não vem atacar ninguém [...]. Defende a verdade cristã, defende os direitos da Igreja, defende a inviolabilidade da consciência, defende a liberdade, defende a justiça, defende os pobres e humildes, defende todos os oprimidos, de qualquer campo que eles sejam. Orientada pelos princípios cristãos, *A Defesa* propõe-se exercer uma missão de paz [...]”¹⁸⁸.

Em suma, podemos afirmar que a imprensa foi um dos meios de acção mais fecundos do seu apostolado, como se verifica no número comemorativo das bodas de ouro do seu fundador:

“[...] um dois meios mais fecundos de acção de que tem usado o nosso Antístite eborense, é o da imprensa [...] Desde que voltou da cidade eterna ... tem consagrado à imprensa uma boa parte dos seus trabalhos [...]”¹⁸⁹.

2.1.3. As “missões populares”

Nos tópicos anteriores, analisámos a situação religiosa da Arquidiocese, aquando da chegada de D. Manuel Mendes. Na verdade, viu-se confrontado com uma dura realidade: por um lado, a frágil formação religiosa dos seus fiéis e, por outro, a escassez de clero. Duas grandes dificuldades para as quais procurou orientar os seus esforços no intuito de as colmatar. Numa mensagem enviada aos seus padres, a 8 de março de 1938, o Prelado afirmava:

“[...] É doloroso não poder mandar párocos para uma freguesia que está ao abandono e nem sequer compreende a miséria moral em que se encontra [...]”¹⁹⁰.

Como resposta à realidade religiosa constatada, deu início às designadas missões populares cujo objetivo principal se prendia com a elevação da formação cristã das populações visitadas.

¹⁸⁸ Cf. SILVA, D. Francisco Maria da, *op. cit.*, p. 184.

¹⁸⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 183.

¹⁹⁰ Cf. Documentos duma Vida Apostólica. Vol. I: *Seminário e Acção Pastoral (Aos Sacerdotes)*, *op. cit.*, p. 107.

Para além das muitas congregações religiosas que D. Manuel Mendes inseriu na arquidiocese de Évora, que desenvolveremos adiante, em capítulo próprio, sentiu necessidade de uma congregação que estivesse totalmente disponível para uma “pastoral direta”, capaz de prestar apoio aos sacerdotes e às comunidades cristãs, em todas as dimensões de apostolado, uma vez que os sacerdotes e os anunciadores do Evangelho eram em número reduzido. Deste modo, fundou a 24 de setembro de 1945, uma nova Congregação Religiosa, que denominou: Servas da Santa Igreja¹⁹¹.

A nova Congregação tinha por finalidade a estreita colaboração com os sacerdotes no serviço de evangelização, que passava, inclusivamente, pela presença dos seus membros nas paróquias sem padre no sentido de dinamizarem as comunidades pelo anúncio da Palavra, catequese e ação pastoral. D. Manuel Mendes não idealizou uma Congregação que vivesse enclausurada, mas que convivesse no seio dos fiéis pelo que não lhes atribuiu um hábito, no sentido de uma inserção mais eficaz no seio da comunidade, em sintonia com as orientações do Papa Pio XII. As Irmãs Servas foram, desse modo, enviadas de paróquia em paróquia, com a missão de evangelizar, através de missões itinerantes, da presença nas paróquias sem pároco, da catequese, da dinamização das comunidades paroquiais, da organização de retiros e de visitas domiciliárias, de férias missionárias e de movimentos de leigos.

De acordo com o Pe. Filipe de Figueiredo, as Servas da Santa Igreja eram um Instituto Religioso com características missionárias próprias, na medida em que prestam um serviço itinerante de evangelização, através de missões populares no meio do Povo de Deus; colaboram efetivamente nessas missões, preparando-as e dando-lhes continuidade e, pelo facto de todas as suas atividades possuírem uma matiz evangelizadora, quer na catequese de

¹⁹¹ Cf. Servas da Santa Igreja – *Semente na Planície: 50 anos ao Serviço da Igreja*. Casa Geral das Servas da Santa Igreja, Gráfica Eborense, Évora, 1996, pp. 48, 54 e 59.

crianças, jovens e adultos, quer na acção familiar e animação apostólica nas paróquias sem pároco¹⁹².

Ao compulsarmos os *Relatórios das Missões Populares* das Servas da Santa Igreja, constatamos isso mesmo: as Irmãs tinham de começar a sua acção evangelizadora, ensinando primeiramente as bases da doutrina como, por exemplo, as orações de *Ave Maria* e do *Pai Nosso* para, a partir daí, desenvolver um pouco mais a formação cristã dos fiéis. Para isso levavam a cabo uma pastoral de proximidade, convidando as pessoas, porta a porta, para a formação que se realizava à noite, depois dos trabalhos; aproveitavam para se deslocar à escola para formar as crianças, tentando que elas divulgassem, em casa, as missões que decorriam e rezavam o terço, explicavam os mistérios, os sacramentos e o Evangelho. A acção evangelizadora das Servas da Santa Igreja, nas missões, consistia também na preparação dos fiéis para as confissões, comunhões e, ainda, em instruções e visitas. Não obstante a formação ministrada fosse precária, não sendo possível contabilizar os seus resultados, tinha a vantagem de despertar os fiéis para a fé. A semente fora lançada e dela se esperava o crescimento e recolha de bons frutos no campo da fé.

No relatório da Irmã Palmira Aparício, a propósito de uma missão realizada nas freguesias rurais de Redondo, entre 19 de abril e 9 de maio de 1951, com o objetivo de ajudar o pároco nos trabalhos de preparação para a “desobriga pascal”, podemos observar, com particular detalhe, como se processavam as missões.

No primeiro dia dirigiu-se a Irmã Palmira Aparício, acompanhada pelo pároco, seu irmão, a uma dessas paróquias, denominada Nossa Senhora do Monte Virgem, onde foram recebidos pela professora, pelas crianças e demais pessoas da terra. Abriu-se a Casa do Povo, onde se colocou a imagem de Nossa Senhora de Fátima, a presidir aos trabalhos que se haviam iniciado e que para o efeito foi levada de Redondo. Rezou-se o terço e cantaram-se alguns cânticos, seguindo-se a pregação.

¹⁹² Cf. FIGUEIREDO, Filipe de – *Os Santos não Morrem!...: D. Manuel Mendes da Conceição Santos (Nas Bodas de Prata da sua Morte)*. Évora [s. n.], 1981, p. 5.

No dia seguinte, após o almoço, a irmã foi para a Escola onde passou a tarde a ensinar “Catecismos e Cânticos”. Houve pregação à noite, terminado a sua atividade pelas 23:30h.

No dia 21 de abril, durante a manhã, fez visitas ao domicílio, acompanhada da professora. Durante a tarde, na escola, preparou as crianças para a confissão que se realizaria nesse dia, na igreja paroquial. Refere que se confessaram crianças e adultos, alguns dos quais não se confessavam havia muitos anos. Depois do jantar voltaram para a Casa do Povo para a última pregação, verificando-se, um crescimento do número de pessoas que todos os dias participavam nas atividades.

No Domingo, dia 22, celebrou-se a missa dominical e verificaram-se 35 comunhões. Depois do almoço, a população despediu-se na imagem e, regressado de charrete para a sede de concelho, referiu, no relatório, que se ouvia, à distância, as crianças na Aldeia a cantar o cântico *Avé de Fátima*. Demorou-se dois dias em Redondo, enquanto preparava uma nova missão noutra freguesia.

Três dias depois deslocaram-se a S. Bento do Zambujal, lugar constituído só por montes, onde explicaram “alguns pontos da doutrina, fizeram perguntas e ensinaram cânticos”.

No dia seguinte, dia 26, a Irmã refere que deu uma grande lição às crianças, que prestavam extraordinária atenção às suas instruções, ensinando-lhes os cânticos para a comunhão pascal, no domingo seguinte que, para muitos, constituiu a 1ª comunhão. Deslocou-se a três montes, convidando todos os seus habitantes a deslocarem-se, à noite, à Escola para ouvir a pregação, a fim de se prepararem para a comunhão pascal. Refere a existência de muitos fiéis, com a pregação a terminar cerca da meia noite. O programa repetiu-se nos dois dias subsequentes, com a explicação à população, do motivo da visita e a preparação das crianças para a confissão, fazendo, com as mesmas, o respetivo exame de consciência. Findas estas, arranjou-se a igreja para o dia seguinte e à noite houve pregação.

No dia 29, domingo, confessaram-se algumas crianças e mulheres que, por trabalharem no campo, não puderam ir na véspera. Assistiu bastante gente à missa, verificando-se 25 comunhões, sendo 12 das crianças da Escola, “as quais comungaram na maioria pela 1ª vez, bem como a professora, que desde criança não mais voltara a confessar-se e a avó, que vivia com ela, também não mais se confessara desde a República”. Seguiram-se três dias em Redondo, ajudando na Catequese e em tudo o mais que podia.

No último dia que se encontra registado no relatório, dia 3 de maio, a Irmã e o Pároco, depois da Missa, onde estiveram, sensivelmente, mais de 300 crianças que habitualmente assistiam à missa nos domingos, foram para outra paróquia rural denominada Freixo. Nesta paróquia, na Casa do Povo, ensinaram algumas coisas necessárias para bem receber Nosso Senhor e alguns cânticos. À noite, prepararam-se os adultos, afirmando que a casa estava quase cheia¹⁹³.

Em suma, podemos concluir que as missões populares se caracterizavam pelo anúncio dos conteúdos da fé cristã, na preparação, embora muito parca, para a receção dos sacramentos, na visita a todos, sem distinção, tanto nos locais de trabalho, como nas suas casas, procurando inculcar pequenas bases para despertar e sustentar a fé, dada a ignorância religiosa da maioria das pessoas, mormente as que viviam nos meios rurais¹⁹⁴.

¹⁹³ O relatório encontra-se no Arquivo Servas da Santa Igreja, em dossier intitulado “*Relatório das Missões Populares: 1945-1955*”.

¹⁹⁴ Outro relatório, bastante elucidativo, refere-se a uma missão realizada em Vendas Novas, pelas Irmãs Maria Helena Cordovil e Maria Bagulho, entre 19 de maio e 16 de junho de 1952:

“[...] Dizem ter a sua fé [...] mas não têm vida para andar na Igreja [...]. Os ricos é que podem ir, porque têm quem lhes faça as coisas – diziam eles. [...] Entramos em todas as casas e aí fizemos visita demorada, expondo as razões que ali nos levaram e ouvindo suas objeções que se generalizam todas nas seguintes respostas: “não tenho vida para isso [...] para ir à Igreja [...] tenho cá a minha fé!” – nota-se-lhes uma tal firmeza nas suas convicções que difícil se torna fazer-lhes compreender o seu erro. Pessoalmente, recebem-nos bem, mas quanto a receberem a doutrina, já se não pode dizer o mesmo, sendo na realidade pouco acessíveis, talvez porque tivessem vivido durante muito tempo sem um mínimo de conhecimentos religiosos e pela grande luta pela vida entregues ao trabalho desde muito novos e nele se encontram ainda de tal modo presos, absorvendo-lhes a vida, que se julgam impossibilitados de poderem praticar [...]” (Arquivo Servas da Santa Igreja, “*Relatório das Missões Populares: 1945-1955*”).

2.2. Papel das congregações religiosas

Como anteriormente referimos, o Prelado eborense, na sua ação pastoral, sentiu necessidade de recrutar colaboradores. Nesse sentido, pediu auxílio a várias congregações religiosas já existentes¹⁹⁵, motivo pelo qual durante o seu episcopado entraram na Arquidiocese de Évora as seguintes congregações religiosas: os Salesianos de S. João Bosco; as Filhas de Maria Auxiliadora; os Missionários do Preciosíssimo Sangue; a Ordem dos Carmelitas Descalços; os Irmãos Hospitaleiros de S. João de Deus; as Irmãs de Santa Doroteia; as Adoradoras do Santíssimo Sacramento; a Liga dos Servos de Jesus; a Companhia de Santa Teresa de Jesus; as Religiosas do Amor de Deus; as Irmãs Josefinas da Santíssima Trindade; as Missionárias Reparadoras do Sagrado Coração de Jesus; as Irmãs da Bem-Aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo; as Irmãs Franciscanas de Calais; as Servas da Santíssima Eucaristia e da Mãe de Deus; as Filhas das Dores de Maria Imaculada; as Franciscanas Hospitaleiras Portuguesas; as Concepcionistas da Imaculada Conceição; as Servas de Nossa Senhora de Fátima e as Franciscanas de Nossa Senhora das Vitórias. Concomitantemente, em 1936, fundavam-se, em Elvas, pela mão de D. Maria Caldeira, a Congregação das Concepcionistas ao Serviço dos Pobres.

Além das referidas vinte e uma Congregações, distribuídas por trinta e duas casas, que a seu pedido¹⁹⁶ se instalaram na Arquidiocese, D. Manuel Mendes fundou ele próprio, como referido anteriormente, uma Congregação Religiosa: as Servas da Santa Igreja. De referir, a tentativa de fundação de um Convento de Religiosas Carmelitas, embora sem sucesso. Em contrapartida, reapareceu a esperança de ver repovoada a Cartuxa¹⁹⁷.

¹⁹⁵ Até então a Arquidiocese encontrava-se desprovida de congregações religiosas, em consequência da sua expulsão, em 1834. Por esse motivo, todos os conventos se encontravam encerrados ou profanados e, nesse sentido, a decadência do espírito cristão.

¹⁹⁶ Ao percorrermos a sua *Agenda Pessoal* podemos constatar as inúmeras vezes que se deslocou ao estrangeiro com o intuito de conseguir colaboradores para a sua diocese. Referimos, a título de exemplo, uma anotação, registada a 13 de junho de 1925, na qual assinalava: “a Nossa Senhora Auxiliadora e a Santo António, pela diocese, pelos padres e pelos seminaristas sobretudo e afim de alcançar bom despacho para as pretensões que me trazem agora a Itália (alcançar colaboradores para a diocese) [...] fui falar aos Geraes dos Salesianos e dos Maristas”.

¹⁹⁷ Cf. SILVA, D. Francisco Maria da, *op. cit.*, pp. 210-216.

Não foi um processo fácil, conseguir a instalação, na Arquidiocese, das novas congregações religiosas. Para atingir esse objetivo, insistiu perante as dificuldades que se lhe colocavam, como testemunha uma carta, datada de 12 de janeiro de 1955, dirigida pela Superiora Geral das Franciscanas Madeirenses de Nossa Senhora das Vitórias, Irmã Maria Josefina Baptista:

“A carta [...] já é o 4º pedido para a mesma fundação. Ao primeiro pedido do Sr. Arcebispo de Évora nós respondemos que, por enquanto, não podíamos pensar em novas fundações por estarmos a lutar com muita falta de pessoal. Como a nossa recusa, aliás justa, não surtisse efeito, o Sr. Arcebispo apelou para o nosso Sr. Bispo do Funchal que nos pediu que satisfizéssemos o pedido, na medida do possível. Como ainda não víamos viabilidade alguma de destacar 3 ou 4 Irmãs continuamos a dizer que apesar de toda a nossa boa vontade não podíamos tomar conta da obra.

Perante a nossa recusa o Sr. Bispo despachou o Sr. Arcebispo de Évora, dizendo que não tínhamos pessoal e que por conseguinte não contasse com a nossa ida. A nós porém, o Sr. Bispo não nos oculta a sua imensa pena em não poder atender o Sr. Arcebispo, reforçado agora com o pedido do Sr. Núncio. Por isso, custe o que custar, embora tenhamos de desfalcar algumas casas, vamos ver se podemos atender o insistente pedido e, já muito brevemente, se Deus quiser, iremos ver a obra. [...]”¹⁹⁸.

Inseridas novas congregações religiosas no território arquidiocesano, não foi apenas D. Manuel Mendes que beneficiou do seu apoio, no que respeita à evangelização, como elas próprias puderam beneficiar com a solicitude do Arcebispo. De facto, se por um lado era insistente junto dos Superiores Gerais solicitando o envio de alguns dos seus membros para o ajudarem na evangelização, por outro, depois da presença no território a si confiado, acompanhava-as regularmente, chegando a ser confessor extraordinário e diretor espiritual, visitando com frequência as suas casas e amparando-as nas necessidades físicas e espirituais. Nesse sentido, verificamos uma constante preocupação do Prelado com o acompanhamento

¹⁹⁸ Cf. Idem, *ibidem*, p. 216.

religioso dos seus fiéis e, simultaneamente, com os seminaristas, presbíteros, religiosos e religiosas que com ele colaboravam na acção evangelizadora¹⁹⁹.

2.3. O culto devocional

Perante um mundo descristianizado, a Igreja sempre procurou formas de combater o paganismo, nomeadamente através das festas e procissões, devoções e pregações, valorizando e promovendo e cristianizando as formas de religiosidade popular. De entre as principais devoções católicas então existentes, destacam-se, pela sua singularidade, quatro: o Sagrado Coração de Jesus, o culto eucarístico, o culto a Nossa Senhora e a S. José.

A devoção ao Sagrado Coração de Jesus, implementada fortemente no século XIX, faz ressaltar a marca real e universal do amor divino tendo, na I Guerra Mundial, alcançado um novo fôlego em termos de projecção. Em Portugal, difundiu-se em meados de Setecentos, tendo um impulso regenerador no século XIX, com o Apostolado da Oração, ainda hoje existente. De facto, graças à Acção Católica, a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, ficou de tal forma entranhada na alma dos portugueses que perdurou até aos nossos dias. De referir, que são poucas as Igrejas que não têm uma imagem do Sagrado Coração de Jesus.

O culto eucarístico, por seu turno, prosperou no século XIX. A adoração eucarística e as devoções da época tinham um cariz penitencial e, ao mesmo tempo, reparador pelo que se considerava serem os males decorrentes do materialismo em geral e das novas perspectivas trazidas Revolução Francesa. Como expressão maior deste culto, implementou-se a comunhão frequente.

No que respeita à devoção mariana do século XIX centrou-se, principalmente, na Imaculada Conceição e na Senhora do Rosário. De facto, podemos entender a proclamação do dogma da Imaculada Conceição, em 1854, como uma reacção do Papa ao laicismo então vigente. A proclamação deste dogma pretendia despertar na consciência dos homens, a marca

¹⁹⁹ Cf. MELO, Cardoso de – “*Solicitude pelas Congregações Religiosas*”, in *Alvoradas*, Ano XVII, janeiro – março, 1956, pp. 104-117.

do pecado original neles inscrita, fazendo-os perceber que a sociedade só poderia progredir e existir em paz se não prescindisse da graça divina.

De facto, também Leão XIII deu grande atenção à devoção à Senhora do Rosário. Pela Encíclica *Supremi Apostulatus* (1883), consagrou o mês de outubro desse ano à devoção do Rosário, relacionando-a com as dificuldades que a Igreja atravessava com o Liberalismo, isto é, o Papa socorreu-se do Rosário como resposta às dificuldades e contrariedades que a sociedade de então vivia. No ano seguinte, voltou a consagrar o mês de outubro ao Rosário, embora o motivo fosse à ameaça da peste asiática.

No que respeita a Portugal, o culto da Imaculada Conceição tem raízes profundas, com a proclamação de Nossa Senhora como Rainha de Portugal, em 1646, pela mão de D. João IV. Por outro lado, embora intimamente ligada à devoção mariana, deu-se um grande desenvolvimento, na segunda metade do século XIX, do culto e devoção a S. José. A 8 de dezembro de 1870, o papa Pio XI declarou São José padroeiro da Igreja universal. A devoção a S. José continuou explícita nos Papas que o sucederam, como se verificou com Leão XIII, que realçou o modelo de vida de S. José, para advertir e animar os operários, destacando a exemplaridade deste santo no seio da Sagrada Família e na exaltação das virtudes familiares, quando a legislação civil pretendia fazer vingar o divórcio. Em Portugal, a devoção a São José aumentou de forma exponencial depois da sua proclamação como padroeiro da Igreja.

De notar, que estas quatro devoções se manifestaram durante o episcopado de D. Manuel Mendes, fortemente incrementadas pelos acontecimentos de Fátima. A este propósito, encontramos referências ao Sagrado Coração de Jesus, nas *Memórias* da Irmã Lúcia e, ao culto eucarístico, nas orações ensinadas pelo anjo e na espiritualidade eucarística de Francisco. De certo modo, toda a história de Fátima acentuou a devoção mariana do povo

português – a Senhora que fala aos pastorinhos intitula-se Senhora do Rosário e, as *Memórias* da Irmã Lúcia, estimulam a devoção ao Imaculado Coração de Maria²⁰⁰.

Entretanto, houve também outras devoções de cariz popular vindas do século anterior, que se prolongaram nas primeiras décadas do século XX como, por exemplo, o culto antoniano²⁰¹. Surgiu, ainda, no início do século XX, em Portugal, embora já conhecida em alguns lugares do mundo desde finais do século XIX, uma nova devoção: Santa Teresinha do Menino Jesus. Este culto, introduzido pelos Jesuítas, contou de tal modo com o apoio do episcopado, que na cerimónia da sua canonização, em 1925, estiveram presentes 8000 portugueses, que ali se deslocaram em peregrinação, sob a presidência do cardeal D. António Mendes Belo e com a presença de todo o episcopado português. Ora, entre os grandes impulsionadores desta devoção, encontramos D. Manuel Mendes da Conceição Santos e D. Manuel Gonçalves Cerejeira²⁰².

D. Manuel Mendes, participando do contexto devocional do seu tempo, era grande devoto do Sagrado Coração de Jesus, de Nossa Senhora e de S. José tendo, como não poderia deixar de ser, grande amor à Eucaristia. No entanto, na devoção a Santa Teresinha, destacou-se nitidamente, da comum e geral devoção.

Para além dos benefícios espirituais próprios, que estas devoções lhe proporcionavam, o Arcebispo promovia-as com o intuito de, através delas, alimentar a fé dos seus fiéis e alcançar o rejuvenescimento espiritual pretendido²⁰³. Vejamos, então, como o Arcebispo dinamizou estas devoções, enquanto parte da sua estratégia de ação pastoral.

²⁰⁰ Cf. ABREU, Adélio F. – “Contextualização da mundividência subjacente aos acontecimentos de Fátima”. In *Francisco Marto – Crescer para o dom* (coord. Arnaldo de Pinho / Vítor Coutinho), Santuário de Fátima, Fátima, 2010, pp. 76-102.

²⁰¹ Cf. FONTES, Paulo F. de Oliveira, *op. cit.*, p. 160.

²⁰² Cf. Idem, *ibidem*, p. 163.

²⁰³ Cf. SILVA, D. Francisco Maria da, *op. cit.*, p. 384.

2.3.1. Nossa Senhora

A devoção a Nossa Senhora terá sido a principal distinção que marcara a sua vida enquanto cristão, seminarista e sacerdote, mas sobretudo, como Prelado. Durante o seu episcopado foi anunciador infatigável do culto a Maria, cuja invocação nunca deixou de estar presente nas suas homilias, sermões ou conferências²⁰⁴. Na sua *Agenda Pessoal* são incontáveis as intenções a Nossa Senhora, por si e pelas almas a si confiadas, sobretudo pela sua Arquidiocese. A piedade mariana ocupou um lugar proeminente na sua vida e na sua devoção, sentindo-se como filho amado, ultrapassando o comum das devoções²⁰⁵.

Variadas e inúmeras foram as configurações com que o Prelado desejou acalentar a fé dos seus fiéis. Entre outras, podemos destacar, através da sua *Agenda Pessoal*, a entronização de muitíssimas imagens de Nossa Senhora de Fátima por toda a Arquidiocese, as pregações no mês de Maria ou as peregrinações a Lourdes, Vila Viçosa e a Fátima²⁰⁶. Por outro lado, como teremos oportunidade de analisar em capítulo próprio, a Consagração da Província Eclesiástica a Nossa Senhora de Fátima, a Consagração da Arquidiocese ao Imaculado Coração de Maria, as comemorações do Centenário da Consagração à Padroeira, a peregrinação da Imagem Peregrina de Fátima à Arquidiocese e as comemorações do Ano Mariano, constituíram exemplos da devoção que o Antístite eborense dedicou a Nossa Senhora.

O impulso devocional mariano promovido por D. Manuel Mendes, encontra-se presente nos seus inúmeros escritos. Entre outros, refira-se a exortação que dirigiu ao clero, pouco depois da sua entrada na Arquidiocese, em abril de 1922, a propósito do mês de Maria. Nela, o Prelado, afirmava que a devoção mariana é um sentimento inato em toda a alma cristã, incentivando para que o mês de maio fosse destinado a honrar, de modo particular, Maria.

²⁰⁴ Cf. Documentos duma Vida Apostólica. Vol. I: *Seminário e Acção Pastoral (Aos Sacerdotes)*, *op. cit.*, p. 201.

²⁰⁵ Cf. GUIMARÃES, M. – “D. Manuel Mendes da Conceição Santos: Enamorado da Virgem”, In *Alvoradas*, Ano XVII, janeiro – março, 1956, p. 51.

²⁰⁶ De salientar que, entre as autoridades eclesiais portuguesas, D. Manuel Mendes da Conceição Santos foi dos primeiros Bispos a deslocar-se a Fátima, em 1926, a título privado. (Cf. FONTES, Paulo F. de Oliveira, *op. cit.*, p. 155).

Procurou que esse culto se expandisse por todas as paróquias de forma a avivar-se a fé e, conseqüentemente, ao renascer da esperança, ao reanimar da caridade, ao arrependimento e à reconciliação de muitos pecadores com Deus. O mês de Maria foi, por isso, a oportunidade de muitos voltarem à igreja e aos sacramentos uma vez que nos locais onde já se praticava, se assistiu ao rejuvenescimento da fé por se tratar de uma devoção que não cansa, mas que atrai os indiferentes, afirmava o Arcebispo²⁰⁷.

Todavia, dado que muitas paróquias se encontravam sem pároco e onde raramente se realizava o culto nas suas igrejas, D. Manuel Mendes apontava os meios de acção para que o mês de Maria se praticasse em todas as comunidades. Deste modo, sugeriu a escolha de um fiel que tivesse grande devoção a Nossa Senhora e que se responsabilizasse por adornar o altar e convidasse os membros da comunidade a participar organizando, diariamente, uma celebração mariana.

Acrescenta que a celebração deveria consistir na oração, na leitura de considerações edificantes e na entoação de cânticos. Contudo, lembrava que a celebração do Mês de Maria deveria ser feita em família, principalmente nas situações em que os fiéis não tinham possibilidade de se deslocarem à igreja por motivos diversos. No entanto, afirmava que, nas grandes povoações que têm pároco, seria inadmissível que esta prática devocional não existisse, pois não importava o nível da sumptuosidade nem a quantidade de pessoas, uma vez que devoção não significa luxo e aparato. Por isso, recomendava ao clero que fosse o primeiro a dar o exemplo e que, sempre que possível, em vez da leitura, se fizesse uma prática doutrinal sobre os aspectos mais necessários para cada comunidade, com a exposição do Santíssimo Sacramento, concluindo-se com a bênção solene²⁰⁸. Neste contexto, o então

²⁰⁷ Cf. Documentos duma Vida Apostólica. Vol. I: *Seminário e Acção Pastoral (Aos Sacerdotes)*, op. cit., pp. 196-197.

²⁰⁸ Cf. Idem, *ibidem*, pp. 197-201.

seminarista Manuel Guimarães, em 1956, intitulou D. Manuel um “Enamorado da Virgem”

209

2.3.2. Sagrado Coração de Jesus

Como já referimos, a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, sendo uma devoção muito difundida em Portugal, fazia parte das devoções pessoais de D. Manuel Mendes. A 7 de junho de 1907, festa do Sagrado Coração de Jesus, escreveu a sua consagração, a qual, para melhor percebermos a sua elevação espiritual, transcrevemos um pequeno trecho:

“[...] Dai fervor, generosidade, amor ao meu coração, para que ele seja uma vítima imolada para vós. Vejo-me tão fraco, tão inconstante, tão indigno, que não me atrevo a grandes promessas; faço-vos porém, é meu Jesus, plena e irrevogável oferta de mim mesmo. Ofereço-me a vós, em honra de Maria e pelas mãos de Maria, para o que vós quiserdes e como vós quiserdes, sem reserva nem condição alguma [...] Ao vosso Coração me consagro, nele quero viver, nele quero morrer para mim e para o mundo [...]”²¹⁰.

Acresce a esta consagração ao Coração de Jesus, o *Acto de Oblação* que D. Manuel Mendes fez na primeira sexta-feira de dezembro de 1927, o qual assinou com o seu próprio sangue, na presença do padre Matéo Crawley-Boevey, o apóstolo do “reinado social” do Sagrado Coração de Jesus. De facto, nele fica clara a grande preocupação do Prelado eborense em ser fiel a Cristo e em conduzir até Ele, o Bom Pastor, as almas a si confiadas, sobretudo as dos sacerdotes:

“[...] Assim imolado ao Vosso amor, feito vossa pobre vítima, eu conseguirei ser um sacrário vivo de um Cristo vivo, e é essa a minha única aspiração, que Vós vivais em mim, e que eu viva em Vós! Que eu Vos dê as almas que Vós me confiastes, sobretudo as almas sacerdotais, e terei realizado o sonho da minha felicidade [...]”²¹¹.

²⁰⁹ Cf. GUIMARÃES, M – “D. Manuel Mendes da Conceição Santos: Enamorado da Virgem”, *op. cit.*, p. 52.

²¹⁰ Cf. SILVA, D. Francisco Maria da, *op. cit.*, p. 53.

²¹¹ Cf. Documentos duma Vida Apostólica. Vol. I: *Seminário e Acção Pastoral (Aos Sacerdotes)*, *op. cit.*, p. 234.

Na alocução que fez na Catedral, no dia da sua entrada solene, testemunhou a grande confiança que tinha no Sagrado Coração de Jesus, afirmando ser Nele e em Nossa Senhora, que fundava todas as suas esperanças²¹².

Assim sendo, durante o seu episcopado, muitas foram as formas de difusão que utilizou para inculcar, na sua Arquidiocese, a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, como meio de renovação e caminho para a verdadeira vivência cristã e estabelecimento do reinado social de Cristo. Entre essas formas de difusão destacam-se quatro: a pregação por si realizada²¹³; a entronização de imagens do Sagrado Coração de Jesus por toda a Arquidiocese; a ação direta do padre Matéo; e o grande impulso que deu ao instalar o Apostolado da Oração em muitas paróquias.

A ação do Pe. Matéo – a pedido do Arcebispo –, junto do clero eborense, dos seminaristas e dos fiéis, produziu um grande florescimento espiritual. Deu-se, na verdade, um grande impulso devocional e rejuvenescimento espiritual, não só na Arquidiocese, mas em todo o país, pois ele foi convidado a pregar pelas outras dioceses portuguesas. No tempo que esteve em Portugal, realizaram-se ações de autêntica “propaganda” a Jesus, apoiada também na criação e desenvolvimento da Obra da Entronização do Sagrado Coração de Jesus²¹⁴. Da ação do Pe. Matéo devem destacar-se as conversões religiosas, as inúmeras entronizações do Sagrado Coração de Jesus nas famílias e o grande número de pessoas que, em Évora e, por todo o país, praticavam a adoração noturna nos lares²¹⁵ e a hora santa da reparação²¹⁶.

²¹² Cf. Idem, *ibidem*, p. 14.

²¹³ Na sua *Agenda Pessoal* são muitas as referências à pregação. Por exemplo, sempre pregou o mês do Sagrado Coração de Jesus, em Elvas.

²¹⁴ A Obra da Entronização do Sagrado Coração de Jesus consistia na adoração noturna, no próprio lar, proporcionando o surgimento de uma espiritualidade organizada em diversas dioceses portuguesas. Serve-nos de referência sobre a Obra da Entronização, o Livro assinado pelo Pe. Matéo: “*Adoração Nocturna Nos Lares Ao Divino Rei De Amor*.”

²¹⁵ Cf. ROCHA, José Olívio Mendes – A Congregação dos Sagrados Corações de Jesus e Maria no Açores: um contributo para o estudo da sua História, a propósito dos 50 anos nos Açores. *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, vol. LXIII (2005), 27-43. Disponível na internet: <http://www.ihit.pt/new/boletins/2005/2congregacao.pdf>.

²¹⁶ Cf. GRAWLEY-BOEVEY, MATÉO – *Hora Santa: Doze Exercícios para a vigília da primeira sexta-feira e mais sete para diversas circunstâncias*. Trad. Pe. Alexandre dos Santos, O.F.M. Braga: Edição dos «Boletim Mensal», 1928.

No que confere à instituição do Apostolado da Oração na Arquidiocese, D. Manuel Mendes foi, de novo, o grande impulsionador. Ao longo das anotações que regista na sua *Agenda Pessoal* é recorrente a referência à instalação deste movimento nas diversas paróquias que lhe haviam sido confiadas. Transcrevemos, a título de exemplo, dois apontamentos a este respeito. O primeiro, anotado no dia 5 de julho de 1921, pouco depois da sua tomada de posse:

“[...] em Fronteira, onde fui instalar o Centro do Apostolado da Oração e admitir as zeladoras”.

No segundo, a 30 de novembro de 1930, dá-nos a conhecer que havia estado:

“[...] no Vimieiro, onde fui instalar o Apostolado da Oração”.

2.3.3. S. José

As referências a São José encontradas nos seus escritos não são muitas, embora nos permitam perceber que esta devoção o assistia, situação que o seu biógrafo, D. Francisco Maria da Silva, confirma²¹⁷. A este propósito, destacamos dois aspectos que nos parecem interessantes: a atribuição da designação de S. José, como patrono do Seminário de Vila Viçosa, assim como o facto de não deixar passar nenhum mês dedicado a este Santo, sem praticar a sua devoção. A título de exemplo, no dia 31 de março de 1922, anotou na *Agenda Pessoal*:

“A S. José – consagração do seu mês e supplica [...]”.

2.3.4. Santa Teresinha

O culto a Santa Teresinha foi importante em diversos meios eclesiais, sobretudo, na fase da restauração católica e, por isso, encontramos-lo presente, em figuras destacadas do episcopado português, nomeadamente o arcebispo D. Manuel Mendes da Conceição Santos.

²¹⁷ Cf. SILVA, D. Francisco Maria da, *op. cit.*, p. 384.

Desconhece-se o meio através do qual o Prelado eborense tomou conhecimento da devoção à “Estrela de Lisieux”. No entanto, ainda antes da sua canonização, D. Manuel Mendes conseguiu, para o Seminário da Purificação, o privilégio de lá instalar o culto a Santa Teresinha, através de uma imagem vinda de Lisieux, que ainda hoje se encontra no altar a si dedicado²¹⁸. O Arcebispo, numa exortação enviada ao clero, em junho de 1925, confirma-o:

“[...] Com efeito, a 2 de Janeiro, dia em que ela, se vivesse na terra, completaria 52 anos, foi exposta solenemente à veneração dos fiéis, na capela pública do Seminário, a sua imagem, para o que obteve indulto apostólico [...]”²¹⁹.

Numa nova missiva sobre o Seminário dirigida ao clero eborense, datada de dezembro de 1927, o Arcebispo esclarece a importância desta devoção no Seminário Arquidiocesano: dado que a sua diocese é terra de missão, “bem fica velar pelos seminaristas, a padroeira dos missionários”²²⁰. De facto, em junho desse ano, foi recebido em audiência pelo Papa e, ao expor-lhe as dificuldades do Seminário, este respondeu-lhe:

“[...] recorra à proteção de Santa Teresinha que tantas graças tem alcançado de Deus”²²¹.

Contudo, qual não terá sido a admiração do Papa, quando D. Manuel Mendes lhe respondeu que já havia estabelecido o culto dessa Santa, ainda antes da sua canonização!

No que respeita à ligação do Arcebispo ao Carmelo de Lisieux, são de destacar as peregrinações realizadas²²² e a correspondência trocada, de forma continuada, entre 1923 e 1954, ano anterior à sua morte, da qual é intermediária a Madre Inês de Jesus (Irmã Paolina)²²³. Nessa correspondência, como constatámos anteriormente, encomendava à oração

²¹⁸ Cf. Idem, *ibidem*, p. 285.

²¹⁹ Cf. Documentos duma Vida Apostólica. Vol. I: *Seminário e Acção Pastoral (Aos Sacerdotes)*, *op. cit.*, p. 63.

²²⁰ Cf. Idem, *ibidem*, p. 90.

²²¹ Cf. Idem, *ibidem*, p. 91.

²²² No que respeita às deslocações ao Carmelo de Lisieux, encontram-se registadas na sua *Agenda Pessoal* quatro peregrinações: junho de 1925, julho de 1929, maio de 1937 e junho de 1951.

²²³ A correspondência do Arcebispo com o Carmelo de Lisieux encontra-se publicada em: *Correspondência entre o Carmelo de Lisieux e D. Manuel Mendes da Conceição Santos Arcebispo de Évora*:

das Irmãs e à proteção de Santa Teresinha todas as suas preocupações e intenções, tanto materiais, como espirituais. Assim, a 15 de agosto de 1928 tornou-se membro da União Sacerdotal dos Irmãos Espirituais de Santa Teresinha do Menino Jesus²²⁴.

O Prelado eborense empenhou-se, nesse sentido, em estender a devoção a Santa Teresa do Menino Jesus por toda a Arquidiocese. Começou pelo Seminário, depois pela Sé – Igreja Mãe da Arquidiocese – e daí alargou o culto por todas as paróquias. No Seminário, como aludimos anteriormente, a imagem de Santa Terezinha foi entronizada a janeiro de 1925 e, na Sé, três anos depois, a 20 de abril de 1928, facto que D. Manuel Mendes comunicou a Madre Inês, numa carta datada desse mesmo dia:

“[...] Venho da Sé, onde benzi solenemente uma bela imagem da sua santa Irmã, na presença de uma assembleia numerosa que assistiu à santa missa...é a primeira cerimónia de uma linda e devota novena que começa hoje para inaugurar na Catedral o culto de Santa Teresa do Menino Jesus. No fim, a 29, faremos a festa, talvez com missa pontifical. Espero que estas manifestações de piedade sejam uma fonte de bênçãos para a cidade e para a diocese [...]”²²⁵.

Correspondência/Correspondance (1923-1954). (Coord. J. Pinharanda Gomes), Filhas de S. Paulo, Lisboa, 2000.

²²⁴ A sua inscrição na União Sacerdotal dos Irmãos Espirituais de Santa Teresa do Menino Jesus, encontra-se registada na sua *Agenda Pessoal*, precisamente no dia 15 de agosto de 1928, através das seguintes palavras: “Fui hoje inscripto na União sacerdotal dos Irmãos espirituais de Sta Theresa do Menino Jesus”.

²²⁵ Cf. *Correspondência entre o Carmelo de Lisieux e D. Manuel Mendes da Conceição Santos Arcebispo de Évora: Correspondência/Correspondance (1923-1954)*, *op. cit.*, p. 45. De igual modo, também registou esse momento na *Agenda Pessoal*, assim como a novena que se realizou, onde pregou e o Pontifical celebrado no dia da festa de Santa Teresinha.

CAPÍTULO III – O Culto Mariano na Ação Pastoral do Prelado

A religiosidade do povo alentejano evidencia-se não só no património religioso e artístico, como nas tradições religiosas disseminadas pelos territórios abrangidos pelas dioceses de Portalegre-Castelo Branco, Beja e arquidiocese de Évora. Um território onde se destacam os numerosos santuários repletos de história, que ainda hoje são fervorosos centros de piedade.

Uma das expressões religiosas católicas mais relevantes do povo alentejano é a filial devoção a Nossa Senhora²²⁶. Esta é sua a principal devoção que, enraizada nos corações, entusiasma a alma e conserva o vigor da fé. No coração da arquidiocese, em Vila Viçosa, encontra-se o que foi designado como “solar da Rainha”²²⁷, que o Santo Condestável, em 1420, mandou construir. O templo, numa fase posterior, tornar-se-ia na mais célebre das igrejas portuguesas dedicadas à Imaculada Conceição, cuja imagem, provavelmente importada de Inglaterra, o Santo Condestável terá oferecido para veneração do povo português²²⁸.

A veneração alentejana à Virgem Maria, encontramos-la presente desde a música popular à pintura, passando pela estatuária ou pela própria azulejaria. De destacar, neste âmbito, pela sua relevância, o número de santuários marianos espalhados pela arquidiocese de Évora, bem como as peregrinações e festas que neles se realizam regularmente (peregrinações e procissões são duas formas através das quais o povo alentejano manifesta a sua fé). Aliás,

²²⁶ A título de exemplo, veja-se CLEMENTE, Manuel – O culto de Nossa Senhora: da fundação à restauração da nacionalidade; Maria na devoção dos portugueses: uma devoção nacional?. In *Portugal e os portugueses*. Lisboa: Assírio e Alvim, 2008, pp. 35 -73.

²²⁷ Cf. SERPA, Gonçalo de – *A Virgem da Lusitânia: História, Paisagens e Mistérios*. Coimbra: Coimbra Editora, 1946, pp. 158-160.

²²⁸ Cf. LAVAJO, Joaquim Chorão - “A consagração de Portugal a Nossa Senhora da Conceição”, in *Eborensia: Actas das Jornadas Mariológicas*, Ano IX, 1996, N.º 17-18, p. 47.

em todas as localidades constata-se a existência de pelo menos um altar ou nicho a Ela dedicado²²⁹.

Como expressões da devoção mariana deve, ainda, referir-se os quadros figurativos de Nossa Senhora que as famílias introduziam nas suas casas, as estampas que muitos homens colocavam na carteira e as orações que, aprendidas na infância, muitos rezavam todos os dias, como alimento diário que passa de geração em geração. Pode-se, por isso, considerar muito rica e profunda a religiosidade do povo alentejano²³⁰.

De acordo com o Pe. Filipe Marques de Figueiredo, ao povo alentejano pode aplicar-se a informação constante do *Documento de Puebla*, a respeito dos latino-americanos:

“O nosso povo ama as peregrinações. Nelas, o cristão simples celebra o gozo de sentir-se imerso no meio de uma multidão de irmãos a caminharem juntos para Deus que os espera [...]”²³¹.

Entenda-se, aproveitar as manifestações de devoção popular como oportunidade para se fazer a necessária evangelização daqueles que nem sempre aderiam ao ideal de vida cristã proposto pela Igreja.

Com efeito, sendo D. Manuel Mendes da Conceição Santos um cristão com uma espiritualidade profundamente mariana, logo percebeu que o rejuvenescimento espiritual da diocese não podia deixar de passar pela dinamização das manifestações marianas de devoção popular. Nesse sentido, empreendeu a entronização de imagens de Nossa Senhora por toda a

²²⁹ Cf. SERPA, Gonçalo de, *op. cit.*, p. 194.

²³⁰ Cf. FIGUEIREDO, Filipe Marques de – “O Culto Mariano: a Piedade Popular na Arquidiocese de Évora”, in *Eborensia: Actas das Jornadas Mariológicas*, Ano IX, 1996, N.º 17-18, pp. 176-177.

²³¹ Cf. Idem, *ibidem*, pp. 176-177.

Arquidiocese, implementou a realização do mês de Maria²³² e convidou os seus diocesanos a peregrinarem consigo aos santuários de Lourdes²³³, Fátima e Vila Viçosa.

Com essas iniciativas, muito centradas na devoção mariana, D. Manuel Mendes pretendeu substituir o então vigente “catolicismo de situação” por um “catolicismo de mobilização”. Uma nova estratégia pastoral que, partindo da ligação particular do Arcebispo ao Santuário de Lourdes, da importância de Fátima a nível nacional e da tentativa de redimensionar o Santuário de Vila Viçosa, procurou retirar os católicos do seu comodismo, incentivando-os a peregrinar no intuito de revigorar a sua fé, aumentar a sua formação e manifestar publicamente a força renovadora do catolicismo a nível da sociedade.

No que se refere à ligação pessoal do Prelado eborense ao Santuário de Fátima sabemos que, no ano de 1926 se deslocou, a título individual, a Fátima, sendo um dos primeiros três bispos portugueses a fazê-lo²³⁴. Por outro lado, decorridos dois anos, a 13 de maio de 1928²³⁵, já se deslocou até ao Santuário de Fátima, a título oficial, para benzer a primeira pedra da futura Basílica do Rosário²³⁶, momento que o jornal “*Voz da Fátima*” perpetuou nas suas páginas²³⁷. De igual modo, também na sua *Agenda Pessoal*, podemos encontrar referência a esta deslocação:

“Em Fatima – às 6 da manhã, para a comunhão geral – Assitencia phenomenal, enorme – communhões numerosíssimas.

Às dez horas – benzi solemnemente, por incumbencia benevola do Senhor Bispo de Leiria, a primeira pedra para o futuro santuário.

²³² O jornal diocesano *A Defesa* refere, inclusivamente, a obrigatoriedade da realização do mês de Maria:

“Ao aproximar-se o mês de Maria, convém recordar que o nosso Excelentíssimo Prelado quer e ordena que se celebre o mês de Maria em todas as paróquias onde haja pároco, o qual pode utilizar em vez da igreja paroquial uma outra igreja ou capela que mais se adapte às comodidades do povo [...]”. (Cf. *A Defesa*, Évora, Ano XI, (22. abril. 1933, p. 2).

²³³ A título de exemplo, refira-se a peregrinação de D. Manuel Mendes ao santuário de Lourdes, em setembro de 1927, acompanhado pelos bispos de Beja e Portalegre, com uma “peregrinação alentejana”, conforme consta da sua *Agenda Pessoal*.

²³⁴ Cf. FONTES, Paulo F. de Oliveira, *op. cit.*, p. 155.

²³⁵ Cf. Apêndice Fotográfica – Fig. 9.

²³⁶ Cf. Apêndice Fotográfica – Fig. 8.

²³⁷ Cf. *Voz da Fátima*, Leiria, Ano VI, Nº 69, (13. junho. 1928), p. 1.

À missa dos doentes prèguei a uma auditorio imenso. Espectaculo inolvidável. Gloria à Virgem!”.

A década de trinta ficou, por isso, marcada pelas grandes peregrinações a Fátima e a Vila Viçosa. Os anos seguintes e a primeira metade da década de cinquenta, aproveitando a comemoração do terceiro centenário da proclamação de Nossa Senhora da Conceição como Rainha de Portugal (1646-1946), destacaram-se pela grande peregrinação da imagem de Nossa Senhora de Fátima à Arquidiocese (1947), pela definição do dogma da Assunção de Maria ao Céu (1950) e pelo primeiro centenário da definição dogmática da sua Imaculada Conceição (1854-1954). Efemérides que foram, naturalmente, propícias a uma ação pastoral, visando o aprofundamento e aperfeiçoamento da vivência cristã.

1. Templos marianos da arquidiocese de Évora

Como referido anteriormente, de todas as devoções do povo alentejano, a que mais se destaca é, sem dúvida, a devoção mariana. Um dos testemunhos mais evidentes dessa devoção prende-se não só com o número de Santuários Marianos existentes no vasto território da arquidiocese de Évora, como no significativo número de paróquias que têm por orago Nossa Senhora.

1.1. Santuários Marianos

No vasto território da arquidiocese de Évora, verifica-se a existência dos seguintes Santuários Marianos: Nossa Senhora da Conceição, em Vila Viçosa; Nossa Senhora da Conceição, no Alandroal; Nossa Senhora da Boa Nova, em Terena (concelho de Alandroal); Nossa Senhora do Rosário, em S. Pedro do Corval (c. de Reguengos de Monsaraz); Nossa Senhora das Brotas, em Brotas (c. de Coruche); Nossa Senhora da Vila Velha, em Fronteira; Nossa Senhora de Aires, em Viana do Alentejo; Nossa Senhora da Esperança, em Alcáçovas (c. de Viana do Alentejo); Nossa Senhora do Carmo, na Azaruja (c. de Évora); Nossa Senhora

da Boa Fé, em Boa Fé (Évora); Nossa Senhora da Saúde, em Évora; Nossa Senhora da Conceição, em Monforte; Nossa Senhora do Assumar, em Assumar (c. de Monforte); Nossa Senhora das Candeias, em Mourão; Nossa Senhora da Enxara, em Ouguela (c. de Campo Maior); Nossa Senhora da Orada, em Sousel; Nossa Senhora do Mileu, em Veiros (c. de Estremoz); Nossa Senhora dos Mártires e Nossa Senhora da Conceição dos Olivais, ambos em Estremoz; Nossa Senhora de Entre-Águas, em Benavila (c. de Avis); Nossa Senhora Mãe dos Homens, em Avis; Nossa Senhora do Castelo, em Coruche; Nossa Senhora da Visitação e Nossa Senhora da Conceição, ambos em Montemor-o-Novo; Nossa Senhora ao Pé da Cruz, em Redondo; Nossa Senhora do Monte Virgem, na Serra de Ossa (c. de Redondo) e Nossa Senhora da Conceição da Esquina, em Elvas e Nossa Senhora da Conceição, em Vila Fernando (c. de Elvas). Além destes, de referir outros dois, embora já desaparecidos: o Santuário de Nossa Senhora de Guadalupe, em Samora Correia e o Santuário de Nossa Senhora das Preces, em Benavente²³⁸.

1.2. Paróquias dedicadas a Nossa Senhora

A Arquidiocese de Évora estende-se por um território de 13.547 km², com uma população estimada em 278.000 habitantes, distribuída por 156 paróquias. Da centena e meia de paróquias que povoam o território arquidiocesano, 67 têm por orago Nossa Senhora²³⁹, o que representa um número muito significativo, ou seja, quase metade das paróquias são dedicadas à Virgem Maria²⁴⁰. No que respeita aos títulos marianos com que Nossa Senhora é invocada, nota-se uma grande variedade de invocações, embora com a repetição de alguns. Relativamente às invocações mais comuns, são de destacar: Nossa Senhora da Graça (10

²³⁸ Cf. *A Defesa*, Évora, Ano XXIV, Nº 1232 (19. outubro.1946), pp. 3, 9 e 13; SANTOS, António Salvador dos – *Principais Santuários Marianos da Arquidiocese de Évora*. Évora: Gráfica Eborense, 1992, pp. 41-125.

²³⁹ Importa referir que algumas destas paróquias são Santuários Marianos.

²⁴⁰ Importa, contudo, referir que o número de paróquias não corresponde ao cômputo existente durante o episcopado de D. Manuel Mendes uma vez que D. David de Sousa, em 1966, criou 32 novas paróquias, *ex novo* ou através da união quanto à área e/ou à população (Cf. *Decreto: sobre a actualização das paróquias da Arquidiocese de Évora*, Gráfica Eborense, dezembro, 1966).

paróquias), Nossa Senhora da Assunção (9 paróquias) e Nossa Senhora da Conceição (5 paróquias)²⁴¹.

Não é nosso objetivo fazer um estudo exaustivo a respeito desta matéria. Importa, todavia, relevar que desde o episcopado de D. Manuel Mendes até aos nossos dias, a devoção mariana se tem mantido. Para tal, não terá sido alheia a ação do referido prelado no sentido de implementar e/ou reforçar esta devoção na arquidiocese bem como o facto de muitas paróquias terem como orago Nossa Senhora. A título de exemplo, refira-se o facto de algumas igrejas, posteriormente, serem dedicadas a Nossa Senhora de Fátima²⁴², devoção tão cara a D. Manuel e aos seus diocesanos com os quais peregrinava todos os anos até à Cova da Iria.

2. Principais manifestações marianas

2.1. A consagração da Província Eclesiástica de Évora a Nossa Senhora de Fátima (1933)

Como referido anteriormente, anualmente, D. Manuel Mendes peregrinava a Fátima com os seus diocesanos, nos dias 12 e 13 de maio, no âmbito das comemorações da primeira aparição. De acordo com o jornal *A Defesa*, a primeira peregrinação diocesana a Fátima decorreu nos dias 12 e 13 de maio de 1930, por ocasião da consagração nacional a Nossa Senhora²⁴³. Também a *Agenda Pessoal* confirma a realização dessa peregrinação. No primeiro desses dias de peregrinação, deixou o seguinte registo:

“Em Fátima. À tarde acompanhei a peregrinação eborense na entrada solemne, e fiz uma pequena alocução”.

No dia 13, anotou as seguintes palavras, que deixam transparecer a sua alegria:

“A Nossa Senhora de Fátima, para que salve a minha diocese.

²⁴¹ Cf. *Anuário da Arquidiocese de Évora*. Évora: Edição dos Serviços da Pastoral, 2017, pp. 17-31.

²⁴² A saber: Paróquia de Nossa Senhora de Fátima (concelho de Évora), Paróquia de Vale de Figueira (concelho de Montemor) e Paróquia do Ciborro (concelho de Montemor-o-Novo).

²⁴³ Cf. *A Defesa*, Évora, Ano X, Nº 477, (30. abril. 1932), p. 2.

Em um altar improvisado no portico da Basilica em construção, para os peregrinos da arquidiocese de Évora.

Com os prelados de Portugal consagrei a minha diocese (e consagrámos a nossa patria) a Nossa Senhora de Fátima – cerimonia linda, empolgante”.

Decorridos três anos, realizou-se um acontecimento da maior importância a nível da arquidiocese de Évora e suas sufragâneas: a consagração da Província Eclesiástica de Évora a Nossa Senhora de Fátima. A consagração foi o culminar das celebrações comemorativas da aparição de 13 de maio desse ano, em linha com a consagração nacional de 13 de maio de 1930²⁴⁴. D. Francisco Maria da Silva acrescenta que foi um acontecimento marcante, ao iniciar-se um novo e rejuvenescido período de fervor religioso para as dioceses do Sul²⁴⁵.

Com efeito, inerente à peregrinação arquidiocesana, realizou-se a devida preparação espiritual, que consistiu numa novena realizada na cidade de Évora pelas intenções da peregrinação; num tríduo realizado no solar da Padroeira, em Vila Viçosa, com o intuito de implorar bênçãos para a peregrinação e, ainda, o bom despacho para as intenções de cada peregrino; no acrescento de uma *Ave Maria* e de um *Lembraí-vos* à devoção do mês de Maria, nos três dias que antecederam a peregrinação e, durante os dias 12 e 13 de maio, pelas intenções da peregrinação; na receção do sacramento da reconciliação, antes da peregrinação, na respetiva paróquia; na predisposição de oferecimento a Nossa Senhora de todos os incómodos e contratempos da viagem e da permanência em Fátima e na celebração da Eucaristia, presidida pelo Arcebispo, na sexta-feira dia 12, pelas 04 horas, na Catedral, em altar dedicado a Nossa Senhora de Fátima, pelas intenções da peregrinação e para comunhão geral dos peregrinos da cidade²⁴⁶, sendo recomendado que em todas as terras se celebrasse a Eucaristia ou se possibilitasse a comunhão antes da partida²⁴⁷.

²⁴⁴ Cf. *Novidades*, Lisboa, Ano XLVIII, N.º 11.718 (14. maio. 1933), p. 3.

²⁴⁵ Cf. SILVA, D. Francisco Maria da, *op. cit.*, p. 225.

²⁴⁶ Cf. Todos participaram na Eucaristia, tendo comungado cerca de 200 fiéis. [Cf. *A Defesa*, Évora, Ano XI, N.º 532, (20. maio. 1933), p. 2].

²⁴⁷ Cf. *A Defesa*, Évora, Ano XI, N.º 530, (06. maio. 1933), p. 1.

D. Francisco Maria da Silva, seu biógrafo, afirmou que esse relevante ato em honra de Nossa Senhora se deveu à firmeza do Arcebispo, determinando que a Arquidiocese fosse, em peregrinação, a Fátima. Tal desiderato, resultou, segundo o seu biógrafo, na peregrinação de mais de 600 peregrinos, oriundos dos mais diversos pontos da Arquidiocese²⁴⁸.

A entrada no Santuário aconteceu ao final da tarde do dia 12, entoando cânticos e orações, sob a forma de duas longas filas compostas pela seguinte ordem: mulheres, homens, seminaristas, clero e Arcebispo. Chegados à Capelinha das Aparições, o Pastor eborense, desde o púlpito e em nome de todos os peregrinos, procedeu à saudação mariana.

À noite houve instrução religiosa, seguida da procissão das velas. Em seguida, todos os peregrinos da Arquidiocese permaneceram em adoração ao Santíssimo Sacramento, juntamente com o seu Prelado (tendo sido ele o pregador), desde as 24 até às 2 horas. Pelas 8 horas da manhã reuniram-se novamente no recinto da Basílica, para celebrarem a missa de comunhão geral, presidida por D. Manuel Mendes, sendo de destacar que quase todos os peregrinos comungaram²⁴⁹. Por fim, conjuntamente com todos os peregrinos, participaram nas designadas “Cerimónias Oficiais” (nomenclatura atual).

Em Fátima, com as respetivas peregrinações diocesanas, também se encontravam presentes os prelados de Beja e do Algarve²⁵⁰, momento em que se determinou, oficialmente, a consagração da Província Eclesiástica do Évora²⁵¹. Com efeito, o ato singular e solene decorreu nesse dia 13 de maio de 1933, proclamado Ano Santo da Redenção²⁵², pelas 13

²⁴⁸ Cf. SILVA, D. Francisco Maria da, *op. cit.*, p. 224.

²⁴⁹ Cf. *A Defesa*, Évora, Ano XI, N.º 532, (20. maio. 1933), p. 2.

²⁵⁰ O bispo do Algarve peregrinou até ao Santuário de Fátima com 300 peregrinos da sua diocese. (Cf. *Novidades*, Lisboa, Ano XLVIII, N.º 11.718, (14. maio. 1933), p. 1).

²⁵¹ Durante dois dias, tanto nas reuniões como durante as cerimónias, os peregrinos ficaram juntos graças ao gesto singular do bispo de Leiria, que reservou para esse efeito o recinto da futura Basílica. Assim, os peregrinos da Província Eclesiástica do Sul não perderam o contacto entre si uma vez que não ficaram no meio dos duzentos mil peregrinos que se encontravam no Santuário. [Cf. *A Defesa*, Évora, Ano XI, N.º 532, (20. maio. 1933), p. 2].

²⁵² A 24 de Dezembro de 1932, o Papa Pio XI anunciou a promulgação do jubileu do Ano Santo para solenizar o décimo nono aniversário da Redenção humana:

“[...] ao enumerar os vários acontecimentos que há dezanove séculos se desenrolaram e immortalizaram para todo sempre o ano XXXIII da era cristã, mencionou esse tocante legado divino pelo qual o Homem Deus, já moribundo, deixou por sua mãe ao discípulo amado e a todos os homens a sua

horas, em dia de Sábado – dia consagrado a Nossa Senhora –, comemorativo do 16.º aniversário da primeira aparição²⁵³. Veja-se, a título de exemplo, um pequeno excerto da fórmula da consagração:

“[...] Nós, os Pastores escolhidos por vosso Filho para presidir às Igrejas que constituem a Província Eclesiástica Eborense, para aguardar e apascentar em seu nome as suas ovelhas queridas, dísperas por aquela vasta região que tem no céu que a cobre e no mar que lhe beija os pés um pouco das cores que vos são consagradas, vimos hoje solene e colectivamente colocar sob a especial protecção do vosso coração imaculado as Nossas Dioceses de Évora, Beja e Faro, num acto de filial vassalagem, de fé, amor e confiança, a fim de que Vós, tomando-as de nossas mãos frágeis na vossas, as defendais e guardeis como coisa própria vossa, fazendo que nelas reine, vença e impere Jesus, fora do qual não há solução. Intercedei pela nossa Província Eclesiástica, Senhora, nesta hora gravíssima [...]”²⁵⁴.

No final das celebrações, a Arquidiocese, fazendo-se representar por uma comissão de peregrinos, em sinal de agradecimento, ofertou ao Santuário um cálice, uma bolsa de corporais bordada, um véu, amitos e sanguíneos. O bispo de Leiria, agradeceu o gesto do povo alentejano, formulando votos de que todos os peregrinos transmitissem aos seus conterrâneos o fervor ali vivenciado e que a “peregrinação alentejana” viesse a aumentar nos anos posteriores²⁵⁵.

2.2. A consagração da Arquidiocese a Nossa Senhora da Conceição (1933)

No ano de 1933, decorria o mês de dezembro, D. Manuel Mendes deslocou-se juntamente com a arquidiocese, em peregrinação, ao solar da Padroeira, em Vila Viçosa, afim de a Ela se consagrarem. A peregrinação, que fora anunciada por meio de uma *Pastoral*, publicada a 29 de outubro, na festa de Cristo Rei, o prelado eborense anunciava que a 8 de

própria Mãe”. [Cf. D. Manuel Mendes da Conceição Santos, “Carta Pastoral”, in *A Defesa*, Évora, Ano XI, N.º 556, (04. novembro. 1933), p. 2].

²⁵³ Cf. Idem, *ibidem*, p. 2.

²⁵⁴ Cf. Idem, *ibidem*, p. 2.

²⁵⁵ Cf. *Voz da Fátima*, Leiria, Ano XI, N.º 129, (13. junho. 1933), p. 2.

dezembro se realizaria, em todas as igrejas paroquiais, a consagração à Imaculada Conceição de Maria e, no dia 10, em Vila Viçosa, a ratificação solene no Santuário Nacional²⁵⁶.

Na referida *Pastoral* o Arcebispo começava por relembrar que a proclamação do Jubileu da Redenção coincidia com o Jubileu das aparições de Lourdes (comemorava-se o seu septuagésimo quinto aniversário), onde Nossa Senhora apareceu declarando-se a Imaculada Conceição. Recordava, ainda, a peregrinação portuguesa a Roma, em setembro desse ano²⁵⁷, sob a presidência do cardeal patriarca de Lisboa²⁵⁸, que também se havia deslocado ao Santuário de Lourdes, tanto na ida como no regresso.

D. Manuel Mendes afirma que era grande a devoção do povo alentejano para com a Padroeira bem como a sua dívida para com a Senhora. Refere terem sido insuficientes as peregrinações desse ano: a Roma, Lourdes e Fátima, embora esta última tenha sido um ato solene de vassalagem, marcando o ano jubilar. Fundamenta o sentido e necessidade de uma peregrinação ao solar da Padroeira, apontando razões de ordem teológica e histórica: em primeiro lugar, as graças obtidas por Maria e a imensa dívida de gratidão, pois o Santuário de Nossa Senhora da Conceição entra no “quadrilátero estratégico da nossa defesa espiritual” juntamente com Alcobaça, Batalha e Belém e nele se encontra a imagem perante a qual D. João IV consagrou o Reino e prometeu pagar tributo; em segundo lugar, o avivar da piedade e o atear nos corações de um maior desejo de honrar e testemunhar a gratidão para com Ela. E acrescenta que, estando esse Solar na arquidiocese de Évora, o ato de vassalagem acontecido em Fátima ficaria incompleto, caso não se viesse a ratificar em Vila Viçosa. Neste sentido, afirmava que tal acontecimento deveria ter grande amplitude, ou seja, tornava-se necessário que toda a Arquidiocese se associasse, para que “numa expansão de filial afeto” todos se consagrassem num ato coletivo, solene e irrevogável – afirmava o Arcebispo²⁵⁹. Assim,

²⁵⁶ Cf. SILVA, D. Francisco Maria da, *op. cit.*, p. 226.

²⁵⁷ Cf. *Agenda Pessoal*: 10 de setembro a 11 de outubro de 1933.

²⁵⁸ D. Manuel Mendes participou nessa peregrinação juntamente com alguns dos seus fiéis.

²⁵⁹ Cf. *A Defesa*, Évora, Ano XI, N.º 556 (04. novembro. 1933), p. 2.

podemos afirmar que o Prelado eborense desejou e movimentou-se no sentido de desenvolver a relação a nível nacional e local, ou seja, dar ao Santuário de Vila Viçosa um carácter nacional.

Na exortação, descreve a devoção dos alentejanos por Nossa Senhora, manifestada, por exemplo, nos muitos Santuários semeados pela vasta planície do Alentejo, nas festas neles realizadas e no elevado número de peregrinos que se deslocavam a Fátima. Termina, afirmando a certeza de que todos acolheriam de bom grado essa notícia e que, por isso, a adesão coletiva estaria garantida:

“Falo-vos de uma cousa que o vosso coração ama, tocamos numa tecla que vos é sobremaneira sensível”²⁶⁰.

Acrescenta que a referida consagração é complementar da realizada ao Sagrado Coração de Jesus, em 1900²⁶¹, recordando, a este propósito, a consagração em Fátima:

“O primeiro passo está dado, e incontestavelmente com galhardia e ardor; mas agora, caríssimos diocesanos, unidos todos como um só homem, uma só alma e um só coração, digamos à Virgem Imaculada o nosso amor filial, dêmos à consagração já feita em Fátima uma extensão, uma retumbância, uma solenidade que condiga com as tradições gloriosas da nossa diocese e, tanto quanto possível, com a dignidade excelsa d’aquela a quem nos consagramos”²⁶².

As suas palavras são de estímulo à participação, esclarecendo que o sentido da manifestação religiosa proposta não correspondia a um ato meramente formal, mas sim a um sentido fervor de amor filial, que se exteriorizava na piedade cristã e se manifestava na prática do conteúdo da consagração: pertencer a Maria e servi-la com amor e lealdade. Afirmava D. Manuel Mendes, que a consagração a realizar marcaria:

²⁶⁰ Cf. Idem, *ibidem*, p. 2.

²⁶¹ A referência à consagração da Arquidiocese de Évora ao Sagrado Coração de Jesus ficou gravada numa lápide, que se encontra no pórtico da Catedral.

²⁶² Cf. *A Defesa*, Évora, Ano XI, N.º 556 (04. novembro. 1933), p. 3.

“[...] uma época de renovação profunda e será um passo gigantesco e decisivo para o levantamento moral da nossa diocese. O acto solene passará depressa, mas a sua memória ficará, e os seus efeitos não-de sentir-se pelos tempos adiante”²⁶³.

Ao terminar a *Pastoral*, exortava os fiéis acerca da importância do sacramento da Penitência ou da Reconciliação, convidando todos aqueles que se encontrassem em pecado a abeirarem-se desse Sacramento e a purificarem-se através de uma “confissão bem-feita”. Por outro lado, também se dirigiu aos presbíteros, indicando-lhes que fossem fervorosos e ativos na sua preparação, por exemplo, comunicando-o em público ou em particular, dinamizando iniciativas, instruindo os fiéis, celebrando o sacramento da Reconciliação, sendo persistentes e convincentes. Afirmou que a consagração seria o corolário do Ano Santo, pois, ao comunicá-la ao Papa Pio XI em audiência particular, este concedera uma indulgência plenária a quantos participassem desse ato religioso. Assim, em síntese, traçou em treze pontos as normas práticas referentes às consagrações que iriam acontecer no dia 8, em todas as paróquias e na Catedral e, no dia 10 de dezembro, dia do ato solene, em Vila Viçosa²⁶⁴.

Deste modo, no dia 8 de dezembro realizou-se, em toda Arquidiocese, a Consagração à Imaculada Conceição de Maria. Na Sé, a cerimónia foi precedida de muitíssimas confissões e o pontifical descrito como impressionante, grandioso e indiscreto²⁶⁵. Com grande entusiasmo foi preparado o dia da solene Consagração, organizando-se peregrinações de todos os pontos da Arquidiocese. De Évora, por exemplo, organizaram-se dois comboios especiais com o objetivo de facilitar a mobilização dos peregrinos²⁶⁶.

Entretanto, oito dias antes do ato solene, o jornal diocesano *A Defesa* publicou o programa de consagração da Arquidiocese, do qual se destaca a “ordem da procissão”, cuja

²⁶³ Cf. Idem, *ibidem*, p. 3.

²⁶⁴ Cf. Idem, *ibidem*, p. 3.

²⁶⁵ Cf. *A Defesa*, Évora, Ano XI, N.º 562 (16. dezembro. 1933), p. 1.

²⁶⁶ Cf. *Noticias d'Evora*, Évora, Ano 34, N.º 9.891 (05. dezembro. 1933), p. 1. No número seguinte, o mesmo jornal, anunciava que foram convidados a participar nas celebrações os ministros do Interior, Estrangeiros, Agricultura e Guerra, acrescentando que nesse dia sobrevoariam Vila Viçosa uma esquadrilha de aviões (Cf. *Noticias d'Evora*, Évora, Ano 34, N.º 9.892 (06. dezembro. 1933), p. 1).

descrição pormenorizada nos ajuda a compreender a dimensão eclesial e social deste ato. Nela, se integraram, primeiramente, os fiéis do sexo feminino e, depois destes, os do sexo masculino pela seguinte ordem: Meninas do Catecismo; Cruzadas Eucarísticas; Colégio Luso-Inglês; Associações de Santa Teresinha; Associações de Santa Filomena; Casas do Trabalho; Catequistas; Marias do Sacrário; Senhoras da Caridade; Apostolados da Oração; Ordem Terceira de S. Francisco; Ordem Terceira de S. Domingos; Confrarias de Nossa Senhora da Boa Morte; Associações de Nossa Senhora de Fátima; Congregações e Uniões de Filhas de Maria; Congregações de Mães Cristãs; Ordens Terceiras de Nossa Senhora do Carmo; Congregações Femininas de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa; Meninos da Catequese; alunos das Escolas Salesianas e do Colégio de S. José de Estremoz; alunos das Escolas Noturnas Paroquiais; Cruzadas Eucarísticas masculinas; Associações Académicas de Nossa Senhora de Fátima; Secretariados; Conferências de S. Vicente de Paulo; Apostolados de Oração; Confrarias do Santíssimo Sacramento; Ordens Terceiras de S. Francisco, S. Domingos e do Carmo; Cruzes paroquiais com os respetivos párocos e representantes das freguesias; Escravos e Confraria de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa; Seminário; Clero; Cabido; Bispos; Santo Lenho transportado pelo Arcebispo, D. Manuel Mendes e demais autoridades²⁶⁷. Em suma, a peregrinação conseguiu envolver as diversas formas de organização, enquadramento e mobilização religiosa da população.

No dia 10, dia do ato solene, o jornal *Novidades* vaticinava o acontecimento, noticiando o seguinte:

“Consagração da Arquidiocese de Évora à Imaculada Conceição, no Santuário Nacional de Vila Viçosa: tudo indica que ficará memorável na história da vida religiosa de Portugal o dia de hoje”²⁶⁸.

²⁶⁷ Cf. *A Defesa*, Évora, Ano XI, N.º 560 (02. dezembro. 1933), p. 1.

²⁶⁸ Cf. *Novidades*, Lisboa, Ano XLVIII, N.º 11.926 (10. dezembro. 1933), p. 1.

Por seu turno, *A Defesa*, na primeira edição após o ato solene, descrevia o acontecimento, intitulando-o:

“A apoteose alentejana à Imaculada Conceição: Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa aclamada por vinte mil pessoas – Dia de fé, dia de glória, dia de júbilo para a arquidiocese transtagana – As Cortes Gerais da diocese foram soleníssimas”²⁶⁹.

De facto, tratou-se dum acontecimento apoteótico, se considerarmos que tomaram parte três mil peregrinos, na procissão das velas na noite de dia 9.

Do programa constava a realização, na véspera, da procissão das velas para a condução da imagem de Nossa Senhora, do Santuário para a igreja dos Agostinhos, seguindo-se o Pontifical e, por último, a consagração²⁷⁰.

A Eucaristia, celebrada no Terreiro do Paço Ducal, foi presidida pelo Arcebispo de Évora, D. Manuel Mendes, assistido pelo Pe. João Milita Roma, pároco de Fronteira, e pelo Pe. Alves, decano dos párocos da Arquidiocese. Fez-lhe guarda de honra um esquadrão de Cavalaria 3 que, aquartelado nessa Vila, viera pouco antes da Matriz a escoltar a bandeira “velhinha” de Montes Claros (que acompanhou o Exército português na batalha de Montes Claros, travada a quatro quilómetros de Vila Viçosa), que aí se guardava. Entre os presentes estiveram os Bispos de Beja e do Algarve²⁷¹, os ministros do Interior e da Guerra, o Governador Civil de Évora, representantes da Câmara Municipal de Évora, entre outras individualidades. No fundo, a ideia de que estamos dentro de um entendimento ou reconhecimento da identidade religiosa nacional, onde as dimensões política, civil, religiosa e militar se relacionam e as diversas autoridades públicas colaboram mutuamente.

No final da Eucaristia, seguiu-se a bênção do Santíssimo Sacramento, durante a qual voou sobre o recinto, repleto de lenços brancos que os peregrinos acenavam, uma esquadriha

²⁶⁹ Cf. *A Defesa*, Évora, Ano XI, N.º 562 (16. dezembro. 1933), p. 1.

²⁷⁰ Cf. SILVA, D. Francisco Maria da, *op. cit.*, p. 227.

²⁷¹ Os bispos das dioceses de Beja e do Algarve fizeram-se acompanhar de muitos dos seus fiéis, bem como a diocese de Portalegre e outras localidades, que também se fizeram representar. (Cf. SILVA, D. Francisco Maria da, *op. cit.*, p. 227). Estiveram presentes centenas de portugueses de Norte a Sul de Portugal. (Cf. *Novidades*, Lisboa, Ano XLVIII, N.º 11.928 (12. dezembro. 1933), p. 1).

de aviões de Alverca²⁷². Em seguida, ajoelhando-se o Prelado eborense e os quase 20.000 peregrinos presentes diante da imagem, procedeu-se à consagração, repetida pela multidão²⁷³. No sentido de perpetuar o referido ato solene foi colocada, na frente do Santuário, no lado esquerdo, uma lápide comemorativa²⁷⁴.

Após o ato solene da Consagração, a imagem foi transportada para a igreja dos Agostinhos, sob a presença de todos os peregrinos e ao som de cânticos, em coro, à designada Rainha de Portugal²⁷⁵. Seguidamente, começaram a agregar-se no Terreiro do Paço todos quantos haviam de tomar parte na procissão, que reconduziu a imagem até ao seu Solar.

A procissão integrou alguns milhares de pessoas, que congestionaram as ruas, com as janelas estavam apinhadas de senhoras que lançavam flores sobre o andor, percorrendo durante mais de uma hora o percurso até ao Santuário, embora sem a presença dos membros do Governo. Chegados ao termo, os fiéis entoaram novamente o hino da Consagração, enquanto a imagem recolhia à Igreja.

Após a realização de todas as celebrações, os peregrinos regressaram ao final do dia às suas localidades através de diversos meios de transportes como o automóvel, mas também com recurso a autocarros e comboios especiais²⁷⁶.

Em suma, pode afirmar-se que a Consagração da Arquidiocese de Évora a Nossa Senhora da Conceição constituiu um acontecimento religioso da maior relevância não só para a Arquidiocese, como para a Igreja católica em Portugal. Desta acção, depreendemos que esse momento se revestiu de considerável importância porque nela estava o intuito de elevar o

²⁷² Cf. *Noticias d'Evora*, Évora, Ano 34, N.º 9.897 (12. dezembro. 1933), p. 1.

²⁷³ Cf. *A Defesa*, Évora, Ano XI, N.º 562 (16. dezembro. 1933), p. 1. A fórmula de Consagração encontra-se integralmente transcrita em: SILVA, D. Francisco Maria da, *op. cit.*, pp. 227-228.

²⁷⁴ Da lápide comemorativa do acto solene da Consagração consta a seguinte informação:

Quarto. Non. Dec. MCMXXXIII/ Anno. Sacro. Vertente/ Jubilaei. Humanae. Redemptionis/ Archiepiscopus. Metropolitanus. Eborensis/ Emmanuel. Mendes. Da Conceição. Santos/ Cum. Clero. Populoque. Sibi. Commisso/ Deiparae. Virgini. Mariae./ Sub. Immaculatae. Conceptionis. Titulo/ Ab. antiquis. inde. temporibus/ Hac. in. Sacra. Aede. Invocatae/ Suam. Eborensem. Dioecesim/ Sollemni. ritu. Dicavit/ Atque. in. perpetuum. consecravit/ Ingenti. fidelium. multitudine. Adstante/ Gestienstique. animo. Plaudente.

²⁷⁵ Cf. *A Defesa*, Évora, Ano XI, N.º 563 (23. dezembro. 1933), pp. 2-3.

²⁷⁶ Cf. *Noticias d'Evora*, Évora, Ano 34, N.º 9.897 (12. dezembro. 1933), p. 1.

Santuário de Vila Viçosa a santuário nacional ultrapassando, assim, a divisão criada entre Monarquia e República. Entretanto, em resultado desse acontecimento, o seu principal promotor, D. Manuel Mendes da Conceição Santos, recebeu numerosas cartas de felicitações, nomeadamente de alguns bispos, pessoas e associações de todo o país²⁷⁷, tendo, ele próprio, como não poderia deixar de ser, ficado satisfeitíssimo com a vivência e os resultados da sua iniciativa²⁷⁸.

Neste contexto, o jornal *Novidades* acabaria por impulsionar de alguma forma aquela que foi a I Peregrinação Nacional a Vila Viçosa, em 1935 – à qual faremos referência no próximo ponto –, ao pronunciar-se da seguinte forma:

“Aos Pés da Virgem Padroeira: A romagem encantadora e impressionantíssima de Vila Viçosa, tem de ficar, já agora, como anseio de uma grande peregrinação nacional”²⁷⁹.

O referido período destacava, ainda, a:

“[...] repercussão dada pela imprensa, a todo o país, da formosíssima e grandiosa romagem, se souber até que ponto excedeu a larga expectativa de todos, o brilho, a devoção, a imponência da inesquecível jornada Mariana”²⁸⁰.

Na verdade, para além dos jornais *A Defesa* e *Novidades*, também fizeram eco do singular acontecimento, por exemplo, os seguintes periódicos: *Notícias d'Évora*; *Eco de Estremoz*; *Almonda* de Torres Novas; *Jornal da Beira* de Viseu; *Districto de Portalegre*; *A Folha de Domingo* e *A Voz*²⁸¹.

2.3. Iª Peregrinação Nacional ao Santuário de Nossa Senhora da Conceição (1935)

2.3.1. O documento de Proclamação

Em documento datado de 18 de janeiro de 1935, D. Manuel Mendes comunicava aos seus fiéis que no dia 28 de abril desse mesmo ano, se realizaria uma peregrinação nacional ao

²⁷⁷ Cf. *Novidades*, Lisboa, Ano XLVIII, N.º 11.929 (13. dezembro. 1933), p. 1.

²⁷⁸ Cf. *Novidades*, Lisboa, Ano XLVIII, N.º 11.927 (11. dezembro. 1933), p. 1.

²⁷⁹ Cf. *Novidades*, Lisboa, Ano XLVIII, N.º 11.928 (12. dezembro. 1933), p. 1.

²⁸⁰ Cf. *Novidades*, Lisboa, Ano XLVIII, N.º 11.929 (13. dezembro. 1933), p. 1.

²⁸¹ Cf. *A Defesa*, Évora, Ano XI, N.º 563 (23. dezembro. 1933), p. 3.

Santuário de Nossa Senhora da Conceição. De acordo com o Prelado eborense, estando ainda viva na memória²⁸² a peregrinação da Arquidiocese de Évora a Vila Viçosa para se consagrar a Nossa Senhora da Conceição, propôs ao Episcopado português, reunido em sessão plenária, em abril de 1934, a realização de uma peregrinação nacional a Vila Viçosa, que este unanimemente aceitou²⁸³.

No citado documento da proclamação, o Prelado eborense dirige um enérgico convite à participação de todos os fiéis, incentivando-os a demonstrarem, novamente, a todo o país a sua fé e hospitalidade, reatando com a tradição nacional em que o país se identificava com o catolicismo:

“[...] Estão pois convocadas para Vila Viçosa, para o Santuário de Nossa Senhora da Conceição, as Cortes Gerais de Portugal católico: clero, nobreza e povo, militares e civis, grandes e pequenos, todos aqueles que conservem na alma uma centelha de fé antiga e do patriotismo dos Restauradores, ali terão o seu lugar e serão bemvindos.

Ali estará todo o Episcopado [...] o Núncio de Sua Santidade, ali estará a bandeira, velhinha e gloriosa de Montes Claros [...] e tudo se prepara para que o Portugal autêntico, o Portugal cristão, o Portugal cavalheiresco escreva mais uma página esplendorosa de fé, e, atestando a sua fidelidade às crenças do passado, afirme a sua esperança num futuro ridente de gloriosa prosperidade.

E a vetusta imagem de Nossa Senhora da Conceição, trazida a Vila Viçosa pelo Santo Condestável D. Nuno Álvares Pereira, imagem ante a qual, após o herói de Aljubarrota, tantos heróis ajoelharam, ali estará, como representação terrena da celeste Padroeira, a receber este novo preito dos seus vassallos.

Vai repetir-se o juramento e o pacto das Côrtes de 1646 [...]”²⁸⁴.

Neste apelo, o Arcebispo, ao serviço do seu projecto de renovação, irá recuperar a história de Portugal e uma linguagem que, de algum modo, remete para o passado nacional e a tradição cristã como garante de identidade do país, quando afirma: o “Portugal autêntico” é o

²⁸² D. Manuel Mendes afirmou que nessa ocasião o Alentejo viveu um dia de glória na medida em que esse acontecimento se propagou muito além das fronteiras da arquidiocese de Évora e da Província Eclesiástica do Sul. Aliás, acrescentou que, nesse dia, “o país inteiro vibrou em uníssono” juntamente com os fiéis eborenses.

²⁸³ Cf. *A Defesa*, Évora, Ano XII, N.º 619 (19. janeiro. 1935), p. 1.

²⁸⁴ Cf. *Idem*, *ibidem*, p. 1.

“Portugal cristão”. Contudo, por se tratar da primeira peregrinação nacional ao Alentejo, os alentejanos teriam, em primeiro lugar, a obrigação de se distinguirem em número²⁸⁵, devoção e fervor porque estavam mais perto do solar da Padroeira e, em segundo lugar, pela oportunidade de demonstrarem, uma vez mais, a sua hospitalidade. Para tal, convidou todos os habitantes de Vila Viçosa e arredores a alojarem os romeiros e a proporcionar-lhes tudo o possível, advertindo, no entanto, da necessidade de banir a existência de qualquer “resquício de mundanismo ou de divertimento profano”²⁸⁶.

De facto, a decisão do Episcopado repercutiu-se por todo o país. Os portugueses foram convocados em nome de dois motivos fundamentais: ratificar a consagração nacional a Nossa Senhora da Conceição, mas sobretudo, saldar uma dívida nacional, que ainda estava em aberto:

“Ir a Nação em massa ao seu Santuário a proclamar num preito grandioso o seu filial reconhecimento”²⁸⁷.

Nesse sentido, os Prelados portugueses anunciaram e convidaram os seus diocesanos a participar com eles no que designaram como “*Cortes Gerais de Portugal Católico*”²⁸⁸ como:

“[...] acto da reparação nacional colectivo da ofensa feita à Santíssima Virgem pela quebra do pacto sagrado que a Nação, representada pelo Rei e pelas Cortes, solenemente jurou, comprometendo-se a reconhecer e venerar a Senhora da Conceição como Padroeira de Portugal no seu Santuário de Vila Viçosa”²⁸⁹.

Fica aqui expressa a concepção ainda dominante de que o corte político trazido pelo liberalismo e pelo regime republicano relativamente ao “Antigo Regime” significara uma

²⁸⁵ Uma vez mais incumbe aos seus “colaboradores” (clero) o dever de convidar todos os fiéis, nos sermões e homilias, a participarem na peregrinação.

²⁸⁶ Cf. *A Defesa*, Évora, Ano XII, N.º 619 (19. janeiro. 1935), p. 2.

²⁸⁷ Cf. *A Defesa*, Évora, Ano XII, N.º 621 (02. fevereiro. 1935), p. 1.

²⁸⁸ Cf. *A Defesa*, Évora, Ano XII, N.º 625 (02. março. 1935), p. 1. Nesse número, podemos ler pequenos trechos dessas proclamações e os convites de alguns bispos dirigidos aos seus fiéis como, por exemplo, do Cardeal Patriarca e dos bispos de Beja e Bragança.

²⁸⁹ Cf. *A Defesa*, Évora, Ano XII, N.º 631 (13. abril. 1935), p. 3.

roptura com a tradição de Portugal como nação católica, tendo aberto uma ferida que urgia sarar.

2.3.2. A Instrução Pastoral do Arcebispo

D. Manuel Mendes, em *Instrução Pastoral*, datada de 8 de março desse ano, dirigia-se a todos os diocesanos, inclusivamente àqueles que andavam distantes do caminho da Igreja²⁹⁰, a propósito dos critérios a ter em conta para uma devida preparação espiritual. Desse modo, convidava à esmola, acrescentando que, como nem todos pudessem dar esmola, todos poderiam usar de caridade para com o próximo; pedia o perdão e, por meio deste, a reconciliação; incentivava à oração uma vez que, decorrendo o tempo da Quaresma, maior era a necessidade e a oportunidade para a receção dos sacramentos da Reconciliação e da Eucaristia.

O Prelado eborense aproveitou, por isso, a peregrinação nacional para lembrar e convidar os seus diocesanos à oração, à reconciliação, à penitência e à união, ou seja, ao regresso purificado dos transviados da Igreja católica. Veja-se, a este propósito, o seguinte excerto da *Instrução Pastoral*:

“[...] Há um meio eficaz para o conseguir: é a oração. Muitos não lerão sequer estas palavras, outros não irão ao templo ouvir as exortações dos sacerdotes; mas as almas crentes e devotas hão-de orar, hão-de fazer violência ao Coração de Deus por intercessão de Maria Santíssima, e a luz divina brilhará aos olhos dos que não querem ver, e o rocio do céu descerá sôbre os corações endurecidos que parecem fechados à graça. Se muito se orar, muito se há-de conseguir, e o quadro que há pouco traçávamos, e que parece um sonho, tornar-se-á em realidade”²⁹¹.

Acrescentou que no mesmo dia 28 de abril terminava o Ano Santo, sendo esse encerramento assinalado de forma singular em Lourdes, ou seja, nesse mesmo dia os portugueses também estariam de joelhos aos pés da Virgem da Conceição de Vila Viçosa.

²⁹⁰ Cf. *A Defesa*, Évora, Ano XII, N.º 626 (09. março. 1935), pp. 1-2.

²⁹¹ Cf. *Idem*, *ibidem*, pp. 1-2.

Neste âmbito, redigiu algumas determinações preparatórias, carecedoras de uma meticulosa preparação: primeiro, todos os sacerdotes deveriam, nas homilias e sermões, exortar os fiéis a participar e a se prepararem devidamente; segundo, todos os párocos deveriam prover missões nas paróquias ou, não sendo estas possíveis, tríduos; terceiro, nas funções, rezar pelo bom êxito da peregrinação três *Ave-Marias*, com a jaculatória «Ó Maria concebida sem pecado...» e, no final, a oração de S. Bernardo «Lembraí-vos ó Piíssima Virgem Maria...»; quarto, em toda a Arquidiocese, até à Páscoa, dever-se-ia rezar a oração da Imaculada Conceição; quinto, ensaiar os fiéis de modo a participarem mais ativamente, nas celebrações da peregrinação como, por exemplo, através do canto; sexto, a promoção de comunhões gerais, devoções eucarísticas, horas santas e outras piedosas devoções pela conversão dos pecadores e pelos bons frutos da Peregrinação; sétimo, existência, nos três dias antecedentes, de tríduos eucarísticos, com pregação e desagravo²⁹²; oitavo, a realização, em Vila Viçosa, nos dias 25, 26 e 27, de adoração noturna desde as 22h às 24h, sendo cada noite em nome de uma das Províncias Eclesiásticas do país (Évora, Braga e Lisboa); nona, realização de adoração noturna, no mesmo horário, no dia 27, em todas as localidades destinadas a albergar os peregrinos²⁹³; décimo e último, no dia 28 todos, os sinos deveriam repicar festivamente pela manhã, às 12h, à noite e às 13h – hora prevista para a leitura da fórmula da Consagração – a fim de que todos os fiéis se pudessem associar a esse ato²⁹⁴.

²⁹² Em Vila Viçosa, no Santuário de Nossa Senhora da Conceição, o início do tríduo preparatório contou com a presença do Arcebispo de Évora, D. Manuel Mendes da Conceição Santos e do Bispo de Viseu, D. José da Cruz Moreira Pinto, o qual pregou perante grande assembleia (Cf. *Novidades*, Lisboa, Ano L, N.º 12.415 (26. abril. 1935), p. 1).

²⁹³ As cidades e vilas destinadas a albergar os peregrinos foram: Évora, Estremoz, Arraiolos, Borba e Redondo. Na cidade de Évora, as adorações noturnas realizaram-se na Catedral, em S. Francisco e em S. Mamede. Na Catedral, destinada apenas aos peregrinos de outras localidades, iniciou-se às 22h, pregada pelo padre Luís de Azevedo Castelo Branco, seguida de Pontifical, com comunhão geral, ao qual presidiu o Arcebispo de Braga, D. António Bento Martins Júnior. (Cf. *Novidades*, Lisboa, Ano L, N.º 12.415 (26. abril.1935), p. 3; *Notícias d'Évora*, Évora, Ano 35, N.º 10.306 (26. abril. 1935), p. 2).

²⁹⁴ Cf. *A Defesa*, Évora, Ano XII, N.º 626 (09. março. 1935), p. 2.

Concomitantemente, D. Manuel Mendes pediu à Santa Sé várias faculdades, as quais levaram o Papa a associar-se à Peregrinação por meio de um documento assinado pelo então Secretário de Estado, Cardeal Pacelli, a 4 de abril desse ano, onde refere:

“[...] O Santo Padre acolheu com viva satisfação a notícia das solenes festas que Vossa Excelência tenciona celebrar junto do Santuário de Vila Viçosa, no encerramento do Jubileu da Divina Redenção, em união com as festas oficiais que se realizarão em Lourdes [...] Sua Santidade concede mui gostosamente a Vossa Excelência todas as faculdades que implorou nas suas recentes cartas”²⁹⁵.

Contudo, no final da Instrução explica que as celebrações religiosas, dada a esperada afluência de peregrinos, realizar-se-iam todas num dia. Assim, no programa constava: missa solene de Pontifical, às 11h, no lado fronteiro ao Palácio Ducal, presidida pelo Cardeal Patriarca de Lisboa e, no final, uma breve alocução seguida da Consagração a Nossa Senhora e da bênção do Santíssimo Sacramento, terminando as celebrações com a procissão às 16h, que conduziria a imagem desde a Igreja dos Agostinhos até ao Santuário²⁹⁶.

No fundo, D. Manuel Mendes, aproveitando o ensejo da preparação da Peregrinação, soube delinear toda uma estratégia de evangelização em seu redor, lembrando e convidando os fiéis à prática da oração, da reconciliação e da penitência, mas, essencialmente, apelando ao regresso, purificado, de outros diocesanos que se encontravam afastados da Igreja e da prática religiosa católica.

²⁹⁵ Entenda-se:

“[...] Que todos os peregrinos, e também o povo de Vila Viçosa, possam ganhar o Santo Jubileu com a assistência ao solene Pontifical de peregrinação e com uma única visita a qualquer das igrejas de Vila Viçosa; Que o celebrante desse Pontifical possa dar a Bênção Papal com indulgência plenária; Que tanto o celebrante como todos os Bispos e sacerdotes que celebrem em Vila Viçosa, no dia 28 de abril, Domingo *in albis*, possam celebrar a Missa da Imaculada Conceição; Que se possa celebrar nos vários lugares por Vossa Excelência indicados, onde se fizer a adoração nocturna, à meia noite, como em Vila Viçosa; Que no último dia se possa celebrar o Santo Sacrifício em Vila Viçosa, em todas as igrejas, a partir da meia noite, por causa do grande número de sacerdotes e do pequeno número de igrejas e de altares na dita vila, e, se for necessário, por causa do grande número de sacerdotes, também nos mencionados lugares onde pernoitam os peregrinos [...]”. (Cf. *A Defesa*, Évora, Ano XII, N.º 631 (13. abril. 1935), p. 1).

²⁹⁶ Cf. *A Defesa*, Évora, Ano XII, N.º 626 (09. março. 1935), p. 2.

2.3.3. O dia da Peregrinação

Se recuarmos a dezembro de 1935, data da Consagração da Arquidiocese de Évora à Imaculada Conceição de Maria, verificamos que a grandiosidade das celebrações a todos impressionou, mesmo aos mais céticos ou indiferentes ao acontecimento. Se tivermos em consideração que se tratou de uma peregrinação de carácter nacional, preparada com a devida antecedência²⁹⁷, divulgada através dos meios de comunicação das diferentes dioceses²⁹⁸ e incitada a participação dos fiéis por intermédio de Cartas Pastorais dos seus Bispos²⁹⁹, tornava-se expectável uma grande afluência de fiéis a Vila Viçosa. De facto, pode-se considerar impressionante toda a logística associada ao acontecimento, desde o número de alojamentos³⁰⁰, passando pelos dez comboios especiais³⁰¹ e pelas centenas de autocarros e automóveis³⁰² mobilizados para transportar os peregrinos³⁰³.

²⁹⁷ Cf. *Novidades*, Lisboa, Ano L, N.º 12:412 (23. abril. 1935), p. 1.

²⁹⁸ O jornal *A Defesa* publicou pequenos excertos dos textos que os meios de comunicação católicos utilizaram para anunciar e convidar a participar na Peregrinação. (Cf. *A Defesa*, Évora, Ano XII, N.º 621 (02. fevereiro. 1935), pp. 1-2; N.º 622 (09. fevereiro. 1935), p. 2; N.º 623 (16. fevereiro. 1935), p. 1); N.º 625 (02. março. 1935), pp. 1-3).

²⁹⁹ Cf. *A Defesa*, Évora, Ano XII, N.º 627 (16. março. 1935), p. 1; N.º 628 (23. março. 1935), p. 9. Refira-se, a título de exemplo, a Pastoral do Bispo de Viseu. Nesta, a determinado momento, D. José da Cruz Moreira Pinto exorta os fiéis da seguinte forma:

“[...] E Nós, o Bispo de vossas almas, lá iremos peregrinar levando aspirações e votos da nossa Beira cristã, da nossa Diocese de Viseu que à Virgem Nossa Senhora, devoção consagra desde os recuados séculos. Quantos de vós não hão-de desejar fazer-se romeiros connosco?”. (Cf. *A Defesa*, Évora, Ano XII, N.º 627 (16. março. 1935), p. 1).

³⁰⁰ O jornal *A Defesa*, um mês antes do dia das celebrações, em Vila Viçosa, sublinhou que, em Évora, já não havia quartos suficientes para o número de peregrinos que o haviam solicitado:

“Várias pessoas desta cidade já têm declarado à Comissão Central quantos quartos e leitos podem dispor na noute de sábado 27 de abril para dar hospedagem aos Peregrinos.

Ainda não há suficientes.

A Comissão novamente apela aos habitantes da cidade, pedindo-lhes que facultem o mais possível nas suas casas essa hospedagem.

Não se trata de dar nelas entrada a pessoas absolutamente desconhecidas; os Peregrinos são pessoas católicas, dignas, sérias, conhecidas dos delegados diocesanos do país e, portanto, indirectamente conhecidas de nós todos”. (Cf. *A Defesa*, Évora, Ano XII, N.º 628 (30. março. 1935), p. 1).

³⁰¹ Cada um dos dez comboios especiais partiu de uma localidade ou região específica: Beira Baixa, Coimbra e Viseu, Douro e Trás-os-Montes, Minho, Ribatejo, Beja e Algarve. No entanto, três desses comboios partiram de Évora, o que nos dá a percepção do número de eborenses que por este meio se dirigiram a Vila Viçosa. (Cf. *A Defesa*, Évora, Ano XII, N.º 621 (02. fevereiro. 1935), p. 2). De outras dioceses, a títulos de exemplo, deslocaram-se nos comboios fretados para o efeito, o seguinte número de peregrinos: do Porto, 500; de Viseu, 440 e, de Lisboa, 660; números muito significativos que nos ajudam a perceber a dimensão e o entusiasmo, que a peregrinação despertou entre os fiéis. (Cf. *A Defesa*, Évora, Ano XII, N.º 634 (04. maio. 1935), pp. 1-2). No

O Episcopado português³⁰⁴ fez-se representar na sua quase totalidade, acompanhado pelos milhares de portugueses que, de todas as dioceses, se concentraram em Vila Viçosa. Em nome do Episcopado, presidiu à peregrinação o Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira, ao qual foram prestadas as devidas homenagens pelas autoridades eclesiásticas e civis. Depois de visitar primeiramente o Santuário onde se encontrava a imagem da Padroeira³⁰⁵, seguiu-se a saudação de boas-vindas nos Paços do Concelho³⁰⁶ onde, depois do discurso³⁰⁷ do Presidente da Câmara da Câmara Municipal de Vila Viçosa, capitão João Falcão Ramalho Ortigão, D. Manuel Cerejeira afirmou que se havia deslocado a Vila Viçosa a convite do prelado eborense, mas também na qualidade de peregrino, relembrando assim a situação de separação entre poder político e poder eclesiástico e reafirmando a autonomia da Igreja católica relativamente às autoridades políticas. Dirigindo-se ao Presidente da Câmara, disse:

“Deponho aos pés do sr. Arcebispo de Évora as suas palavras de saudação. Foi quem promoveu a peregrinação e foi o promotor da minha vinda a esta terra, berço de Portugal”³⁰⁸.

entanto, o enviado especial do jornal *Novidades* apontou para uma variação entre 60 a 70.000 peregrinos. (Cf. *Novidades*, Lisboa, Ano L, N.º 12.418 (29. abril. 1935), p. 1).

³⁰² De entre os diversos os meios de transporte utilizados pelos peregrinos, de referir um camião vindo de Esposende. (Cf. *Novidades*, Lisboa, Ano L, N.º 12.418 (29. abril. 1935), p. 1).

³⁰³ Cf. *A Defesa*, Évora, Ano XII, N.º 631 (13. abril. 1935), p. 3.

³⁰⁴ Com exceção de dois ou três bispos, que por razões de saúde, serviços inadiáveis ou a distância que separavam as suas dioceses, do Santuário de Vila Viçosa, todo o restante episcopado se fez representar. (Cf. *A Defesa*, Évora, Ano XII, N.º 633 (27. abril. 1935), p. 3; *Novidades*, Lisboa, Ano L, N.º 12.413 (24. abril. 1935), p. 1). Todavia, importa salientar a presença do reitor do Colégio Português e Prelado Doméstico do Papa, Monsenhor Teodósio de Gouveia, que desde Roma, peregrinou até Vila Viçosa. Ao jornal *Novidades* confidenciou o seguinte:

“[...] Nunca me custou tanto passar por Lourdes como agora! Saber o que lá ia já e o que lá vai ser amanhã, com as esplendidas manifestações de fé, e saudar apenas do comboio a Virgem de Lourdes! Mas ela chamava-me como Padroeira da pátria e não podia trocar nestes dias Vila Viçosa por Lourdes”. (Cf. *Novidades*, Lisboa, Ano L, N.º 12:417 (28. abril. 1935), p. 4).

³⁰⁵ *Novidades*, Lisboa, Ano L, N.º 12.413 (24. abril. 1935), p. 1.

³⁰⁶ Cf. *A Defesa*, Évora, Ano XII, N.º 634 (04. maio. 1935), p. 2.

³⁰⁷ Os discursos proferidos pelo Presidente da Câmara de Vila Viçosa e pelo Cardeal Patriarca, encontram-se transcritos integralmente em: *Novidades*, Lisboa, Ano L, N.º 12.417 (28. abril. 1935), p. 3.

³⁰⁸ Cf. *A Defesa*, Évora, Ano XII, N.º 635 (11. maio. 1935), p. 1; *Novidades*, Lisboa, Ano L, N.º 12.417 (28. abril. 1935), p. 3.

No final do seu discurso, ao sair dos Paços do Concelho – como à sua chegada –, houve manifestações de boas-vindas nas ruas por onde passou repicando, novamente, os sinos das igrejas de S. Bartolomeu e da Misericórdia.

A procissão das velas, na noite do dia 27, como não poderia deixar de ser, também decorreu com grandiosidade. Orientada pelos párocos e seminaristas de ordens menores, nela tomaram parte vários grupos, como as Filhas de Maria, grupos da Catequese e das Juventudes Católicas de ambos os sexos, o andor que conduziu a imagem de Nossa Senhora da Conceição e, atrás deste, os Prelados³⁰⁹ vestidos com vestes corais, de roquete e solidéu, sem capas nem mitras. No final houve adoração noturna e um sermão proferido pelo bispo de Viseu.

De referir que à meia-noite, tal como fora concedido pelo Papa, os presbíteros oriundos das diferentes dioceses do país começaram a celebrar eucaristias nas igrejas de Vila Viçosa, com assembleias muito numerosas sendo, de destacar, as inúmeras comunhões³¹⁰ e confissões³¹¹.

O jornal *Novidades*, na sua edição de 28 de abril, na sequência da manifestação de fé do dia anterior e, antevendo a grandiosidade das celebrações desse dia, intitulou a notícia referente à peregrinação nos seguintes termos:

“Portugal aos pés de Nossa Senhora da Conceição em Vila Viçosa: gratidão, amor, esperança – clamam hoje os milhares de portugueses unidos, pela fé mais alta, no Solar Condestabriano da Terra de Santa Maria”³¹².

No dia 28, as ruas, adornadas com tapetes de alecrim, giestas, urzes e folhas de eucalipto, encheram-se de peregrinos. Nessa manhã, chegaram vários comboios, embora a

³⁰⁹ D. Manuel Mendes testemunhou a sua presença na procissão das velas, realizada no dia 27, à noite, na *Agenda Pessoal*. Assim escreveu: “

“Tomei parte na procissão noturna (já quasi no fim) que acompanhou a imagem da Padroeira para o templo dos Agostinhos. Assisti à adoração noturna”. (Cf. *Agenda Pessoal*, 27. abril. 1935).

³¹⁰ Cf. *A Defesa*, Évora, Ano XII, N.º 635 (11. maio. 1935), p. 1.

³¹¹ Cf. *Novidades*, Évora, Ano L, N.º 12:418 (29. abril. 1935), p. 1.

³¹² Cf. *Novidades*, Lisboa, Ano L, N.º 12:417 (28. abril. 1935), p. 1.

chegada do “comboio branco”³¹³ – comboio oficial da peregrinação –, se tenha demarcado dos restantes por transportar os diferentes Prelados, que foram saudados por milhares de peregrinos que entoaram cânticos, vivas e aclamações, ao som de foguetes e do repicar dos sinos.

O pontifical, no rito joanino, decorreu no Terreiro do Paço. Além da pomposidade do cortejo de entrada, à qual se associaram todos os peregrinos presentes, de salientar o tom festivo proporcionado pelos foguetes, pelo repique dos sinos e o pelo canto da ladainha de todos os Santos.

Na celebração da Eucaristia³¹⁴, que teve início ao meio dia, presidida pelo Cardeal Patriarca devidamente acolitado pelos cónegos Damasceno Fiadeiro e Rodrigues Soares, participaram uma assembleia composta por dezenas de milhares de peregrinos. Do lado do Evangelho foi colocado o andor com a imagem de Nossa Senhora da Conceição e, do lado da Epístola, encontrava-se o Arcebispo eborense acompanhado do seu cabido³¹⁵. Em baixo, do lado direito, em filas de cadeiras, encontrava-se o Episcopado português: D. António Júnior, arcebispo de Braga, D. João Evangelista Vidal, arcebispo de Ossirinco; D. Ernesto de Oliveira, arcebispo de Mitilene; D. José Matoso, bispo da Guarda; D. Domingos Frutuoso, bispo de Portalegre; D. José Alves da Silva, bispo de Leiria; D. Marcelino Franco, bispo do Algarve; D. José do Patrocínio Dias, bispo de Beja; D. António Augusto Meireles, bispo do Porto; D. José Moreira Pinto, bispo de Viseu; D. Luís de Almeida, bispo de Bragança; D. António Fonseca, bispo de Vila Real; D. Guilherme Augusto Guimarães, bispo de Angra; D. Agostinho Sousa, bispo-coadjutor de Lamego; D. António Antunes, bispo-auxiliar de Coimbra e D. João de Oliveira Matos, bispo Auxiliar de Braga³¹⁶. Do lado direito achavam-se

³¹³ Os dez comboios destinados ao transporte dos peregrinos encontravam-se identificados, segundo a cor. A título de exemplo, a cor branca identificava o comboio que transportava os Prelados.

³¹⁴ De referir, que durante a Eucaristia uma avioneta de turismo, pertencente a Pequito Rebelo e por ele próprio tripulada, voou sobre o Terreiro do Paço fazendo cair sobre o mesmo uma «chuva de flores».

³¹⁵ Cf. *A Defesa*, Évora, Ano XII, N.º 635 (11. maio. 1935), p. 1.

³¹⁶ Cf. *Novidades*, Lisboa, Ano L, N.º 12.418 (29. abril. 1935), p. 1.

as autoridades civis, nomeadamente o governador civil de Évora, o presidente da Câmara Municipal de Vila Viçosa, o administrador da Casa de Bragança, o comandante da Guarda Nacional Republicana, entre outras individualidades. Em redor do altar, encontravam-se os seminaristas de Évora, dos Olivais (Lisboa) e de Viseu bem como os estandartes das associações e confrarias.

A celebração não decorreu sob as melhores condições climatéricas uma vez que choveu torrencialmente³¹⁷, embora todos os presentes tenham permanecido até ao final, sinal da devoção com que participaram nesse ato. No final da celebração, a persistência da chuva torrencial não permitiu a realização do cortejo final para a igreja dos Agostinhos, tendo a imagem sido trasladada posteriormente para esse local. Às 17h, já sem chuva e, como previsto no programa oficial, teve início a procissão que reconduziu a imagem ao seu Solar. No cortejo, integraram-se, pela seguinte ordem, inúmeras bandeiras, muitas cruzes paroquiais, os seminaristas de Évora, Beja e dos Olivais, presbíteros das várias dioceses portuguesas, o andor com a imagem³¹⁸ e, atrás deste, os Prelados, sob a presidência do Cardeal Patriarca ladeado pelo cónego Folgado, de Évora, e pelo Dr. Carneiro de Mesquita, de Lisboa³¹⁹. Durante o seu percurso os sinos das igrejas repicaram, os lenços brancos acenaram, os joelhos fletiram-se à passagem da imagem e, das janelas devidamente enfeitadas, foram lançadas flores³²⁰.

³¹⁷ A chuva não impediu a continuidade da celebração nem a presença dos que ali se encontravam, embora tenha inviabilizado a concretização do programa das celebrações pela ordem estabelecida inicialmente. Por esse motivo *A Defesa*, no número seguinte, a 4 de maio, publicou-o integralmente. Nele, D. Manuel Mendes, saudou os peregrinos, fez uma evocação histórica e apontou os motivos que o levaram a decidir propor a referida peregrinação. (Cf. *A Defesa*, Évora, Ano XII, N.º 634 (04. maio. 1935), p. 1).

³¹⁸ De salientar, alguns dos nomes que transportaram o andor: Governador Civil de Évora, Presidente da Câmara Municipal de Alandroal, Administrador da Casa de Bragança, Rafael Boim – proprietário dos mais abastados de Vila Viçosa –, Presidente da Câmara Municipal de Estremoz e José Nunes Pereira, conservador do registo predial de Vila Viçosa.

³¹⁹ Cantado desde há muitos anos, nesses dias festivos, os peregrinos entoaram durante a procissão o hino de Nossa Senhora da Conceição que ainda hoje se canta:

“[...] Da gente lusa o pregão/ Ressoa na Terra inteira,/ Senhora da Conceição/ Sois a Nossa Padroeira [...].”

³²⁰ O Prelado eborense, na sua *Agenda Pessoal*, averbou muito sucintamente alguns momentos desse dia 28 de abril:

Recolhida a procissão ao Santuário, o bispo de Viseu, em nome da Nação, proferiu a fórmula da consagração a Nossa Senhora da Conceição³²¹, agradecendo as graças recebidas e apresentando-lhe várias súplicas por todos os portugueses³²². Dessa fórmula, veja-se um pequeno trecho que nos parece conter o cerne da mensagem:

“Após uma hora triste em que a impiedade pareceu triunfar e em sacrílega apostasia quis lançar no olvido o Vosso nome e o Vosso padroado, aqui nos tendes, excelsa Rainha, a dizer-Vos bem alto que Portugal Vos pertence e que a promessa antiga não foi traída. Na presença de Deus Todo-Poderoso [...] renovando o ato solene das Cortes Gerais portuguesas de 1646, nós vos aclamamos por nossa Padroeira: a Vós nos consagramos de alma e coração e [...] tudo o que nos pertence a Vós entregamos [...]. [...] avivai a fé neste torrão querido [...]”³²³.

No final, foi concedida a bênção do Santíssimo Sacramento e, depois do adeus, os Prelados abençoaram os peregrinos que retornaram as suas casas³²⁴. *A Defesa*, numa das últimas reportagens sobre o assunto, descreveu, em jeito de balanço, a peregrinação do seguinte modo:

“[...] É esta a nota característica da romagem a Vila Viçosa, a mística impregnação, mais aparente, mais sentida, pelo local histórico, pela presença daquele troféu, pela proximidade daquele castelo nimbado de glória. É por isso que de tempos a tempos, ao lado das grandes romagens a Fátima e ao Sameiro, será útil vir aqui o país, como hoje, recaldear a energia patriótica neste foco [...] de fervor religioso. [...]. Agora até 1946!”³²⁵.

“De manhã solene Pontifical ao ar livre, pelo Senhor Cardial patriarca de Lisboa. Uma chuva torrencial caiu desde a alocução em diante, prejudicando o acto, sim, mas não constipando ninguém. A procissão da tarde foi imponentíssima causando funda impressão e deixando a todos encantados”. (Cf. *Agenda Pessoal*, 28. abril.1935).

³²¹ A Consagração foi repetida por todos os peregrinos. (Cf. *Novidades*, Lisboa, Ano L, N.º 12.418 (29. abril. 1935), p. 6).

³²² Cf. *A Defesa*, Évora, Ano XII, N.º 635 (11. maio. 1935), pp. 1-2; *Alvoradas*, Évora, Ano III, N.º 22 (13. maio. 1935), p. 22.

³²³ Cf. *Novidades*, Lisboa, Ano L, N.º 12.416 (27. abril. 1935), pp. 3-4.

³²⁴ Cf. *A Defesa*, Évora, Ano XII, N.º 635 (11. maio. 1935), p. 2.

³²⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 2.

Em sinal de reconhecimento pela apoteose com que decorreram as cerimónias, dado que a instituição da Peregrinação Nacional a Vila Viçosa partiu da iniciativa particular de D. Manuel Mendes da Conceição Santos, a Arquidiocese entendeu homenagear o seu venerando Prelado³²⁶. Desse modo, a 23 de junho seguinte, na Sé, pelas 17:30h, depois de um programa previamente preparado, foi cantado solenemente, pelos seminaristas e pelos alunos do Oratório Festivo de S. José, sob a direção do Pe. Pedro Morais, um *Te Deum* em acção de graças pelo êxito da Peregrinação Nacional a Vila Viçosa, no qual foi orador o Pe. Luís Gonzaga Cabral (1866-1939), um dos mais considerados oradores do clero português³²⁷.

2.4. IIª Peregrinação Nacional a Vila Viçosa (1946)

2.4.1. O anúncio da Peregrinação pelo arcebispo de Évora

O arcebispo de Évora, a 31 de dezembro de 1945, na habitual mensagem de fim de ano, na Catedral, anunciou que todo o país se juntaria a Évora e Vila Viçosa para a celebração da Coroação e Consagração de Nossa Senhora da Conceição, recriando o momento de há séculos atrás pelo rei D. João IV. Nas palavras que dirigiu à Assembleia, exortou os fiéis à participação, recordando que:

“[...] foi no dia 25 de março de 1640 que o acto solene se realizou, e é agora, no ano que daqui a pouco vai começar, que nos cabe a honra e o dever de celebrar com a devida solenidade o terceiro centenário de tão momentoso acontecimento.

Portugal inteiro vai decerto vibrar de entusiasmo, do Algarve ao Minho, nas ilhas do Atlântico e nas terras longínquas onde flutua a bandeira portuguesa [...] Portugal será um grande templo onde todos os portugueses que prezam a sua história e a sua fé cantarão [...] as glórias da sua Padroeira. Mas [...] cabe por dever de honra o primeiro lugar à terra

³²⁶ Embora o número de peregrinos tenha oscilado entre os 60 e os 70.000, a presença dos católicos alentejanos parece ter sido pequena dado que as condições meteorológicas “ameaçando chuva”, desanimaram grande parte dos que viviam nos lugares mais próximos de Vila Viçosa. (Cf. *Novidades*, Lisboa, Ano L, N.º 12.418 (29. abril. 1935), p. 1). Todavia, no dia 28, partiram de Évora três comboios repletos de peregrinos eborenses (Cf. *Notícias d'Évora*, Évora, Ano 35, N.º 10.309 (30. abril. 1935), p.1) e, no dia 29, D. Manuel Mendes, antes da sua partida para Évora, celebrou no Santuário onde contou com uma assembleia numerosa composta, sobretudo, por fiéis de Vila Viçosa. (Cf. *Novidades*, Lisboa, Ano L, N.º. 12.419 (30. abril. 1935), p. 1).

³²⁷ Cf. *A Defesa*, Évora, Ano XII, N.º 640 (15. junho. 1935), p. 1; N.º 641 (22. junho. 1935), p. 1.

alentejana, à Diocese de Évora, na qual, como preciosa pérola, se encontra engastada a nobre Vila Viçosa [...]»³²⁸.

Évora funcionaria como antecâmara do solar da Padroeira pois nela passariam todos os romeiros com destino a Vila Viçosa. Além de local de passagem dos peregrinos, Évora seria palco de uma homenagem da ciência e da fé a Maria, através da realização do I Congresso Mariano Nacional, que prepararia todos para que a Peregrinação fosse grandiosa e bela. Desse modo, exortou os seus diocesanos que fossem exemplares no fervor da fé para que as comemorações repercutissem a sincera homenagem realizada havia trezentos anos³²⁹.

2.4.2. A Pastoral coletiva do Episcopado português sobre o Tricentenário da Padroeira

Na continuidade da mensagem de D. Manuel Mendes, a 18 de janeiro de 1946, o Episcopado português fez publicar uma *Pastoral*, que foi difundida por todo o país, tanto na imprensa periódica, como nas homilias eucarísticas³³⁰ dominicais ou em dias santificados³³¹. Nela, o Episcopado recordava que Maria fazia parte das páginas mais belas da história portuguesa, marcada nos monumentos mais imponentes, anunciada pelo mundo entre os navegadores e missionários, transmitida pelas gerações e inspiradora dos melhores escritores.

Para a comemoração desta data tão importante e singular, o episcopado começou por delinear um programa sucinto de modo a dedicar a Nossa Senhora a veneração própria da sua

³²⁸ Cf. *II Congresso Nacional Mariano em Évora; II Peregrinação Nacional A Vila Viçosa*. Évora: Gráfica Eborense, 1947, p. 4; *A Defesa*, Évora, Ano XXIII, N.º 1191 (05. janeiro. 1946), p. 2.

³²⁹ Cf. *A Defesa*, Évora, Ano XXIII, N.º 1191 (05. janeiro. 1946), p. 2. Após esse anúncio, no dia 14 de janeiro, D. Manuel Mendes reuniu-se com algumas das entidades de maior relevo a nível local para, em conjunto, acordarem a data em que decorreriam as comemorações solenes. Decidiram, assim, unanimemente, que as comemorações deveriam consistir num Congresso Nacional Mariano e numa Peregrinação Nacional a Vila Viçosa a realizar no mês de outubro próximo. Depois deste acordo, o Prelado eborense submeteu a proposta à apreciação do Episcopado (actual Conferência Episcopal Portuguesa), em reunião que se realizava nessa semana. A proposta foi aprovada e refletida na redação de uma Pastoral coletiva sobre o tricentenário da Padroeira. (Cf. *II Congresso Nacional Mariano em Évora; II Peregrinação Nacional A Vila Viçosa*. Évora: Gráfica Eborense, 1947, p. 25).

³³⁰ Cf. *Idem, ibidem*, pp. 5-6.

³³¹ Cf. “Pastoral Coletiva do Episcopado Português”. In *Lumen*. Lisboa. Vol. X, Fasc. II (fevereiro de 1946), p. 77.

piedade bem como a sugerida pelos Prelados locais. Por outro lado, a participação, a 13 de maio desse ano, na coroação da imagem de Nossa Senhora de Fátima, venerada na Capelinha das Aparições, pelo Papa, por intermédio do Legado *a latere*³³²:

“Decorridos meses, em que nas diversas povoações e Dioceses se prestarão à Virgem as homenagens que a voz dos pastores e a piedade dos fiéis sugerirem, será no coração do Alentejo, em Vila Viçosa, que terão ponto culminante as comemorações do centenário da aclamação da Padroeira. No dia 20 de outubro [...] realizar-se-á segunda peregrinação nacional ao solar da Padroeira, para ali, [...] a aclamar de novo e reiterar o acto de vassalagem [...] Como preâmbulo a esta majestosa homenagem realizar-se-á em Évora, nos dias 17,18 e 19 do mesmo mês de Outubro, um Congresso Nacional Mariano [...] É dali que, depois do Congresso³³³, partiremos para Vila Viçosa em devota romagem, a fim de convosco ir depor aos pés da Padroeira, a Quem tudo devemos, o testemunho humilde da nossa gratidão. E por Nós e por vós, cada um de Nós, representando a sua Diocese, continuando o tributo do Rei Restaurador, depositará um óbulo, uma moeda de ouro, aos pés da Imagem [...] que o Santo Condestável entronizou ali, no seu castelo, e ante a qual D. João VI foi ajoelhar, antes de empunhar o cetro que simbolizava a ressurreição de Portugal”³³⁴.

A Pastoral termina com um incentivo à peregrinação e ao cuidado na preparação das cerimónias. Exortava-se à oração, ao sacramento da reconciliação, da comunhão e da prática das virtudes cristãs, sobretudo da caridade. Solicitava-se, em alternativa, uma semana de missão ou, na impossibilidade de tal desiderato se concretizar, a realização de um tríduo³³⁵ em todas as paróquias, com o intuito de preparar devidamente os fiéis bem como a comunhão geral de crianças, a 31 de maio, dia litúrgico da celebração de Nossa Senhora Medianeira de todas as Graças. Recomendava-se, ainda, a continuidade da prática iniciada, em 1940 de

³³² Cf. Idem, *ibidem*, pp. 68-75.

³³³ Cf. A decisão sobre o local de realização do Congresso recaiu sobre a cidade de Évora uma vez que o Solar da Padroeira se localizava em território da Arquidiocese. Por outro lado, pela excelente organização e projeção de âmbito nacional alcançada pela realização, em anos anteriores, dos congressos Missionário Nacional e Eucarístico Diocesano (Cf. *II Congresso Nacional Mariano em Évora; II Peregrinação Nacional A Vila Viçosa*. Évora: Gráfica Eborense, 1947, p. 26).

³³⁴ Cf. “Pastoral Coletiva do Episcopado Português”, *op. cit.*, pp. 68-75.

³³⁵ Cf. Nesse sentido, D. Manuel Mendes fez chegar ao seu clero uma nota oficiosa da Vigararia Geral sobre as pregações preparatórias. Nela, o Vigário Geral de então, Virgílio Pita Domingues, esclarecia que o arcebispo convidara alguns missionários para esse efeito, acrescentando, no entanto, que com ou sem missionários, todos deveriam empenhar-se para que a sua paróquia ou igreja não ficasse sem pregação. (Cf. *II Congresso Nacional Mariano em Évora; II Peregrinação Nacional A Vila Viçosa*, *op. cit.*, pp. 9-10).

colocação na fachada das casas de uma lápide votiva da Imaculada Conceição, com a epígrafe tradicional do tempo da Restauração assim como o batismo de cada criança do sexo feminino, nascida nesse ano jubilar, com o nome de Maria da Conceição³³⁶.

Às comemorações, também se associou o Papa que, a pedido do Prelado eborense, concedeu a todos os peregrinos exímias graças espirituais³³⁷.

2.4.3. As celebrações do dia do Tricentenário

O ciclo das comemorações do tricentenário da Padroeira abriu oficialmente com um Pontifical solene, presidido, a convite do arcebispo de Évora, pelo Cardeal Teodósio Clemente de Gouveia (1889-1962), arcebispo de Lourenço Marques³³⁸, no Santuário de Vila Viçosa, a 25 de março³³⁹, precisamente no dia em que se completavam 300 anos da proclamação³⁴⁰. Além do Pontifical, presidiu ao lançamento da primeira pedra do monumento

³³⁶ As graças espirituais concedidas pelo Papa foram anunciadas através de uma nota oficiosa da Vigararia Geral:

“I – Faculdade para celebrar *Missa à meia noite e meia hora*, na noite de 19 para 20 do corrente, em todas as igrejas onde se realize adoração nocturna ao Santíssimo Sacramento, com a condição de que no seu conjunto estas duas cerimónias (Missa e Adoração) não durem menos de duas horas.

II – *Bênção Papal* em Vila Viçosa, em seguida à Missa Campal.

III – *Indulgência Plenária*, com as condições usuais, a todos os fiéis que tomarem parte na Peregrinação a Vila Viçosa. Estas condições usuais são: Confissão e comunhão, e oração segundo as intenções do Sumo pontífice”. (Cf. *II Congresso Nacional Mariano em Évora; II Peregrinação Nacional A Vila Viçosa, op. cit.*, p. 10).

³³⁷ Cf. “Pastoral Coletiva do Episcopado Português”, *op. cit.*, pp. 75-76.

³³⁸ O Cardeal Gouveia viajava de Roma, onde recebera o barrete cardinalício, para a sua diocese longínqua, Lourenço Marques. Contudo, o motivo do convite não, certamente, a passagem por Portugal, mas a ligação que o unia ao Santuário de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, nomeadamente pela sua participação na I Peregrinação Nacional, em 1935, como reitor do Colégio Português em Roma. Por outro lado, e não menos importante, não só o facto de ser Prelado de uma diocese cuja padroeira era Nossa Senhora da Conceição, como a dedicação da primeira capela da fortaleza e da Catedral, ser dedicada à Imaculada Conceição (Cf. *II Congresso Nacional Mariano em Évora; II Peregrinação Nacional A Vila Viçosa, op. cit.*, pp. 11-12).

³³⁹ Após a peregrinação aniversaria da aparição de 13 de maio, aumentou o fervor mariano, certamente com o intuito de uma correta preparação das almas para as celebrações de outubro, em Vila Viçosa. De destacar, as peregrinações realizadas semanalmente a santuários marianos, as coroações de imagens de Nossa Senhora, especialmente de Nossa Senhora de Fátima e de Nossa Senhora da Conceição, e as consagrações de concelhos e localidades ao Imaculado Coração de Maria (Cf. *A Defesa, Évora, Ano XXIV, N.º 1232 (19. outubro.1946)*, p. 1).

³⁴⁰ A decisão sobre a marcação das comemorações locais do tricentenário para o dia 25 de março ocorreu no dia 1 de março, nos Paços do Concelho de Vila Viçosa, numa reunião magna com as figuras mais representativas da terra, sob a presidência de D. Manuel Mendes da Conceição Santos, da qual saíram as bases programáticas das comemorações jubilares (Cf. *II Congresso Nacional Mariano em Évora; II Peregrinação Nacional A Vila Viçosa, op. cit.*, p. 11).

à Imaculada Conceição, à procissão³⁴¹, à consagração do concelho de Vila Viçosa³⁴² e ao *Te-Deum*³⁴³.

D. Teodósio de Gouveia, após uma breve passagem pelo Santuário da Padroeira, foi recebido oficialmente pelas Câmaras Municipais de Montemor, Évora e de Vila Viçosa. Muito saudado pelo povo presente, foi cumprimentado e homenageado pelo arcebispo de Évora, pelo bispo de Beja e pela Fundação da Casa de Bragança, que não abria solenemente as portas havia quarenta anos. Entre outras individualidades, de destacar a presença do representante do Chefe do Governo, Prof. Doutor Marcelo Caetano, do Ministro das Colónias e do Governador Civil de Évora, tenente-coronel Maia Mendes³⁴⁴.

As celebrações restringiram-se, no entanto, à arquidiocese de Évora para que, desse modo, os católicos portugueses pudessem participar nas comemorações de carácter nacional, a realizar em outubro desse ano. Não obstante, as celebrações de dia 25 de março não foram de menor pendor festivo e de fé, com as ruas devidamente ornamentadas com junco e rosmaninho e as varandas engalanadas com colchas e iluminações. De toda a parte da Arquidiocese, acompanhados pelos respetivos párocos, acorreram, em massa, peregrinos de diversas localidades vizinhas, apesar de ser dia de semana. A título de exemplo, de Santiago de Rio de Moinhos – pequena localidade pertencente ao concelho de Borba –, peregrinaram a pé 300 pessoas, embora o maior grupo de peregrinos, em número de aproximadamente 1000, tivesse chegado no comboio especial vindo de Évora e de Estremoz³⁴⁵.

³⁴¹ Esta ocasião constituiu a 11ª vez em que a Imagem de Nossa Senhora da Conceição, coroada por D. João IV, saiu do seu Solar. Para que tal fosse possível, além da necessária autorização do Arcebispo, a imagem deveria ser acompanhada por um ou mais Bispos (Cf. *A Defesa*, Évora, Ano XXIV, N.º 1232 (19. outubro.1946), pp. 5 e 11).

³⁴² A fórmula da Consagração encontra-se publicada em *II Congresso Nacional Mariano em Évora; II Peregrinação Nacional A Vila Viçosa*, *op. cit.*, p. 24).

³⁴³ Cf. SILVA, D. Francisco Maria da, *op. cit.*, p. 236.

³⁴⁴ Cf. *A Defesa*, Évora, Ano XXIV, N.º 1203 (30. março.1946), pp. 1-3; SILVA, D. Francisco Maria da, *op. cit.*, p. 235.

³⁴⁵ Cf. *A Defesa*, Évora, Ano XXIV, N.º 1203 (30. março.1946), pp. 1-3.

2.4.4. O Congresso Mariano Nacional

O Congresso Mariano Nacional realizou-se em Évora, entre 16 e 18 de outubro de 1946, com certo esplendor depois de uma minuciosa preparação, orientada pelas variadas Comissões nomeadas para o efeito³⁴⁶. Disso são testemunho todos os aspetos respeitantes à realização e concretização do mesmo³⁴⁷, bem como a coletânea de “Cartas” ou a publicação das atas do Congresso. Na sua preparação foram impressos 2.000 bilhetes de Congressista, que rapidamente se esgotaram, tornando-se necessária uma nova edição. Cunharam-se dois modelos de medalhas comemorativas do “Tricentenário da Padroeira”, a partir dos quais se reproduziram muitos milhares de cópias, que depressa se esgotaram³⁴⁸.

O programa do Congresso foi muito intenso. No dia 16, entre outras atividades, de salientar a inauguração da Exposição de Arte Sacra³⁴⁹, na igreja de Santo Antão; a receção aos Prelados na Câmara Municipal e a Conferência sobre “*Nossa Senhora na pintura quinhentista*”, pelo Dr. Costa Lima. No dia seguinte, que teve início com a celebração de eucaristias nas igrejas do Carmo e de S. Mamede e com o solene Pontifical inaugural, na Catedral, referira-se a sessão inaugural do Congresso, na igreja de S. Francisco – onde tiveram lugar todas as sessões solenes–, à qual se seguiu a leitura, pelo arcebispo de Évora, dos telegramas de saudação enviados ao Papa, ao Chefe de Estado e ao Chefe de Governo concluindo-se, o segundo dia de trabalhos, com uma conferência do Professor Doutor Álvaro da Costa Pimpão, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, intitulada “*Nossa Senhora da Conceição na Lírica Portuguesa*”³⁵⁰ e com a apresentação da obra: “*Cancioneiro*

³⁴⁶ Cf. As comissões e os membros responsáveis pelos diferentes sectores encontram-se identificadas em: *II Congresso Nacional Mariano em Évora; II Peregrinação Nacional A Vila Viçosa, op. cit.*, pp. 40-42.

³⁴⁷ Cf. *II Congresso Nacional Mariano em Évora; II Peregrinação Nacional A Vila Viçosa*. Évora: Gráfica Eborense, 1947.

³⁴⁸ Cf. Estes dados embora simbólicos dão-nos a perceção do número de participantes que tomaram parte na Peregrinação (Cf. *II Congresso Nacional Mariano em Évora; II Peregrinação Nacional A Vila Viçosa, op. cit.*, p. 54).

³⁴⁹ O recheio artístico aí exposto pode consultar-se em *A Defesa*, Évora, Ano XXIV, N.º 1232 (19. outubro.1946), p. 1.

³⁵⁰ Além dos conferencistas citados no texto, de referir a participação dos seguintes oradores: Pe. Miguel de Oliveira (*Santa Maria na história medieval portuguesa*); Doutor António Lino Neto (*Nossa Senhora da*

da Virgem”. O dia 18, terceiro dia de trabalhos do Congresso, iniciou-se com a celebração da eucaristia de comunhão geral, seguida de duas sessões de estudos³⁵¹ para sacerdotes (a segunda sessão, às 21h) e da segunda sessão solene do Evento. O derradeiro dia do Congresso, dia 19, teve início com a Missa campal no Templo Romano, presidida pelo arcebispo de Braga, D. António Bento Martins Júnior³⁵², à qual se seguiu uma nova sessão de estudos, um documentário sobre a coroação de Nossa Senhora de Fátima ocorrida, a 13 de maio desse ano e, por fim, a sessão solene de encerramento presidida pelo Cardeal Patriarca³⁵³.

Segundo o seu biógrafo, D. Francisco Maria da Silva³⁵⁴, são de realçar os discursos proferidos pelo Prelado eborense no início e no encerramento do Congresso³⁵⁵; a receção aos Prelados portugueses na Câmara Municipal³⁵⁶; o Pontifical realizado na Sé, sob a presidência do Cardeal Patriarca³⁵⁷; a Missa campal celebrada no templo de Diana³⁵⁸; o documentário sobre a coroação de Nossa Senhora de Fátima³⁵⁹ e a mensagem dos representantes dos Conjurados de 1640³⁶⁰. De um modo particular, a realização do Congresso permitiu o concretizar de dois votos aí formulados: a declaração do dia 8 de Dezembro como feriado nacional e, a petição a Roma, da definição dogmática da Assunção e da Mediação Universal

Conceição, farol de esperança nas angústias das almas e da Pátria); Doutor Luís de Pina (*Santa Maria nos desígnios de Portugal*); Frei Fernando Lopes O.F.M (*Os franciscanos e a Imaculada Conceição*); poeta Silva Tavares (*O culto de Maria no coração português*) e Maria da Graça Varela Cid (*Senhora da Conceição*) (Cf. *II Congresso Nacional Mariano em Évora; II Peregrinação Nacional A Vila Viçosa, op. cit.*, pp. 91-157).

³⁵¹ Cf. As sessões de estudo tiveram lugar nas salas do Liceu, Seminário Maior, Paço Arquiepiscopal e Escola do Magistério.

³⁵² Cf. Apêndice Fotográfico – Fig. 13.

³⁵³ Cf. *II Congresso Nacional Mariano em Évora; II Peregrinação Nacional A Vila Viçosa, op. cit.*, pp. 56-73.

³⁵⁴ Cf. SILVA, D. Francisco Maria da, *op. cit.*, p. 237.

³⁵⁵ Cf. *II Congresso Nacional Mariano em Évora; II Peregrinação Nacional A Vila Viçosa, op. cit.*, pp. 85-89.

³⁵⁶ Cf. *Idem, ibidem*, pp. 57-60.

³⁵⁷ Cf. *Idem, ibidem*, pp. 62-64.

³⁵⁸ Cf. *Idem, ibidem*, pp. 68-69.

³⁵⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 70.

³⁶⁰ Cf. *Idem, ibidem*, pp. 71-72.

de Nossa Senhora³⁶¹. Encerrou-se o Congresso, mas não terminaram as comemorações religiosas que, através da imprensa, foram sobejamente divulgadas a nível nacional³⁶².

Como referido, as comemorações continuaram com a procissão das velas, presidida pelo bispo auxiliar da Guarda e com a adoração noturna e a Eucaristia da meia-noite que foi celebrada na Catedral, pelo Bispo auxiliar da Guarda, em S. Mamede, pelo Bispo de Gurza, e no Carmo, pelo Bispo do Algarve. Depois de uma noite de vigília, os peregrinos partiram em direção a Vila Viçosa para tomarem parte nas celebrações de carácter nacional³⁶³. Como afirmou D. Manuel Mendes na sessão solene do dia 17, que serviu de título no jornal *Novidades*, na edição do dia seguinte³⁶⁴:

“O II Congresso Mariano Nacional é um acontecimento novo na História de Évora cujo nome, aureolado de prestígio, há muito conquistou a imortalidade”.

2.4.5. A Peregrinação a Vila Viçosa

A peregrinação nacional a Vila Viçosa foi, de acordo com a exortação emanada pelo Episcopado português, preparada com o conveniente zelo e antecipação. O Pe. Manuel A.

³⁶¹ Os votos são referidos numa carta *Circular* que o Capelão da Confraria de Nossa Senhora da Conceição enviou, a 25 de janeiro de 1947, a todos os párocos da Província Eclesiástica. Nela explicita que, por incumbência do arcebispo de Évora e com a aprovação dos bispos de Beja e do Algarve:

“Está[va] esta Confraria [...] encarregada de angariar, em todas as freguesias desta Província Eclesiástica, o maior número possível de assinaturas que confirmem e secundem o voto e desejo formulados no último Congresso Mariano de que seja em breve definida como dogma a piedosa e unânime crença da Assunção de Maria e, também, oportunamente, o da Mediação da mesma Nossa Senhora, para depois essas assinaturas serem entregues a Sua Santidade o Papa, em forma de petição [...] Vá preparando, desde já, nessa freguesia e como melhor entender, a opinião de todos os seus paroquianos, no sentido acima indicado [...]”.

Contudo, a decisão sobre a responsabilidade recair na instituição confraternal, encontra-se patente numa outra carta que D. Manuel Mendes dirigiu ao Presidente da Confraria, a 27 de dezembro de 1946:

“Não esqueçamos a promessa que fizemos na sessão solene aí realizada na Câmara Municipal, e com efeito propusemos na última Conferência Episcopal o alvitre que nos foi sugerido e segundo o qual a Confraria de Nossa Senhora [...] tomaria a iniciativa de colher assinaturas em todo o país para uma petição dirigida à Santa Sé a solicitar a definição dogmática da Assunção da Santíssima Virgem. Preferiram alguns dos Venerandos Prelados organizar eles próprios nas suas Dioceses esse movimento [...] Ficou resolvido que a Confraria poderia tomar a mencionada iniciativa para as Dioceses da Província Eclesiástica Eborense [...]”.

As cartas encontram-se no *Arquivo da Régia Confraria de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa*.

³⁶² A este propósito, vejam-se alguns excertos das reportagens publicadas em diversos jornais nacionais em: *II Congresso Nacional Mariano em Évora; II Peregrinação Nacional A Vila Viçosa*, op. cit., pp. 390-404.

³⁶³ Cf. Idem, *ibidem*, p. 74.

³⁶⁴ Cf. *Novidades*, Lisboa, Ano LXI, N.º 16.520 (18. outubro.1946), p. 1.

Pires, diretor diocesano da peregrinação, enviou uma *Circular* dirigida a todos o presbitério eborense, onde aludia:

“Poucas vezes como esta vai ser posto à prova o prestígio desta Diocese e o zelo do seu clero em confronto com as outras dioceses”³⁶⁵.

Uma exortação que parece ter sortido os efeitos desejados pois a Peregrinação superou todas as expectativas.

Como referido anteriormente, a par das celebrações que se realizavam na cidade de Évora, iniciaram-se a 19, em Vila Viçosa, as celebrações inaugurais da peregrinação. Nesse dia, pela manhã, efetuou-se a peregrinação de crianças das escolas do concelho, tendo sido celebrada Eucaristia, onde participaram as crianças, presidida pelo bispo de Beja, D. José do Patrocínio Dias.

À noite, pelas 21h, realizou-se a receção ao Cardeal Patriarca e demais Prelados, pelas Autoridades locais e pelos milhares de peregrinos presentes. Seguiu-se a procissão das velas, presidida pelo Prelado eborense, que iluminou toda a Vila. No final, a exemplo de Fátima, realizou-se a adoração eucarística até às 4h, ao ar livre, com pregação pelo Dr. Clemente Ramos, arcepreste de Paredes de Coura, sucedendo-lhe, em modo conclusivo, uma Eucaristia presidida por D. Manuel Mendes.

No dia 20, momento alto da Peregrinação, foi celebrada Missa campal num altar construído pela Fundação da Casa de Bragança, na restaurada Porta de Évora, do castelo de Vila Viçosa. Ao invés da tradicional celebração no Terreiro do Paço, a organização optou por um novo local, junto das muralhas através da qual se vislumbrava a grande praça que tem por pano de fundo a igreja de S. Bartolomeu.

³⁶⁵ Cf. *II Congresso Nacional Mariano em Évora; II Peregrinação Nacional A Vila Viçosa*, op. cit., p. 24.

Com efeito, antes do início da cerimónia, em procissão, a imagem de Nossa Senhora foi trasladada para o local da Eucaristia, acompanhada por inúmeros estandartes que representavam os diversos municípios, movimentos ou paróquias.

A cerimónia foi presidida pelo Cardeal Patriarca, D. Manuel Gonçalves Cerejeira, assistido pelos cónegos da Patriarcal João de Castro e António Campos, sendo mestre-de-cerimónias, o cónego Honorato Monteiro³⁶⁶ e pregador, D. Manuel Trindade Salgueiro, bispo de Helenópolis, que viria a suceder a D. Manuel Mendes da Conceição Santos. Do lado do Evangelho encontrava-se todo o Episcopado português³⁶⁷, o representante do Nuncio Apostólico, Mons. Mozzoni e o cabido da Catedral eborense juntamente com os cónegos de outras dioceses portuguesas. Do lado da Epístola, sentaram-se, em lugar de honra, o Ministro da Justiça e o representante do Governo, Cavalheiro Ferreira; mais abaixo, o Governador Civil de Évora, José Félix Mira, o Presidente da Comissão Distrital da União Nacional, Camarate de Campos, o Presidente da Câmara Municipal de Vila Viçosa, Leopoldo Barreiro Portas, o representante do Conselho de Administração da Casa de Bragança, D. Manuel de Bragança, o representante do Duque de Bragança, o Visconde do Torrão, o conde das Alcáçovas, Hipólito Raposo, o presidente geral da Liga Independente Católica e muitas outras individualidades³⁶⁸.

Terminada a Eucaristia, foi exposto o Santíssimo Sacramento, tendo-se procedido à leitura da provisão régia, pelo Padre Nabais, da arquidiocese de Évora. Em seguida, o Cardeal Patriarca, representando a Nação, proferiu o rito de Consagração que renovou o ato de Consagração de Portugal à Padroeira, aclamado, em coro, pela multidão de fiéis que, em

³⁶⁶ Cf. *A Defesa*, Évora, Ano XXIV, N.º 1233 (26. outubro.1946), p. 1.

³⁶⁷ O bispo do Funchal não marcou presença em nenhum dos actos. Porém, comunicando-o antecipadamente a D. Manuel Mendes, por meio de um telegrama, foi representado pelo Arcebispo-Bispo de Lamego. Além disso, pediu que fossem acesas, em Vila Viçosa, em representação da sua Diocese 50 velas votivas, tantas quantas as paróquias nela existentes (Cf. *A Defesa*, Évora, Ano XXIV, N.º 1232 (19. outubro.1946), p. 1 e N.º 1233 (26. outubro. 1946), p.1).

³⁶⁸ Cf. *II Congresso Nacional Mariano em Évora; II Peregrinação Nacional A Vila Viçosa*, op. cit., p. 76; *A Defesa*, Évora, Ano XXIV, N.º 1233 (26. outubro.1946), p. 1.

unísson, cantou o cântico “*Salve, Rainha*”³⁶⁹. Seguiu-se a cerimónia de pagamento do tributo, pelo Cardeal Patriarca e demais bispos presentes, com a qual se reatou uma promessa secular feita por D. João IV³⁷⁰. Assim, num ato simbólico de reatamento desse tributo, D. Manuel Mendes recebeu de cada um dos prelados presentes, uma moeda de ouro, momento que foi aclamado pelos peregrinos com uma grande ovação. Entretanto, o “Império Ultramarino” e a Acção Católica foram representados pelos bispos de Gurza e Helenópolis.

Concluídas as celebrações programadas para essa manhã, a Imagem, velada por sucessivos turnos, permaneceu no altar em frente do qual ardiam as velas votivas das paróquias de Portugal e das famílias da Arquidiocese.

No período da tarde, tiveram lugar os últimos atos solenes, nomeadamente a recepção do Episcopado português, na Câmara Municipal e a procissão. Esta última, com duração de aproximadamente duas horas e meia, permitiu que as comemorações encerrassem com “chave de ouro”. Nela participaram todos os Bispos revestidos de plúvias e demais peregrinos presentes³⁷¹, símbolo da grandiosidade que marcou as celebrações. Grandeza verificada, por exemplo, no facto de ainda não ter saído do altar o presidente da procissão e já o princípio da mesma se encontrar novamente no mesmo largo onde iniciara, depois de ter percorrido o Terreiro do Paço e seguido pela Corredoura. No final, à semelhança de Fátima, um mar de lenços brancos a acenar³⁷² na “procissão do adeus”, selando, desse modo, o último ato solene da *II Peregrinação Nacional a Vila Viçosa*, que encerrou o *II Congresso Nacional Mariano*³⁷³.

A este propósito deve referir-se que, com intuito comemorativo das celebrações, a Casa de Bragança fez cunhar medalhas de ouro que ofereceu aos Prelados e Entidades oficiais

³⁶⁹ Cf. *A Defesa*, Évora, Ano XXIV, N.º 1233 (26. outubro.1946), p. 1.

³⁷⁰ Cf. *Notícias d'Évora*, Ano 47º, N.º 13.809 (22. outubro.1946), p. 2.

³⁷¹ Importa referir que o Governo Português marcou presença, em todas as cerimónias, por intermédio do Ministro da Justiça, Dr. Cavaleiro Ferreira. Por seu turno, o distrito de Évora foi representado pelo Governador Civil, José Félix Mira (Cf. *Notícias d'Évora*, Ano 47º, N.º 13.809 (23. outubro.1946), p. 2).

³⁷² Cf. *A Defesa*, Évora, Ano XXIV, N.º 1233 (26. outubro.1946), pp. 1-2.

³⁷³ Cf. *Notícias d'Évora*, Ano 47º, N.º 13.808 (20. outubro.1946), p. 1.

presentes³⁷⁴. Por outro lado, salientar que os eborenses souberam agradecer a Deus as graças concebidas, cantando, em Évora e Vila Viçosa, um *Te Deum* de ação de graças. A este gesto de reconhecimento do valor da iniciativa e do empenho do seu Prelado, sucedeu-se uma homenagem pública à qual se associou também a Assembleia Nacional³⁷⁵. De facto, as celebrações de cariz religioso não deixaram de ter grande expressão pública, nomeadamente pelo acompanhamento realizado pela imprensa nacional e, simultaneamente, de assumir um significado político indiscutível.

A imponência da Peregrinação poderá ser sintetizada, num texto da autoria de Francisco de Babo, publicado nas páginas do jornal *Novidades*:

“[...] Cenário mais grandioso, por certo, que o de há trezentos anos. Cortes de amor na terra alentejana [...] procissão imensa de quilómetros [...]”³⁷⁶.

2.5. Visita da Imagem Peregrina de Fátima à Arquidiocese de Évora (1947)

O sucesso das peregrinações nacionais com a Imagem de Nossa Senhora Fátima motivou os prelados do sul do país, a organizarem esta iniciativa nas suas dioceses. Conhecedores da grande e íntima devoção dos seus fiéis a Nossa Senhora, que constitui uma das mais significativas marcas da sua identificação sociocultural, perceberam que a Peregrinação poderia afirmar-se como uma fonte fértil por onde poderia dimanar a desejada renovação espiritual.

Com efeito, conscientes da importante dinamização pastoral que a realização de uma peregrinação com a Imagem de Nossa Senhora poderia trazer às suas dioceses³⁷⁷, levou o arcebispo de Évora e o bispo de Beja e, numa fase posterior, o bispo do Algarve, a dirigirem

³⁷⁴ Cf. *A Defesa*, Évora, Ano XXIV, N.º 1233 (26. outubro.1946), p. 2.

³⁷⁵ Cf. *A Defesa*, Évora, Ano XXIV, N.º 1239 (07. dezembro.1946), pp. 1-2; N.º 1241 (21. dezembro.1946), pp. 1-2; *II Congresso Nacional Mariano em Évora; II Peregrinação Nacional A Vila Viçosa*, *op. cit.*, pp. 374-384. No entanto, não só a imprensa regional, como a nacional fizeram um acompanhamento exaustivo destes acontecimentos, dando ao Congresso e à Peregrinação, uma importante projeção nacional (Cf. *II Congresso Nacional Mariano em Évora; II Peregrinação Nacional A Vila Viçosa*, *op. cit.*, pp. 390-404).

³⁷⁶ Cf. *Novidades*, Lisboa, Ano LXI, N.º 16.524 (22. outubro.1946), p. 2.

³⁷⁷ Cf. VAZÃO, Sónia – Os dias da exceção: as Viagens da Imagem de Nossa Senhora de Fátima. In *Fátima XXI, Revista Cultural do Santuário de Fátima*, outubro, 2015, p. 67.

um convite ao prelado leiriense no sentido de proverem a vinda da Imagem peregrina às suas dioceses.

O bispo de Leiria, D. José Alves Correia da Silva aceitou os pedidos e, a 13 de outubro de 1947, após as celebrações comemorativas da última aparição, deu-se início à viagem da Imagem pelas três dioceses do Sul, que terminou a 12 de janeiro³⁷⁸.

2.5.1. Anúncio da Visita

O anúncio da visita da Imagem peregrina à Arquidiocese de Évora, aconteceu na habitual mensagem do fim do ano de 1946, na Sé. D. Manuel Mendes, evocando a grandiosidade das celebrações do tricentenário e do 13 de outubro desse ano, em Fátima, apontou a romagem de Nossa Senhora de Fátima a Lisboa. Sublinhou que a sua Padroeira não os esqueceu, lembrando estar disponível para socorrer aqueles que lhe forem fiéis e exortando-os à prática da vida cristã.

Na sua homília, presenciada por inúmeros fiéis, exaltou a forma piedosa e fervorosa como a Imagem foi acolhida no concelho de Benavente, onde deixou fecunda impressão, um rasto de luz e de bênçãos. Neste contexto, anunciou a principal novidade do ano que iniciava: a vinda da Imagem de Nossa Senhora de Fátima ao Alentejo. Uma visita que, nas palavras de D. Manuel Mendes, traria muitas consolações e graças, esperando multidões vibrantes e ardorosas na fé, como acontecera na Estremadura e no Ribatejo³⁷⁹. Todavia, tornava-se necessária uma preparação não só a nível material, mas, essencialmente, a nível espiritual:

“Preparai os caminhos da Senhora! E preparar-Lhe os caminhos não é apenas levantar arcos triunfais e iluminar as fachadas: preparar os caminhos é avivar a fé, reparar os escândalos e purificar as almas, é fazer o que Ela pediu em Fátima [...] não queiramos que Ela nos julgue indignos de receber a sua visita [...] A meiga luz desta Estrela nos guiará, e chegaremos seguros a porto de salvamento”³⁸⁰.

³⁷⁸ Cf. Idem, *ibidem*, p. 67.

³⁷⁹ Cf. *A Defesa*, Évora, Ano XXIV, N.º 1244, (11. janeiro.1947), p. 2.

³⁸⁰ Cf. Idem, *ibidem*, p. 2.

O carinho do povo alentejano por Nossa Senhora de Fátima era antigo uma vez que D. Manuel Mendes, desde 1930, instituíra na diocese a participação dos seus arquidiocesanos nas peregrinações aniversárias de 13 de maio. Diante desta Imagem, multidões de crentes elevavam orações puras e preces fervorosas, rezavam confiantes sobre as suas preocupações, ajoelhavam-se, libertavam o seu sofrimento e se convertiam, assumindo-se como a Medianeira entre o Filho de Deus e os homens³⁸¹.

Com efeito, uma devoção que há muito entrara no coração de boa parte das populações alentejanas, razão pela qual a notícia fora tão bem acolhida na Arquidiocese.

2.5.2. Preparação da Visita

Em ordem à preparação da visita da Imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima, D. Manuel Mendes apelou à organização de manifestações exteriores, embora com a condição de serem fruto do ardor do coração. Entenda-se, as almas alentejanas deviam estar imbuídas dos sentimentos que a Senhora imprimiu nas almas dos três pastorinhos. O primeiro passo seria a aceitação de Nossa Senhora como Mãe uma vez que faz bem às pessoas que a acolhem, seguindo-se, num segundo momento: a preparação dos caminhos da Senhora, para que a sua passagem trouxesse grandes benefícios para os crentes³⁸². Contudo, numa polarização dos sentimentos, advertia o Prelado eborense, ser deplorável se:

“A Virgem tivesse de chorar sobre a Diocese de Évora [...] por não saber e não querer aproveitar a graça da sua visita [...] a Virgem [...] sorrirá com maternal complacência, se vir que [...] querem ser verdadeiramente cristãos, têm as suas famílias cristãmente constituídas, respeitam a santidade do matrimónio, levam vida honesta, amam o seu próximo, guardam o domingo e honram verdadeiramente o seu Deus [...]”³⁸³.

³⁸¹ Cf. *Antologia de Pensamentos do Servo de Deus D. Manuel da Conceição Santos, De 1899, ano da sua ordenação, até 1955, ano da sua morte*, Évora: Gráfica Eborense, 1977, p. 50.

³⁸² Cf. *A Defesa*, Évora, Ano XXV, N.º 1280, (20. setembro.1947), pp. 2-3.

³⁸³ Cf. *A Defesa*, Évora, Ano XXV, N.º 1280, (20. setembro.1947), pp. 1-2.

Deste modo, recomendava uma profunda preparação interior com vista a uma vivência de cada cristão, segundo o Evangelho e a doutrina da Igreja. Aconselhava a necessidade de todos se abrirem à esperança e a propósitos salutareis pois os frutos da passagem da Imagem dependeriam da preparação interior de cada um.

Nesse sentido, o prelado eborense, dando uma vez mais o exemplo, acompanhou pessoalmente as atividades de preparação espiritual procurando prover as necessidades das paróquias mais carenciadas no que respeitava, principalmente, à falta de pregadores, catequistas e quantias monetárias para os mesmos fins; tomando conhecimento e analisando posteriormente, através de relatórios pedidos aos párocos, como decorreria a visita. Estes constavam, por exemplo, dos seguintes pontos: nome dos pregadores, o tempo durante o qual pregaram e os frutos prováveis da pregação; número de batismos e casamentos realizados; descrição das cerimónias realizadas; se fora feita a consagração de todos os concelhos e se as freguesias tomaram parte nesse ato e, por último, o orçamento das despesas e como fora obtida a verba necessária³⁸⁴.

Um dos aspectos que mais o preocupava dizia respeito à pregação, a propósito da qual redigiu um texto com instruções sobre o modo de proceder. Do texto, devemos destacar a referência a uma pregação simples e apostólica, cujo objetivo seria a conversão, porque, dada a crassa ignorância religiosa de muitos, tornava-se necessário expor uma pregação como se se falasse para crianças³⁸⁵. Recomendava, ainda, aos padres missionários, que não se afastassem das dependências da igreja para, desse modo, estarem ao alcance do povo. Por outro lado, nas paróquias que sem pároco ou nas quais este não pudesse assistir devidamente os fiéis, que os missionários, depois da devida preparação, administrassem o batismo, não esquecendo de proceder ao registo do mesmo. Por fim, no respeitante ao matrimónio, pedia esforços no

³⁸⁴ As indicações encontram-se numa *Circular*, assinada pelo então cônego Francisco Maria da Silva, pertencente à comissão diocesana responsável pela Peregrinação. Cf. *Arquivo da Casa Arquiepiscopal*, Largo Dr. Alves Branco, l. Ap. 16, 7002-501, Évora.

³⁸⁵ Refere-se que para esse efeito ajudariam as catequistas que, indo pelas casas convidando à participação na pregação, catequizariam as crianças e os adultos.

concernente à legalização das uniões ilícitas, com indicações várias respeitantes à prática desse sacramento³⁸⁶.

Do igual modo foram redigidas instruções para os catequistas com os seguintes objetivos: aperfeiçoamento do anúncio da mensagem de Fátima (penitência, oração e modéstia); insistência junto dos pais para batizarem os filhos; promoção do sacramento do matrimónio; auxílio aos professores na preparação das crianças para os sacramentos e diversas celebrações; convite às populações para ornamentarem festivamente as suas localidades; formação das consciências para a confissão e comunhão, como melhor forma de receber a Imagem; estímulo ao dever de participar na eucaristia; explicação e convite à participação em todos os momentos da visita e ensino da recitação do terço³⁸⁷.

As próprias paróquias, a par das orientações emanadas pelo Prelado, fizeram anunciar devidamente o programa em simultâneo com uma cuidada preparação para a receção da imagem. A título de exemplo, a Paróquia de Reguengos de Monsaraz elaborou um folheto³⁸⁸ com algumas advertências, onde salientava não só a necessidade de uma preparação exterior festiva (velas, flores, verdura, colchas, cânticos) mas, sobretudo, de uma preparação interior, com incentivo da prática do casamento, batismo, confissão, eucaristia, comunhão e da oração diária do terço³⁸⁹.

Na verdade, a visita da Imagem, como foi possível observar, revestiu-se de carácter festivo por toda a Arquidiocese. Porém, além do sinal festivo, de notar a importância que o evento mereceu a nível local, e a propósito do qual será de assinalar, por exemplo, o pedido dirigido ao diretor escolar do distrito de Portalegre, solicitando que fosse declarado feriado

³⁸⁶ As indicações encontram-se numa *Circular*, assinada pelo então cónego Francisco Maria da Silva, pertencente à comissão diocesana responsável pela Peregrinação. Cf. *Arquivo da Casa Arquiepiscopal*, Largo Dr. Alves Branco, 1. Ap. 16, 7002-501, Évora.

³⁸⁷ Cf. *Arquivo da Casa Arquiepiscopal*, Largo Dr. Alves Branco, 1. Ap. 16, 7002-501, Évora.

³⁸⁸ Na primeira tiragem do folheto foram impressos 10.000 exemplares. Porém, não sendo suficientes, foi realizada uma segunda impressão de 10.000. De salientar não só o número (20.000) de folhetos impressos, mas também a boa propaganda levada a cabo junto da população, alertando-a para a importância do acontecimento que se realizaria nos dias seguintes.

³⁸⁹ Cf. *Arquivo da Casa Arquiepiscopal*, Largo Dr. Alves Branco, 1. Ap. 16, 7002-501, Évora.

concelho para os alunos e professores das escolas do concelho de Elvas, nos dias em que a Imagem se encontrasse nesse território. Aliás, essa relevância também se fez notar a nível económico, se atendermos aos valores despendidos com a receção à Imagem peregrina em Elvas, que perfizeram um total de 30.273\$40.

Com efeito, para uma melhor compreensão dos montantes envolvidos com a Visita veja-se, adiante, a tabela 1 Dado que da soma das despesas resultou um total de 30.273\$40 e os donativos recebidos apenas totalizaram a quantia de 22.293\$40, verificou-se um *deficit* de 7.980\$00, que foi suportado pela “Comissão de Resistência”, composta por 19 pessoas, que tomaram, antecipadamente, a responsabilidade de um possível saldo negativo na contabilidade final da visita.

Tabela 1 - Quadro com a relação das despesas com a Visita da Imagem

Comissão Designação da despesa	Valor da despesa
Comissão de Ornamentação	10.198\$35
Comissão de Propaganda e apostolado	2.852\$70
Comissão de compras e vendas	2.035\$90
Comissão dos Anjos	1.231\$05
Comissão das Flores	645\$30
Comissão dos Doentes	123\$50
Comissão dos Andores	28\$00
Despesas nas igrejas paroquiais	1.726\$00
Foguetes	263\$00
Banda de Música	1.500\$00
Gastos diversos	2.042\$50
Medalha de Ouro (oferta ao Prelado)	4.050\$00
Compra do andor; aluguer do autocarro; serviço de Polícia, entre outros	3.000\$00
DESPESAS	30.273\$40
DONATIVOS	22.293\$40
Valor em dívida	- 7.980\$00

Em suma, podemos afirmar que a visita da Imagem peregrina constituiu um grande momento de sensibilização, congregação e expressão religiosa das populações locais, refletindo-se, sob o ponto de vista pastoral, em diversos aspetos, com particular ênfase na evangelização dos fiéis para que, através de Maria, pudessem alcançar a Cristo, e na apresentação dos conteúdos da fé cristã aos fiéis. Nessa prática evangelizadora verificamos a presença das dimensões devocional, teológica e sacramental, embora com maior visibilidade para a devocional e sacramental (a bênção dos doentes, o rosário, a procissão das velas, a prática dos sacramentos da reconciliação, da eucaristia, do batismo e do matrimónio).

2.5.3. Entrada na Arquidiocese

A entrada da Imagem na arquidiocese de Évora aconteceu pelas 16 horas do dia 14 de outubro de 1947, na freguesia da Raposa, limite do concelho de Coruche, acompanhada de um imponente cortejo de automóveis, liderado pelo bispo de Vatarba, D. João da Silva Campos Neves, que entregou a Imagem ao Prelado eborense. Na receção estiveram presentes, entre outras figuras que importa não esquecer, o Reitor do Seminário Maior de Évora, o então cónego Francisco Maria da Silva, o vigário geral, cónego Virgílio Pita Domingues, o antigo pároco de Coruche, Padre Joaquim da Costa, e o vice-reitor do Seminário Menor.

A receção e o subsequente cortejo que conduziu a Imagem para a vila de Coruche, decorreu num cenário de grande devoção e festa. Em Santo António, por exemplo, aguardavam a Imagem cerca de 20.000 pessoas que, acompanhada de música e foguetes, a conduziram processionalmente até à Vila. Era já noite quando chegou ao alto do Castelo na ermida de Nossa Senhora do Castelo, onde ficou exposta à veneração até às 22h, quando teve início uma procissão das velas que, percorrendo toda a vila, durou cerca de 4 horas. A devoção das almas não desvaneceu com o adiantado da hora nem com o frio da noite, permanecendo milhares de pessoas em adoração ao Santíssimo Sacramento até às 6 horas:

“Nunca houve em Coruche duma maneira tão clara a necessidade urgente duma igreja grande [...] para comportar esta multidão, que depois de longa caminhada permaneceu ainda de pé firme para assistir à velada de adoração ao Santíssimo Sacramento”³⁹⁰.

Devido à grande presença de fiéis, a eucaristia programada para as 6 horas teve que ser celebrada na Praça do Comércio, onde comungaram mais de 1.000 pessoas. Da Eucaristia, presidida por D. Manuel Mendes, destacam-se dois momentos altos: o da elevação (em que os clarins tocaram a marcha da continência e, em simultâneo, foram soltos 1.000 pombos correios) e o momento em que, depois da coroação de uma Imagem de Nossa Senhora de Fátima pelo Prelado eborense, o presidente da Câmara Municipal de Coruche, Alberto Fernandes Barreiros, consagrou todo o concelho ao Imaculado Coração de Maria. Este ato sublinhava, na prática, a estreita relação e colaboração existente entre boa parte das autoridades civis e políticas da época e a Igreja católica.

À consagração do concelho, seguiu-se, cerca das 11 horas, o momento do adeus à Senhora, que iniciou a sua digressão pela imensidão do território arquidiocesano. Neste contexto, será ainda importante destacar a majestosa procissão, que conduziu a Senhora até ao Monte da Barca³⁹¹e, em certa medida, graças ao terno, caloroso e festivo acolhimento de que fora alvo, sublinhar a convicção então expressa de que se:

“Acabou a lenda da frieza e da irreligiosidade do Alentejo [...] a sua fé parecia morta, quando apenas dormia. Mas a Senhora tocou-lhe no coração e segredou-lhe: Segue-me. E o povo segue a Senhora com uma fé inabalável e um amor entranhado”³⁹².

2.5.4. Itinerário e visita da Imagem a algumas localidades

A visita da Imagem peregrina a todas as localidades da arquidiocese de Évora foi um desígnio, que D. Manuel Mendes da Conceição Santos viu realizado. Uma análise detalhada dessa visita seria pertinente e possível de fazer a partir das fontes existentes, resultantes

³⁹⁰ Cf. *A Defesa* (Suplemento), Évora, Ano XXV, N.º 1284, (23. outubro.1947), p. 4.

³⁹¹ Cf. *A Defesa*, Évora, Ano XXV, N.º 1284, (18. outubro.1947), pp. 1-4.

³⁹² Cf. *Idem, ibidem*, pp. 1-4.

nomeadamente da cobertura jornalística que o acontecimento mereceu – sobretudo no semanário diocesano *A Defesa* e demais imprensa regional alentejana da época -, mas também a partir dos diferentes arquivos locais que o evento produziu e que, *grosso modo*, se encontram no respetivo Arquivo Paroquial, permitindo conhecer as diferentes especificidades locais da visita³⁹³. Contudo, razões de tempo e de espaço, não nos permitem desenvolver esse tipo de análise no âmbito de uma dissertação de mestrado pelo que, considerando a sua representatividade e singularidade, abordaremos, sucintamente, as localidades de Couço, Escoural e Évora.

Tabela 2 – Quadro com o itinerário da Imagem peregrina pelas localidades da arquidiocese de Évora

Localidade	outubro	novembro	dezembro
Coruche	14-15		
Mora	15-16		
Ponte de Sor	16-17		
Avis	17-18		
Fronteira	18-19		
Sousel	19-20		
Estremoz	20-21		
Monforte	21-22		
Arronches	22-23		
Elvas	23-25		
Badajoz – Campo Maior	27-28		
Borba	28-29		
Vila Viçosa	29-30		
Alandroal	30-31		
Mourão	31	1	
Reguengos de Monsaraz		1-2	
Viana do Alentejo		2-3	
Torrão		3-4	
Évora		4-5	12-13
Redondo		6-7	

³⁹³ Cf. Apêndice Fotográfico – Figs.20 a 25.

Arraiolos	7-8
Montemor-o-Novo	8-9
Vendas Novas	9-10
Alcácer de Sal	10-11*
Portel	10-11

* Entre 11 de novembro e 10 de dezembro a Imagem esteve em visita à diocese de Beja.

2.5.4.1. Couço

Vinda de Coruche, a Imagem visitou, seguidamente, a freguesia de Couço, onde foi recebida pelas autoridades locais, pelas crianças da escola de Couço e de Santa Justa e por muito povo que se quis associar à receção. As ruas e as casas estavam enfeitadas de modo festivo, o comércio encerrou, tendo-se realizado, nessa mesma noite, uma procissão. Contudo, na eucaristia comungaram apenas cerca de 80 fiéis.

O jornal *A Defesa* relata a receção da Imagem como tendo sido entusiasmante³⁹⁴. Contudo, o Arcebispo afirmaria, mais tarde, aquando da visita a Monforte, que Nossa Senhora tinha até esse momento recebido grandes e comovedoras homenagens que não se podiam descrever, mas com menor intensidade no Couço:

“[...] Sente-se bem a palpitar a alma do povo que exulta por ter Nossa Senhora de Fátima na sua terra. Até agora só o Couço foi frio; noutras povoações que, como as Galveias e Casa Branca, têm fama de rebeldes, o entusiasmo e o brilhantismo das manifestações excedeu tudo o que se podia esperar”³⁹⁵.

Na verdade, a Imagem foi recebida com a devida pompa e circunstância, embora o Arcebispo tivesse falado de frieza. O motivo, estamos em crer, poderá estar relacionado com a situação de descristianização existente nesta localidade³⁹⁶, pois 70% da população não era

³⁹⁴ Cf. Idem, *ibidem*, p. 4

³⁹⁵ SILVA, D. Francisco Maria da, *Coragem e Confiança (Pensamentos de Orientação Espiritual)*, Edição do Centro de Estudos D. Manuel Mendes da Conceição Santos, Braga: Oficina Pax, 1962, p. 62.

³⁹⁶ Em reunião do Apostolado de Oração da referida paróquia, datada de 9 de novembro de 1947, encontramos a seguinte afirmação do Padre José Elvas Manteigas Póvoa, pároco de Couço e seu diretor espiritual:

“O Director [...] falou também da passagem de Nossa Senhora de Fátima por esta terra tão descristianizada” (Cf. Arquivo Paroquial de Couço - Livro de Atas do Apostolado da Oração de Couço).

batizada³⁹⁷. Contudo, a fama do Couço como “terra descristianizada” vem de longe, como podemos constatar num documento datado de 1595, quando *não se desobrigaram, na igreja de Santo António do Couso, termo da vila de Coruche, quatro pessoas*³⁹⁸, o que é muito, se considerarmos que no conjunto da Arquidiocese, ainda mais vasta do que hoje, ficaram por desobrigar-se apenas cerca de 50 almas.

A partir de 1910, a situação agudizou-se, com a implantação da República e a vinda para o Couço um professor primário, que ficaria célebre pela sua luta aberta contra a Igreja. Desde então, as sementes que deixou no terreno, germinaram, resultando numa forte descristianização da povoação, que outras forças sociais e políticas souberam, mais tarde, aproveitar de forma muito perspicaz.

Em 1946, o P. José Elvas Manteigas Póvoa foi nomeado pároco do Couço. Logo após a sua chegada, no mês de outubro, em reunião da Comissão Fabriqueira da Paróquia, lançou a ideia da construção de uma nova Igreja paroquial, que pudesse substituir a velhinha Igreja de Santo António. Entre outras razões que levaram à construção desta nova igreja, o pároco, afirmava que:

“A actual Igreja existente na aldeia, por insuficiência de capacidade, não oferece condições para comportar um número relativamente elevado de fiéis, que vindos de aldeias e casais vizinhos, se dirigem por vezes a esta freguesia para a prática do culto católico”³⁹⁹.

O projecto que viria a concretizar-se em 1948, com a dedicação do novo templo a realizar-se no dia 1 de março, por D. Manuel Mendes. Não obstante a passagem da Imagem ter acontecido no ano anterior, os paroquianos quiseram perpetuar a Sua passagem, colocando

³⁹⁷ Cf. ARNAUT, Augusto D.; MARQUES, Gabriel F., *Fátima Altar do Mundo*, Porto: Ocidental Editora, 1955. Vol. III, p. 78. Contudo, importa notar que a passagem da Imagem e a preparação aí realizada produziram alguns furtos imediatos, nomeadamente o significativo aumento do número de batismos (102) realizados em 1948 (Cf. Paróquia de Santo António do Couço *Livro de Baptismos de 1948*).

³⁹⁸ Em 1595 não se desobrigaram «na igreja de Santo António do Couso, termo da vila de Coruche», Simão, criado de Rodrigo Anes; Ana Fernandes, da casa do Vidal; António, criado do mesmo; Nicolau de André Pires (Biblioteca Pública de Évora, *Cod. CIX/ 2-7*, n. 53)

³⁹⁹ A ata da Comissão Fabriqueira Paroquial data de 16 de abril de 1946.

no edifício da nova igreja, à entrada, do lado esquerdo, uma lápide de mármore, com a seguinte inscrição:

“Homenagem do povo do Couço a Nossa Senhora do Rosário da Fátima que o visitou a 15 de outubro de 1947 na sua venerável Imagem da Cova da Iria. Ad Perpetuam Rei Memoriam. A fábrica da igreja”.

Com feito, poderá, a passagem da Imagem de Nossa Senhora, ter influenciado alguma mudança na fé dos coucenses? Estamos em crer que não. As coisas da fé são lentas e misteriosas. A imagem de Nossa Senhora arrastou multidões e terá feito bem às pessoas. Mas até mudá-las nos seus comportamentos vai uma grande diferença. Entenda-se, referimo-nos ao grande número, não excluindo a existência de casos isolados de "conversão" ou pelo menos de mudança de comportamento.

2.5.4.2. Escoural

O Escoural, um pouco à semelhança da freguesia do Couço, foi uma terra onde os ideais laicos republicanos se fizeram sentir de forma muito significativa, a ponto de a Igreja paroquial ser inundada e transformada em edifício escolar onde, em 1947, ainda funcionavam as escolas⁴⁰⁰.

A população, embora sem culto religioso, pelos motivos anteriormente referidos, ao saber da visita da Imagem, solicitou ao Arcebispo que esta passasse pela sua terra⁴⁰¹. Não obstante a surpresa do prelado, o pedido foi prontamente aceite por D. Manuel Mendes. Assim, prepararam-se, através de pregações, às quais todos acorreram para ouvir o missionário, que durante alguns dias os preparou para tão importante visita. O salão do cinema, transformado em igreja por ocasião da visita da Imagem, foi pequeno para tantos que

⁴⁰⁰ Cf. *A Defesa*, Évora, Ano XXV, N.º 1288, (15. novembro.1947), p. 2.

⁴⁰¹ O pedido comprova que até as pessoas aparentemente hostis à religião se deslocaram à Igreja nesses dias. A título de exemplo, refira-se o telegrama recebido por D. Manuel Mendes de um homem conhecido por “*mata-frades*”, residente do Escoural, comunicando que se associava à comissão que pedira para Imagem ir à freguesia (Cf. *A Voz do Domingo*, Leiria, Ano XV, N.º 765, (30. novembro.1947), p. 2).

ali acorreram. Em resultado, realizaram-se, segundo o jornal *A Defesa*, algumas centenas de batismos e casamentos⁴⁰².

Segundo um artigo assinado por Teixeira Porto, publicado no jornal *A Defesa*⁴⁰³, o padre missionário enviado para o Escoural fora alertado de que os escouralenses eram um povo incapaz de receber a graça de Deus podendo, inclusivamente, vir a ser “atacado” pelos homens. A partir deste artigo é possível constatar a fama das gentes do Escoural, embora não tenha passado disso mesmo uma vez que não se verificou nenhum incidente.

Com efeito, concluída a missão, retirou-se, saudoso e encantado com o carinho daquele povo, chegando a afirmar que seria, de boa vontade, o primeiro a ser pároco na velha igreja seiscentista depois de reconstruída, caso o Prelado assim o entendesse. Muito surpreendeu a transformação inesperadamente realizada⁴⁰⁴, pois, na verdade, o Escoural havia sido uma terra impenetrável à religião⁴⁰⁵.

Depois do tempo de preparação, no dia 9 de novembro, a Imagem foi recebida no limite da freguesia pelo padre Luís Silveira, pelo Regedor, pelo presidente da Junta, pelos médicos da povoação e demais entidades oficiais. De seguida, conduziram a Imagem até ao largo da antiga igreja, onde levantaram um trono para a colocarem.

Na vila, o povo reuniu-se para a aclamar, desfazendo, desse modo, a ideia que tinha sido criada de que, no Escoural, a religião havia desaparecido. Não houve casa que não tivesse ornamentações festivas. Por outras palavras, o povo do Escoural quis demonstrar que essa era uma nova geração, com novos princípios e novas vontades, com vontade de reconduzir a freguesia à vida cristã⁴⁰⁶.

⁴⁰² Cf. *A Defesa*, Ano XXV, N.º. 1295 (03. janeiro.1948), p. 1.

⁴⁰³ Idem, *ibidem*, p. 1.

⁴⁰⁴ Idem, *ibidem*, p. 1.

⁴⁰⁵ Cf. ARNAUT, Augusto D.; MARQUES, Gabriel F., *Fátima Altar do Mundo*. Porto: Ocidental Editora, 1955. Vol. III, p. 84.

⁴⁰⁶ Cf. Apêndice Fotográfico – Fig. 29 e 30.

O presidente da Junta, Luís Capoulas, ao consagrar a freguesia ao Imaculado Coração de Maria, declarou que este povo reconhecia os erros do passado e afirmou estar disposto a colaborar no objetivo de se restabelecer a presença da Igreja católica na freguesia. Em sinal de confirmação das palavras dirigidas, todos os presentes terão gritado que *queriam de novo a Igreja e um padre* para orientar espiritualmente os fiéis.

Nesta mesma linha, outro momento singular foi aquele em que um pastorinho ofereceu, em nome dos trabalhadores rurais, um cordão de ouro a Nossa Senhora. A “beleza” deste gesto foi de tal ordem, que o Arcebispo afirmou ser a prenda que mais sensibilizou a Maria, porque era fruto do suor de muitos trabalhadores, almas simples e generosas que acordavam para Deus através deste gesto extraordinariamente belo e significativo. Além deste, de referir uma criança vestida de anjinho, que em nome das mulheres do Escoural, ofereceu um terço em prata e “madrepérola”. Na verdade, todos ofereceram um pouco de si, fruto do seu esforço, trabalho, fadiga, da sua simplicidade, generosidade, afeto e devoção a Nossa Senhora, oportunidade para melhor conhecerem a mensagem de seu Filho.

Depois destes momentos, o Arcebispo prometeu restituir-lhes a sua antiga igreja e enviar-lhes um pároco, logo que as circunstâncias o permitissem. Finda a visita, a imagem partiu, às 17 horas para Lavre. Mas na alma daquele povo ficou a esperança alegre de melhores dias para a vida cristã da sua terra⁴⁰⁷.

Em suma, pouco parece ter-se alterado depois da visita da Imagem. Contudo, apesar de pouco, algo mudou: uma terra sem culto, em que a Igreja fora transformada em edifício escolar, pede agora a sua restauração, assumindo esta posição o principal representante, a principal voz, o presidente da Junta de Freguesia. Sabemos, porém, que depois desta data, apesar da vontade manifestada pelos cristãos escouralenses, o edifício da Igreja não foi prontamente reconstituído, uma vez que durante as décadas seguintes continuava a ser

⁴⁰⁷ Cf. *A Defesa*, Évora, Ano XXV, N.º 1288, (15. novembro.1947), p. 2.

utilizado como edifício escolar, com o culto a celebrar-se apenas numa divisão deste edifício⁴⁰⁸.

2.5.4.3. Évora

A visita da Imagem de Nossa Senhora de Fátima a Évora decorreu entre os dias 2 a 6 de novembro e 12 e 13 de dezembro de 1947⁴⁰⁹.

A receção foi preparada na Catedral, com uma missão pregada diariamente durante duas semanas, sempre às 20:30 horas, pelos padres capuchinhos Generoso de Barcanilla e Mateus do Souto⁴¹⁰. Neste âmbito, deve destacar-se a participação de grande número de fiéis⁴¹¹, procurando preparar-se religiosa e espiritualmente para a devida receção⁴¹².

No dia 2 de novembro, às 18 horas, vinda de Reguengos de Monsaraz⁴¹³, a Imagem foi recebida no Rocio de S. Brás e conduzida até à Catedral, onde se fez adoração eucarística⁴¹⁴. A maior novidade desse dia foi, segundo o Pe. Carlos Azevedo, a comparência de homens que tão pouco costumavam aparecer nessas manifestações e as muitas confissões e comunhões por parte dos mesmos.

No dia seguinte, tiveram lugar as cerimónias religiosas na Sé e, no dia 4, a procissão das velas, às 21 horas, que, percorrendo as principais ruas das quatro freguesias da cidade, regressou à Sé seguindo-se a adoração noturna, como em todas as noites. No dia 5, houve apenas cerimónias na Sé e, no último dia deste primeiro período da visita, dia 6, além da

⁴⁰⁸ Elementos recolhidos junto de D. José Francisco Sanches Alves, actual Arcebispo de Évora e antigo pároco de Escoural.

⁴⁰⁹ Cf. *Notícias d'Évora*, Évora, Ano 48º, N.º 14.117 (22. outubro.1947), p.1.

⁴¹⁰ Cf. *A Defesa* (Suplemento), Évora, Ano XXV, N.º1284, (18. outubro.1947), p. 3.

⁴¹¹ Cf. *Notícias d'Évora*, Évora, Ano 48º, N.º 14.117 (22. outubro.1947), p. 1.

⁴¹² O Pe. Carlos Azevedo, delegado do bispo de Leiria para acompanhar a Imagem [Cf. *Voz da Fatima*, Fátima, Ano XXVII, N.º 302, (13 de novembro 1947), p. 4], comunicou ao jornal *A Voz do Domingo* que nesses dias se confessaram 1500 pessoas (Cf. *A Voz do Domingo*, Leiria, Ano XV, N.º 765, (30. novembro.1947), p. 2).

⁴¹³ Cf. Apêndice Fotográfico – Fig. 26.

⁴¹⁴ Cf. *Notícias d'Évora*, Évora, Ano 48º, N.º 14.117 (22. outubro.1947), p. 1.

(Cf. *A Voz do Domingo*, Leiria, Ano XV, N.º 765, (30. novembro.1947), p. 2.

celebração eucarística para os doentes⁴¹⁵, fez-se a consagração do concelho e a procissão do adeus, segundo o horário previsto⁴¹⁶.

Na preparação da chegada da Imagem, o jornal *Notícias d'Évora* noticiava um aviso a propósito da chegada e permanência da Imagem de Nossa Senhora, em Évora:

“Nos dias em que Nossa Senhora estiver em Évora todas as janelas devem estar engalanadas com colchas e verdura, como pelo Congresso Eucarístico, podendo ostentar dizeres em honra de Nossa Senhora ⁴¹⁷”

O Jornal *Novidades* descreve-nos, por exemplo, os movimentos prévios se viveram em aspeto festivo. Refere que foram centenas as crianças e pessoas adultas que, nesse dia e devidamente preparadas, comungaram, enquanto nas ruas, se verificava, desde cedo, uma movimentação fora do comum: chegavam peregrinos, alguns vindos de muito longe, de automóvel, de camioneta ou a pé. A cidade parecia rejuvenescida, tal era a sua ornamentação:

“Colgaduras de seda, bandeiras, lanternas, flores e legendas, de tudo há nas frontarias dos prédios”⁴¹⁸.

Se atendermos à notícia que o envidado do jornal *Novidades* redigiu, torna-se visível a intensidade dos momentos vividos nesses dias:

“A presença, durante alguns dias, da Imagem de Nossa Senhora de Fátima nesta cidade provocou um extraordinário movimento de piedade. A veneranda Imagem esteve permanentemente rodeada de fiéis de todas as classes sociais⁴¹⁹”.

Para além de outras razões já apontadas acerca do relativo sucesso destes eventos religiosos, esta dimensão interclassista que a visita da Imagem peregrina permitiu, e aqui apontada pela imprensa da época, é um aspeto que merece ser registado.

⁴¹⁵ A Missa dos doentes foi marcada com a intenção de se realizar na Praça do Giraldo. Porém, se condições meteorológicas não o permitissem, a celebração seria transferida para a Catedral.

⁴¹⁶ Cf. *Notícias d'Évora*, Évora, Ano 48º, N.º. 14.115 (19. outubro.1947), p. 1.

Cf. Apêndice Fotográfico – Fig. 28.

⁴¹⁷ Cf. *Notícias d'Évora*, Évora, Ano 48º, N.º. 14.117 (22. outubro.1947), p.1.

⁴¹⁸ Cf. *Novidades*, Lisboa, Ano LXII, N.º. 16.863 (03. outubro.1947), p. 1.

⁴¹⁹ Cf. *Novidades*, Lisboa, Ano LXII, N.º. 16.897 (07. novembro.1947), p. 1.

2.5.5. Coroação e despedida da Imagem peregrina em Évora

Depois de ter visitado as dioceses de Beja e do Algarve, a Imagem de Nossa Senhora, regressou novamente à Arquidiocese, nomeadamente à cidade de Évora, nos dias 12 e 13 de dezembro⁴²⁰, para o “derradeiro adeus”⁴²¹. Foi também ocasião para a coroação da Imagem peregrina em Évora, realizada no dia x, à semelhança do que no ano anterior acontecera já em Fátima. O facto de tal ato acontecer no território da Imaculada Conceição de Vila Viçosa ligava e reforçava simbolicamente ambas as invocações e devoções marianas.

No primeiro dia na cidade de Évora, a Imagem foi recebida pelos estudantes da escola da Mitra. Para o efeito foi construído, no pátio principal, um altar de fardos de feno, ladeado por carros agrícolas, tendo por fundo um monograma de Nossa Senhora, formado por escadas e cabazes de flores campestres. Foi uma receção com grande aparato festivo, desde as ornamentações e foguetes ao coro constituído pelos 200 alunos da Escola e pelos 60 alunos do Colégio Nun’Alvares.

À receção da Imagem, seguiu-se uma alocução de D. Manuel Mendes, dirigida a todos presentes, na qual manifestou o seu “espanto”, admiração e agradecimento por tão maravilhoso acolhimento, convidando os jovens a vencerem as dificuldades da vida com a confiança na Virgem. Findos as cerimónias na Mitra, às 18 horas, partiram em direção a Évora, num cortejo composto por uma centena de automóveis.

Em Évora, a receção decorreu no Convento do Calvário, onde a Imagem permaneceu durante duas horas, em veneração, até à procissão das velas, às 21 horas. Nela se incorporaram todas as associações religiosas com os seus estandartes, os colégios católicos, os alunos de várias escolas e do liceu, os escuteiros, os seminaristas, o clero, o Cabido, o bispo

⁴²⁰ A Imagem de Nossa Senhora de Fátima veio a Évora propositadamente para participar nas celebrações do 71º aniversário natalício do Arcebispo, D. Manuel Mendes da Conceição Santos (Cf. *Notícias d’Évora*, Évora, Ano 48º, N.º. 14.162 (14. dezembro.1947), p.1.)

⁴²¹ Cf. *A Defesa*, Évora, Ano XXV, N.º 1288, (15. novembro.1947), p. 1.

de Beja⁴²² e o Prelado eborense. No final seguiam os Bombeiros, que fizeram a guarda de honra, a Banda de Música da Casa Pia e uma enorme multidão.

No momento da chegada à Catedral, o largo da Sé encontrava-se repleto de fiéis, acompanhados de uma revoada de lenços brancos. A este cenário, registe-se o chão coberto com as capas dos estudantes e uma chuva de crisântemos lançados da galilé. A Imagem foi colocada sob um riquíssimo dossel persa, do lado do Evangelho, ficando, do outro lado, uma Imagem de Nossa Senhora de Fátima, em tamanho natural, que seria coroada no dia seguinte.

A Sé encheu para uma oração vigilante. Depois de exposto o Santíssimo Sacramento, o Arcebispo pregou a Hora Santa, agradecendo os benefícios que Nossa Senhora trouxe com a sua aparição em Fátima. Foram celebradas várias eucaristias e terços rezados até às 10 horas, momento em que houve Missa solene pelas intenções do Prelado eborense⁴²³, presidida pelo cónego Mendeiros e acolitado pelos padres Luciano José Cutileiro e António José Esteves. O Arcebispo assistiu pontificalmente, ladeado pelo Vigário Geral e pelo Chantre.

Do lado da Epístola encontrava-se o bispo de Beja, ladeado pelos padres Joaquim Vicente da Costa⁴²⁴ e José Manuel da Silva⁴²⁵. No coro, além do clero, estavam trinta seminaristas do Seminário Menor com os seus superiores e o padre Jaime Gil, que representava a comunidade carmelita de Elvas. A parte coral foi desempenhada pelos seminaristas maiores, sob a regência do padre Alegria.

Durante as cerimónias que decorreram à tarde, estiveram presentes inúmeras autoridades civis e religiosas, entre elas o bispo de Beja, o Governador Civil e o Governador Civil de Badajoz, D. Demétrio Pérez⁴²⁶.

⁴²² D. José do Patrocínio Dias deslocou-se propositadamente a Évora, acompanhado pelo Deão, José Pires.

⁴²³ Neste dia celebrou o seu 71º aniversário natalício.

⁴²⁴ Vice-reitor do Seminário Menor de S. José.

⁴²⁵ Professor e prefeito do Seminário Maior.

⁴²⁶ Cf. *A Defesa*, Évora, Ano XXV, N.º 1293, (20. dezembro.1947), pp. 1-2.

Cf. Apêndice Fotográfico – Fig. 31.

D. Manuel Mendes da Conceição Santos, num momento de grande solenidade na Sé de Évora, no dia 13 de dezembro de 1947, abençoou a coroa de ouro, prata dourada e de 22 pérolas, símbolo dos 22 concelhos da Arquidiocese. Após o momento da coroação e depois de acesa a iluminação indireta da Basílica Metropolitana, como sinal de aclamação à Celeste Rainha, seguiu-se o «Te Deum»⁴²⁷. De notar, neste âmbito, que para além das autoridades civis distritais, militares e judiciais, marcaram presença os presidentes das 22 Câmaras Municipais da Arquidiocese⁴²⁸.

A seguir à bênção do Santíssimo Sacramento, organizou-se a procissão do adeus. Nela tomaram parte as associações católicas com os seus estandartes, os colégios, o clero, os Seminários, o Cabido, as autoridades portuguesas e espanholas, que pegaram nas varas do pátio, sob o qual seguia o Arcebispo e a Banda Musical da Casa Pia.

No momento em que a Imagem foi colocada na berlinda, e segundo os relatos da época, houve uma forte comoção, com lágrimas a escorrer pelos rostos e os braços agitados a acenar os lenços, ao som de cânticos saudosos⁴²⁹.

2.5.6. Ecos da Visita: a Mensagem de Ano Novo

No início de 1948, D. Manuel Mendes aproveitou a tradicional mensagem de ano novo para recordar como foi edificante a visita da Imagem peregrina de Fátima à Arquidiocese. Era Outono, estação fria e em que as árvores perdem a folhagem, mas os arquidiocesanos souberam manter o calor do coração através do canto e das orações. Lembra ter sido um grandioso espetáculo repetido diariamente, sem algum tipo de esmorecimento e com uma afluência muito constante. Valorizava o modo como todos os extratos sociais se juntaram e fraternizaram em convívio como irmãos⁴³⁰:

⁴²⁷ Cf. *A Defesa*, Évora, Ano XXV, N.º 1293, (20. dezembro.1947), p. 2.

⁴²⁸ Cf. *Notícias d'Évora*, Évora, Ano 48º, N.º. 14.162 (14. dezembro.1947), p.1.

⁴²⁹ Cf. *A Defesa*, Évora, Ano XXV, N.º 1293, (20. dezembro.1947), p. 2.

⁴³⁰ Cf. *A Defesa*, Évora, Ano XXV, N.º. 1296 (10. janeiro.1948), p. 1.

D. Manuel, ainda que de modo muito geral, refere também os frutos da visita: “Quantos que haviam esquecido o caminho da Igreja ajoelharam diante dos altares e imploraram as misericórdias do Senhor, quantos se reconciliaram com Deus por meio de sentidas confissões, quantos sentiram reverdecer na alma a planta da fé qua havia murchado, quantos que não criam começaram a crer!”⁴³¹.

Sublinhava assim os sinais imediatos de um certo revigoreamento do sentimento e prática religiosa católicos, contrariando a imagem geral como os alentejanos eram vistos, como pessoas frias na fé, que abandonaram a Igreja e os seus costumes⁴³². Assim o corroborou o enviado especial do Jornal *Novidades*, ao afirmar que foi para o Alentejo com um terrível preconceito devido ao facto de tantas vezes ter ouvido dizer que o alentejano era frio, pouco vibrátil e pouco expansivo nas coisas da fé. Mas afinal – reconheceu ele – essa ideia de apatia, de frieza alentejana, de falta de vibração perante os temas religiosos era a menos verdadeira, ou seja, inteiramente falsa⁴³³:

“Évora soube acolher Maria nos seus caminhos, nas suas igrejas, nas suas câmaras municipais, nos seus hospitais e nos seus lares”⁴³⁴.

De facto, o Alentejo soube acolher e acompanhar a Imagem até ao Santuário, onde, além dos três bispos da Província Eclesiástica, se deslocaram muitos alentejanos e algarvios⁴³⁵.

2.6. Celebrações do Ano Mariano de 1954

Um dos biógrafos de D. Manuel Mendes, D. Francisco Maria da Silva, afirmou que a visita da Imagem de Fátima à Arquidiocese não satisfiz por completo os propósitos do

⁴³¹ Cf. *A Defesa*, Évora, Ano XXV, N.º 1296 (10. janeiro.1948), p. 1.

⁴³² A visita da Imagem sortiu o efeito desejado pois muitos daqueles que viviam alheados da fé se converteram (Cf. *A Voz do Domingo*, Leiria, Ano XV, N.º 760, (26. outubro.1947), p. 3).

⁴³³ Cf. *Novidades*, Lisboa, Ano LXII, N.º 16.933 (14. dezembro.1947), p. 1.

⁴³⁴ Cf. *Novidades*, Lisboa, Ano LXII, N.º 16.931 (12. dezembro.1947), p. 5.

⁴³⁵ Cf. *A Voz do Domingo*, Leiria, Ano XV, N.º 772, (18. janeiro,1948), p. 2; “*Stella*”, Fátima, N.º 134, (fevereiro. 1948), p. 20.

Cf. Apêndice fotográfico – Fig. 32.

Prelado eborense. De facto, a referida Imagem apenas percorrera as principais povoações, enquanto o desejo do Pastor eborense consistia em tê-la feito chegar também aos lugares mais recônditos da Arquidiocese⁴³⁶.

Anos mais tarde, a devoção mariana de D. Manuel Mendes, a par do desejo, não cumprido, de fazer chegar a Imagem de Nossa Senhora às povoações mais pequenas ou de difícil acesso, fê-lo adquirir para a Arquidiocese uma Imagem de Nossa Senhora com o coração visível⁴³⁷. Essa Imagem, benzida a seu pedido pelo bispo de Leiria, foi conduzida desde o Santuário de Fátima até ao solo arquidiocesano pelos fiéis que aí peregrinaram para esse fim, agradecendo as graças da visita de 1947⁴³⁸.

A peregrinação ocorreu no dia 13 de novembro de 1953⁴³⁹, iniciando a romagem da Imagem de Nossa Senhora pela Metrópole do Sul, em simultâneo com as comemorações do centenário da definição do dogma da Imaculada Conceição. Em carta dirigida ao seu presbitério, o Arcebispo caracterizava a organização da romagem e sua preparação, insistindo na ideia de que seria uma “espécie de missão pregada por Nossa Senhora”:

“[...] Não é como quando da visita da imagem venerada no Santuário de Fátima, [...] uma passagem rápida, que deslumbra e logo desaparece; desta vez será uma espécie de missão pregada por Nossa Senhora [...] far-se-á uma preparação intensa, pregação, catequese, visitas domiciliárias, e no meio destes trabalhos chegará a imagem, que se demorará o tempo necessário [...]”⁴⁴⁰.

⁴³⁶ Cf. SILVA, D. Francisco Maria da, *op. cit.*, p. 246.

⁴³⁷ A representação escultórica segue a descrição de como Nossa Senhora se manifestou aos pastorinhos, numa das aparições.

⁴³⁸ Cf. SILVA, D. Francisco Maria da, *op. cit.*, p. 246.

⁴³⁹ O jornal *Voz da Fátima* destacou que essa peregrinação arquidiocesana constituiu a nota característica da Peregrinação Mensal desse dia 13 de novembro ao Santuário, pois realizou-se com a finalidade de preparar a visita dum a Imagem Peregrina de Nossa Senhora à Arquidiocese. Entretanto, adianta que a referida Imagem, depois de benzida pelo bispo de Leiria seria entregue ao Arcebispo de Évora, para que pudesse percorrer as diferentes paróquias alentejanas (Cf. *Voz da Fátima*, Leiria, Ano XXXII, N.º. 375 (13. dezembro.1953), p. 1).

No dia 12 desse mês de novembro, D. Manuel Mendes, anotava na sua *Agenda Pessoal*:

“A Nossa Senhora, para se digne abençoar a peregrinação que vamos hoje fazer a Fátima, para lá ser benzida a imagem da Virgem peregrina que havemos de trazer connosco”.

⁴⁴⁰ Cf. SILVA, D. Francisco Maria da, *op. cit.*, p. 246.

A Imagem foi conduzida desde o Santuário de Fátima até Évora, onde foi recebida na Ermida de S. Brás seguindo, em procissão, até à Basílica Metropolitana⁴⁴¹. No discurso de receção, o Prelado instou os fiéis com propósitos salutareos, para que através destes fosse possível a reabilitação cristã, assim como o exercício da caridade, justiça e fraternidade cristãs:

“[...] introduza-se a moralidade nas famílias donde ela foi banida, acabe-se com os escândalos das mancebias e dos adultérios, [...] haja caridade para com os pobres a quem tantas vezes falta abrigo e pão, vítimas de uma organização ou desorganização social em que falta a compreensão dos deveres de justiça e da função da riqueza, acostumemo-nos a sentir que somos todos irmãos e que a ninguém pode ser indiferente o sentimento alheio, aprendamos de novo o caminho da Igreja [...]”⁴⁴².

A visita às diferentes paróquias da Arquidiocese, teve início nas paróquias da cidade de Évora, onde a Imagem chegou a todos os bairros e montes, mesmo os mais periféricos. Na mesma linha, o Prelado determinou a realização de um Lausperene diocesano durante o ano jubilar, o qual constituiu uma grande novidade pois havia igrejas onde há mais de um século não se efetuava essa prática⁴⁴³. Concomitantemente, no sentido de uma maior e melhor comemoração do ano mariano, através de orações e boas obras, o Arcebispo decidiu agendar a peregrinação diocesana ao Santuário de Nossa Senhora da Conceição⁴⁴⁴, para 23 de maio desse ano de 1954. Neste âmbito, numa longa *Instrução Pastoral*, datada de 28 de fevereiro, apelava novamente à melhor forma de vivenciar as referidas comemorações e as intenções pelas quais se deveria orar durante a peregrinação⁴⁴⁵.

A peregrinação, presidida pelo Núncio Apostólico, D. Fernando Cento, decorreu nos moldes das anteriores, tendo sido recebido no Salão Nobre dos Paços dos concelhos de Évora

⁴⁴¹ Cf. Idem, *ibidem* p. 247.

⁴⁴² Cf. Idem, *ibidem* p. 247.

⁴⁴³ Cf. Idem, *ibidem* p. 247.

⁴⁴⁴ Essa peregrinação foi anunciada na Mensagem do fim do ano de 1953 (Cf. *A Defesa*, Évora, Ano XXXI, Nº. 935 (8. janeiro.1954), p. 5).

⁴⁴⁵ Cf. *A Defesa*, Évora, Ano XXXII, Nº. 955 (19. março.1954), p. A-E.

e de Vila Viçosa⁴⁴⁶. Além das Entidades oficiais, estiveram presentes os estudantes católicos de Évora, a Mocidade Portuguesa do sul do país, os vários organismos católicos da arquidiocese, entre outros movimentos e individualidades civis e religiosas⁴⁴⁷.

Neste contexto jubilar, de referir a realização de outro importante momento celebrativo, que retomava a tradição: a coroação da Imagem Peregrina, a 5 de dezembro, na Praça do Giraldo. Um momento alto, vivenciado na semana que o antecedeu (28 novembro a 5 de dezembro) com pregações gerais e especializadas na Catedral, peregrinações e oferta de flores por parte das paróquias, Mocidade Portuguesa, Colégios e entre outros⁴⁴⁸.

As celebrações de dia 5 de dezembro de 1954 – onde participaram muito fiéis –, cujo ponto alto foi a coroação da Imagem Peregrina, constaram ainda de solene Pontifical, , solene *Te Deum*⁴⁴⁹, Consagração mariana do concelho e realização de um Sarau de arte, no ginásio do Liceu Nacional. A festividade teve início com a chegada da Imagem às escadarias do adro da igreja de Santo Antão, onde o Governador Civil do Distrito apresentou a coroa ao Arcebispo que, abençoando-a, a colocou na cabeça da Imagem, numa iniciativa carregada de forte simbolismo religioso, social e político, no reconhecimento da soberania divina, na valorização da identidade católica do país e na afirmação pública dos “direitos da Igreja” na sociedade. Um terno de clarins tocou a continência, fazendo-se, de seguida, silêncio. O carrilhão da igreja reproduziu o hino da Padroeira, ao qual a multidão respondeu com uma

⁴⁴⁶ Para maior imponência e dignidade na receção ao Nuncio Apostólico, a Câmara Municipal de Vila Viçosa, na pessoa do seu Presidente, Leopoldo Barreiro Portas, dirigiu, a 19 de maio, um convite a todos os civis para que participassem na sessão solene de cumprimentos de boas vindas, às 18:30h, do dia 22 de maio, no Salão Nobre dos Paços do Concelho. Um exemplar do referido convite pode-se consultar no *Arquivo da Régia Confraria de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa*. A este propósito cf. *A Defesa*, Évora, Ano XXXII, Nº. 970 (25. maio.1954), pp. 1 e 3-4.

⁴⁴⁷ Cf. *A Defesa*, Évora, Ano XXXII, Nº. 971 (28. maio.1954), p. 1 e 5.

⁴⁴⁸ Cf. SILVA, D. Francisco Maria da, *op. cit.*, p. 251.

⁴⁴⁹ O Presidente da Câmara Municipal de Évora, João Luís Vieira da Silva, ajoelhando-se diante da Imagem, leu a Consagração do concelho a Nossa Senhora, cumprindo-se a deliberação tomada em reunião camarária. Cf. SILVA, D. Francisco Maria da, *op. cit.*, p. 253; *A Defesa*, Évora, Ano XXXII, Nº. 1021 (10. dezembro.1954), p. 1.

grande salva de palmas. Por fim, os bombeiros tocaram as fanfarras e a sirene do seu carro, terminando com os tradicionais lenços brancos a agitaram-se⁴⁵⁰.

A coroa, preparada com objetos oferecidos pelos devotos eborenses⁴⁵¹, foi objeto das seguintes palavras de D. Manuel Mendes:

“[...] Humilde como é, essa coroa não deixa de ser preciosa pelos afetos que traduz, pelos anseios que esconde, pelas súplicas que eleva, pelas saudades que acorda [...]”⁴⁵².

O encerramento diocesano do Ano Mariano decorreu em Vila Viçosa, com a celebração de um Pontifical no Santuário da Padroeira, precisamente no dia dedicada à Imaculada Conceição, a 8 de dezembro, onde D. Manuel Mendes ordenou os últimos presbíteros.

Na habitual Mensagem de Ano Novo, o Prelado eborense, fez uma breve descrição de como foi vivido pela Arquidiocese o Ano Mariano. De destacar, a referência à romagem da Imagem peregrina, que continuava o seu percurso pela Arquidiocese, despertando “a luz e um rasto de graças”. Nas suas palavras, D. Manuel Mendes destacava:

“[...] Autoridades e povo, clero e leigos, gente de algo e gente humilde, todos à uma, numa comunhão de sentimentos como raras vezes se há visto, aclamaram, calorosa e sentidamente, a Rainha, que da sua encantadora Imagem parecia sorrir-lhes e estender-lhes a mão num gesto de bênção e de maternal carinho [...]”⁴⁵³.

Em suma, D. Manuel Mendes da Conceição Santos procurou alcançar, em todos os aspectos da sua acção pastoral, uma renovação religiosa da sociedade no seu todo. Para tal soube valer-se, como poucos, das devoções, festividades e comemorações marianas, para a partir daí delinear boa parte da sua estratégia pastoral e procurar a confiança na figura maternal e carinhosa de Maria. Soube incitar a grei a si confiada a mudar o rumo da sua vida, à conversão, à formação, à prática dos sacramentos e a deixar o comodismo em que vivia,

⁴⁵⁰ Cf. *A Defesa*, Évora, Ano XXXII, Nº. 1021 (10. dezembro.1954), p. 1 e 4.

⁴⁵¹ Todos esses objetos encontram-se discriminados em: *A Defesa*, Évora, Ano XXXII, Nº. 1020 (03. dezembro.1954), p. 13.

⁴⁵² Cf. *A Defesa*, Évora, Ano XXXII, Nº. 1021 (10. dezembro.1954), p. 4.

⁴⁵³ Cf. *A Defesa*, Évora, Ano XXXII, Nº. 1021 (10. dezembro.1954), p. 4.

contrapondo-lhe a necessidade de mobilização cristã. Neste sentido, as peregrinações transformaram-se não só em necessárias manifestações públicas de fé, mas também num significativo elemento para o rejuvenescimento religioso das populações alentejanas, por intermédio das importantes ações de preparação espiritual que as antecediam.

A “renovação” da Arquidiocese foi a finalidade de todo o seu episcopado. Com esse objetivo pensou e desenvolveu toda a sua ação pastoral, até que a morte o surpreendeu, no dia 30 de março de 1955, sem concretizar a deslocação que tinha planeada para esse mesmo dia à herdade das Sesmarias, onde se encontrava a Imagem Peregrina, e visitar as pessoas que ali viviam no campo, celebrar a eucaristia e administrar o sacramento da confirmação⁴⁵⁴.

⁴⁵⁴ Cf. GUIMARÃES, M – “D. Manuel Mendes da Conceição Santos: Enamorado da Virgem”, in *Alvoradas*, Ano XVII, janeiro – março, 1956, pp. 50-51.

CONCLUSÃO

A compreensão da situação religiosa da Arquidiocese de Évora e da ação do seu arcebispo, D. Manuel Mendes da Conceição Santos, careceu de uma abordagem que a contextualizasse, procurando as suas causas mais remotas por ordem a uma melhor compreensão do percurso pessoal e pastoral do Prelado. Ou seja, compreender o período histórico que nos propusemos estudar com vista a um entendimento das antigas e profundas razões que motivaram a descristianização do Alentejo.

Com efeito, ao analisarmos a situação religiosa do Alentejo desde meados do século XVIII, verificámos que todo esse vasto território careceu de evangelizadores durante um período superior a dois séculos. Uma carência que teve na sua origem a expulsão dos Jesuítas de todos os territórios portugueses, em 1759, aos quais estava confiada a cura de almas de uma parte bastante considerável do Alentejo, mas também, posteriormente, em 1834, com a extinção das Ordens Religiosas. Desse modo, dada a inexistência de clero secular, o Alentejo sofreu uma profunda descristianização, tornando-se uma área de difícil pastoreio. Acontecimentos que se vieram agravar com política laicizante da Iª República e pela aplicação da Lei de Separação do Estado e da Igreja, de 1911.

As distintas capacidades humanas e intelectuais de D. Manuel Mendes da Conceição Santos, evidenciadas aquando da frequência do Seminário Patriarcal de Santarém, levaram-no até Roma para aí completar a sua formação eclesiástica. Daí, a par de toda a bagagem teológica obtida com o curso, trouxe um conhecimento das línguas vivas europeias (além do Grego, Hebraico e Árabe) e amizades que estabelecera, as quais, mais tarde, lhe facilitaram a sua ação pastoral. Desde a sua atividade inicial, enquanto professor no Seminário de Santarém e Vice-Reitor do Seminário da Guarda, o seu campo de ação não se restringiu apenas à docência, alargando-se também ao campo social, à pregação e ao jornalismo. É nesse âmbito do seu apostolado que, na diocese da Guarda, devemos destacar a assistência eclesiástica das

«juventudes católicas», a promoção dos «congressos operários», as viagens por toda a Diocese, anunciando o Evangelho e lançando novas diretrizes pastorais. Nesse sentido, pregando intensa e fecundamente, fundou e acompanhou obras de piedade como o Apostolado da Oração, as Filhas de Maria ou o Agasalho dos Pobres. De igual modo, também se destacou no ensino e na cultura como co-fundador da «Empresa Veritas», do semanário *A Guarda* e enquanto colaborador dos *Estudos Sociais* e de outras revistas.

Na Diocese de Portalegre, a instrução religiosa foi a primeira necessidade que se impôs ao novo prelado. De facto, só depois da instrução religiosa (base fundamental), poderia prosseguir a sua ação ao nível das obras de piedade, caridade e ação social. Assim, desde o início do seu ministério até ao pastoreio da grei eborense, a sua preocupação e ação convergiram para a educação de massas e para a construção de uma sociedade renovada e recristianizada.

Na qualidade de Antístite eborense, munido de uma fé inabalável, de forma inteligente e com uma visão própria resultante da sua formação de base e da experiência anterior nas dioceses da Guarda e de Portalegre, soube desenvolver uma ação pastoral dinamizadora e de proximidade pessoal, cativando e levando o Evangelho aos seus fiéis, que se encontravam religiosamente débeis. Por conseguinte, a sua ação em Évora centrou-se no combate à descristianização para a qual definiu uma estratégia pastoral, orientada para um objetivo muito específico: a mobilização e renovação cristã dos fiéis. Essa estratégia, consubstanciada em diferentes modalidades de ação pastoral, assentou no recrutamento, valorização e formação do clero; no anúncio religioso centrado na Palavra e no incremento da prática religiosa, nomeadamente por via da catequese e da promoção das missões populares; na consolidação da presença eclesial em todo o território diocesano, apoiando a implantação ou criação de novas congregações religiosas na Arquidiocese; e, por último, valorizando as devoções católicas mais importantes e algumas ainda arreigadas na vida das populações, como a devoção mariana. Neste sentido, pode considerar-se que a promoção do culto mariano teve

grande influência na vida eclesial na Arquidiocese, ao dinamizar o culto de Nossa Senhora de Fátima e, simultaneamente, a recuperação e promoção do culto à Imaculada Conceição de Nossa Senhora, em Vila Viçosa, como devoção nacional.

A sua estratégia centrou-se, como referido, no recrutamento, valorização e formação do clero, visto que, aquando da sua chegada à Arquidiocese, parte dele se encontrava não só em situação canónica irregular, como era escasso em número e com pouca formação. Tornava-se urgente uma aposta forte nos seminários e na formação do clero, capacitando-o para as exigências do apostolado moderno. Nessa linha, dinamizou o acompanhamento dos seminários diocesanos, o “viveiro” da Arquidiocese, promovendo um fecundo aumento de vocações e, conseqüentemente, de sacerdotes que colaboraram em estreita união com o seu Bispo na luta contra a descristianização.

Por outro lado, apostou no anúncio da Palavra, sobretudo através da pregação, a par da dinamização da pastoral sacramental tendo em consideração a diminuta frequência dos Sacramentos. A valorização e promoção de algumas devoções, nomeadamente a devoção eucarística e mariana, seria um dos caminhos que maiores resultados obteria em trazer à Igreja aqueles que estavam mais distantes da prática católica. A procura de congregações religiosas, que muito colaboraram através da realização de missões populares, da catequese, do apoio fundamental prestado aos párocos e da realização de uma pastoral de proximidade, tão cara na atualidade, foi outro dos pilares da sua acção pastoral. A dinamização de manifestações públicas de fé e do apostolado laical, apelando à sua participação ativa em ordem a um posicionamento público e visível dos cristãos na sociedade foi uma das áreas de intervenção que mais ocuparam o seu episcopado, de que são exemplo as peregrinações diocesanas.

Com efeito, com a implementação destas dinâmicas alcançou-se uma maior mobilização e formação dos fiéis; incentivou-se uma valorização de iniciativas do apostolado laical (por exemplo, ao nível do Apostolado da Oração) e obteve-se a projeção da Igreja na ocupação do espaço público, nomeadamente através do desenvolvimento da imprensa católica

e com o incremento de procissões e peregrinações, na sua maioria de inspiração mariana. A sua particular ligação ao Santuário de Lourdes e aos acontecimentos de Fátima permitiu-lhe organizar o culto mariano na Arquidiocese, revalorizando o papel do Santuário de Vila Viçosa, mobilizando as populações e procurando tirar os católicos do seu comodismo, incentivando-os a peregrinar com o intuito último de aumentar a sua formação e revigorar a sua fé. Com essas iniciativas, D. Manuel Mendes da Conceição Santos conseguiu transformar o então vigente “catolicismo de situação” num “catolicismo de mobilização”.

A nível do seu papel enquanto bispo é de realçar o facto de D. Manuel Mendes da Conceição Santos ter sido um Prelado que lutou por uma conceção dinâmica do múnus episcopal, segundo a qual deve emanar do bispo uma força e poder que não o deixe desanimar perante as adversidades e o torne capaz de exercer uma pastoral próxima e formativa, quer junto do seu clero, quer dos seus fiéis. Em toda a sua ação pastoral, encontra-se bem vincado o espírito da época, no que concerne ao pensamento hierárquico da Igreja, embora seja visível uma certa evolução de pensamento e da linguagem utilizada, com a noção teológica de Corpo Místico de Cristo e a referência expressa aos leigos.

A ação pastoral de D. Manuel Mendes da Conceição Santos foi, podemos afirmá-lo, marcada por uma visão eclesiológica centrada na presença da Igreja na sociedade, que por diversas circunstâncias se vinha a descristianizar, procurando que os cristãos vivessem uma espiritualidade encarnada nas suas vidas. Nos diversos discursos proferidos, alertou para a necessidade de a Igreja estar presente na sociedade, incentivando à militância cristã e a uma mística de exaltação gloriosa do passado. Em síntese: relembrar o passado, construindo o presente e projetando o futuro.

Na concretização do plano inicial proposto e conseqüente resultado final desta dissertação, reconhecemos algumas dificuldades. A primeira diz respeito à falta de acesso a muita informação que se encontra no Arquivo pessoal de D. Manuel Mendes da Conceição

Santos, na Casa Geral das Irmãs Servas da Santa Igreja, devido ao processo de beatificação que se encontra em curso. Por outro lado, a dificuldade na escolha que teve de ser feita relativamente aos materiais a utilizar e à organização das diferentes temáticas.

No entanto, não obstante as dificuldades apontadas, esperamos que este estudo possa contribuir para um melhor conhecimento da figura de D. Manuel Mendes da Conceição Santos e da realidade religiosa da Arquidiocese durante o seu episcopado. Abre caminho para que outros se deixem cativar pela investigação histórica e possam aprofundar o conhecimento acerca do tema geral aqui abordado. Do ponto de vista pessoal, somos levados a reconhecer que a total entrega deste arcebispo à Arquidiocese de Évora se refletiu num assinalável rejuvenescimento espiritual desta, que se operou tanto a nível do presbitério, como dos leigos e que perdura na memória de muitos.

Em suma, pretendemos honrar a memória daqueles que doaram a sua vida em favor de uma Igreja que vive o Evangelho encarnado e de uma sociedade renovada, sentindo-nos estimulados a cultivar igual dedicação. Por isso, terminamos com as palavras com que D. Manuel encerrava todas as cartas de direcção espiritual: «Coragem e Confiança».

BIBLIOGRAFIA

I. Fontes

Manuscritas

Arquivo da Casa Arquiepiscopal, Largo Dr. Alves Branco, 1. Ap. 16, 7002-501, Évora.

Arquivo Casa Geral das Servas da Santa Igreja, Rua das Fontes, 68. 7000-589, Évora.

Agenda Pessoal, 1904 – 1955

Missões Populares

Impressas

Alvoradas, Revista do Seminário Maior de Évora, Órgão da Academia de S. António, 1933 – 1957.

Anuário da Arquidiocese de Évora. Évora: Edição dos Serviços da Pastoral, 2017.

Boletim Eborense, Ano IX, janeiro a março, 1925, n.º 1 a 3.

Cânticos para a Romagem de Nossa Senhora da Fátima ao Alentejo: outubro e novembro de 1947. Évora: Gráfica Eborense, 1947.

Congresso (II) Nacional Mariano em Évora; II Peregrinação Nacional A Vila Viçosa. Évora: Gráfica Eborense, 1946.

Correspondência entre o Carmelo de Lisieux e D. Manuel Mendes da Conceição Santos Arcebispo de Évora: Correspondência/Correspondance (1923-1954). (Coord. J. Pinharanda Gomes), Lisboa: Paulinas, 2000.

Decreto: sobre a actualização das paróquias da Arquidiocese de Évora, Évora: Gráfica Eborense, Dezembro, 1966.

Defesa (A), Évora, 1933 – 1955.

Documentos duma Vida Apostólica. Vol. I: *Seminário e Acção Pastoral (Aos Sacerdotes)*, Edição do Centro de Estudos de «D. Manuel Mendes da Conceição Santos», Évora: Gráfica Eborense, 1958.

Documentos duma Vida Apostólica. Vol. II: *O Escritor e o Apóstolo*, Edição do Centro de Estudos de «D. Manuel Mendes da Conceição Santos», Évora: Gráfica Eborense, 1959.

Documentos duma Vida Apostólica. Vol. III: *Arauto do Evangelho (Ordenação e prefácio de Francisco Maria da Silva)*, Edição do Centro de Estudos de «D. Manuel Mendes da Conceição Santos», Braga: Oficinas Gráficas «Pax», 1961.

GRAWLEY-BOEVEY, MATÉO – *Hora Santa: Doze Exercícios para a vigília da primeira sexta-feira e mais sete para diversas circunstâncias*. Trad. Pe. Alexandre dos Santos, O.F.M. Braga: Edição dos «Boletim Mensal», 1928.

Notícias d'Évora, Évora, 1933-1954.

Novidades, Lisboa, 1933-1954.

“Pastoral Coletiva do Episcopado sobre o Tricentenário da Padroeira”. In *Lumen*. Lisboa. Vol. X, Fasc. II (fevereiro de 1946) pp. 68-78.

Voz da Fátima, Leiria, 1928 – 1954.

Voz do Domingo (A), Leiria, 1947.

II. Estudos

ABREU, Adélio F. – “Contextualização da mundividência subjacente aos acontecimentos de Fátima”. In *Francisco Marto – Crescer para o dom* (coord. Arnaldo de Pinho / Vítor Coutinho), Fátima: Santuário de Fátima, 2010, pp. 59-103.

ALMEIDA, Lopes de – “A Devoção Portuguesa à Imaculada Conceição”. *Estudos, Órgão do C.A.D.C.*, nº 252 (1946) 499-518.

Antologia de Pensamentos do Servo de Deus D. Manuel da Conceição Santos: de 1899, ano da sua ordenação, até 1955, ano da sua morte. Évora: Gráfica Eborense, 1977.

ANTUNES, António – “Tricentenário da Padroeira de Portugal”, *Estudos, Órgão do C.A.D.C.*, nº 246 (1946) 177-180.

AZEVEDO, Carlos A. Moreira; CRISTINO, Luciano – *Enciclopédia de Fátima*. Cascais: Principia, 2008.

AZEVEDO, Carlos A. Moreira de – *Fátima – Das Visões dos Pastorinhos à Visão Cristã*. Lisboa: Esfera dos Livros, 2017.

- AZEVEDO, Carlos D. G. de – “*Nossa Senhora de Fátima, Peregrina do Mundo*”. In *Fátima Altar do Mundo*, Porto: Ocidental Editora, 1956, Vol. III, pp. 15-242.
- CHAVES, Luís – “O Culto Português da Virgem Maria”. *Rumo, Revista de Cultura Portuguesa*, Lisboa: Tipografia da Empresa Nacional de Publicidade, Ano I (julho - 1946) 241- 251.
- COELHO, Francisco Senra – *D. Augusto Eduardo Nunes: Professor de Coimbra – Arcebispo de Évora*. Lisboa: Paulus, 2010.
- COSTA, Fernandes da – “*Missionário da Planície: D. Manuel Mendes da Conceição Santos*”, in *Alvoradas*, Ano XVII, janeiro – março, 1956.
- COSTA, José Fernandes Ribeiro da; BARROS, Guilhermino António; ESTEVES, Júlio Luís – “*D. Manuel Mendes da Conceição Santos, Missionário da Planície*”. Separata da Revista «*Alvoradas*». Évora, pp.18-20.
- FALCÃO, José António – *Entre o Céu e a Terra: Arte Sacra da Diocese de Beja*. Beja: Departamento do Património Histórico e Artístico da Diocese de Beja, 2000, Tomo I, pp. 133-134.
- FIGUEIREDO, Filipe Marques de – “O Culto Mariano: a Piedade Popular na Arquidiocese de Évora”, in *Eborensia: Actas das Jornadas Mariológicas*, Ano IX, 1996, N.º 17-18.
- FONTES, Paulo F. de Oliveira – “O Catolicismo português do século XX: da separação à democracia”. In *História Religiosa de Portugal*, Dir. Carlos Moreira Azevedo, Lisboa: Círculo de Leitores, 2001, Vol. III, pp. 129-351.
- GOMES, J. Pinharanda – *D. Manuel Mendes da Conceição Santos, Vice-Reitor do Seminário da Guarda (1905-1916) e Bispo de Portalegre (1916-1920)*. Évora: Gráfica Eborense, 1996.
- GOMES, J. Pinharanda – *Os Congressos Católicos em Portugal*. Lisboa: Secretariado Nacional para o Apostolado dos Leigos, 1984, pp. 95-96.
- GUERREIRO, Chantre J. Alcântara – *Galeria dos Prelados de Évora*. Évora: Gráfica Eborense, 1971, pp. 108-112.
- GUIMARÃES, M. – “D. Manuel Mendes da Conceição Santos: Enamorado da Virgem”, In *Alvoradas*, Ano XVII, janeiro – março, 1956.
- LAVAJO, Joaquim Chorão - “A consagração de Portugal a Nossa Senhora da Conceição”, in *Eborensia: Actas das Jornadas Mariológicas*, Ano IX, 1996, N.º 17-18.

- LAVAJO, Joaquim Chorão. Évora. In *Dicionário De História Religiosa De Portugal*. Dir. Carlos Moreira Azevedo, C – I, Lisboa: Círculo de Leitores, 2000.
- LOPES, F. – “A Imaculada Conceição em Portugal”. *Brotéria*. Vol. XLIII (1946) 498-578.
- MELO, Cardoso de – “*Solicitude pelas Congregações Religiosas*”, in *Alvoradas*, Ano XVII, janeiro – março, 1956.
- MENDEIROS, José Filipe – “*Pupila e Coração*”, In *Alvoradas*, Ano XVII, janeiro – março, 1956.
- MENDEIROS, J. – *Um Arcebispo Apóstolo Dos Nossos Dias (1876-1955)*. Évora: Postulação da Causa de Beatificação do Servo de Deus D. Manuel da Conceição Santos, 1972, pp. 17-20; 27-32.
- MOREIRA, M. de F.S.P. – *A Igreja na Sociedade na Perspectiva de D. Manuel Mendes da Conceição Santos*. Évora: in Igreja Eborense, Boletim de Cultura e Vida da Arquidiocese de Évora, 2004.
- ROCHA, José Olívio Mendes – A Congregação dos Sagrados Corações de Jesus e Maria no Açores: um contributo para o estudo da sua História, a propósito dos 50 anos nos Açores. *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, vol. LXIII (2005), 27-43. Disponível na internet: <http://www.ihit.pt/new/boletins/2005/2congregacao.pdf>.
- SALVADOR, Manuel da Silva – “*Peregrino de Almas*”, in *Alvoradas*, Ano XVII, janeiro – março, 1956.
- SANTOS, António Salvador dos – *Principais Santuários Marianos da Arquidiocese de Évora*. Gráfica Eborense, Évora, 1992, pp. 41-46.
- SERPA, Gonçalo de – *A Virgem da Lusitânia: História, Paisagens e Mistérios*. Coimbra: Coimbra Editora Limitada.
- SERVAS DA SANTA IGREJA – *Enviadas a Anunciar O Evangelho de Cidade em Cidade, de Aldeia em Aldeia*.
- SERVAS DA SANTA IGREJA – *Semente na Planície: 50 anos ao Serviço da Igreja*. Casa Geral das Servas da Santa Igreja, Évora: Gráfica Eborense, 1996.
- SILVA, D. Francisco Maria Da – *A Alma do Arcebispo Apóstolo: Dom Manuel da Conceição Santos*. Braga, 1960.

SILVA, D. Francisco Maria Da – *Coragem e Confiança: pensamentos de orientação espiritual*. Edição do Centro de Estudos D. Manuel Mendes da Conceição Santos, Braga: Oficina Pax, 1962.

VAZÃO, Sónia – *Os dias da exceção: as Viagens da Imagem de Nossa Senhora de Fátima*. In Fátima XXI, Revista Cultural do Santuário de Fátima, outubro, 2015, pp. 63-78.

VIDAL, D. João Evangelista de Lima – “*Flor em botão*”, in *Alvoradas*, Ano XVII, janeiro – março, 1956.

APÊNDICE FOTORGÁFICO



Fig. 1. D. Manuel Mendes com sua mãe, irmão, cunhada e três sobrinhos.

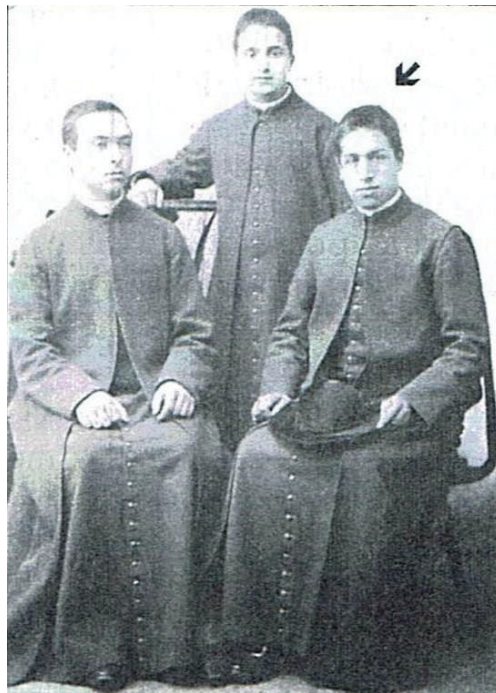


Fig. 2. Manuel Mendes, aluno em Roma.



Fig. 3. Grupo da Peregrinação a Roma, em maio de 1920.



Fig. 4. Superiores e alunos do Seminário de Évora, no ano letivo de 1921-1922.



Fig. 5. Grupo Geral com o Pe. Mateo Crawley-Boevey, no ano letivo de 1927-1928.



Fig. 6. Retiro do clero pregado pelo Pe. Mateo Crawley-Boevey no Convento das Chagas, em Vila Viçosa, em 1927.



Fig. 7. D. Manuel Mendes da Conceição Santos e o Pe. Mateo Crawley-Boevey.



Fig. 8. Bênção da primeira pedra da futura Basílica do Rosário, em 13 de maio de 1928.



Fig. 9. Santuário de Fátima: Procissão do Adeus, em 13 de maio de 1928.

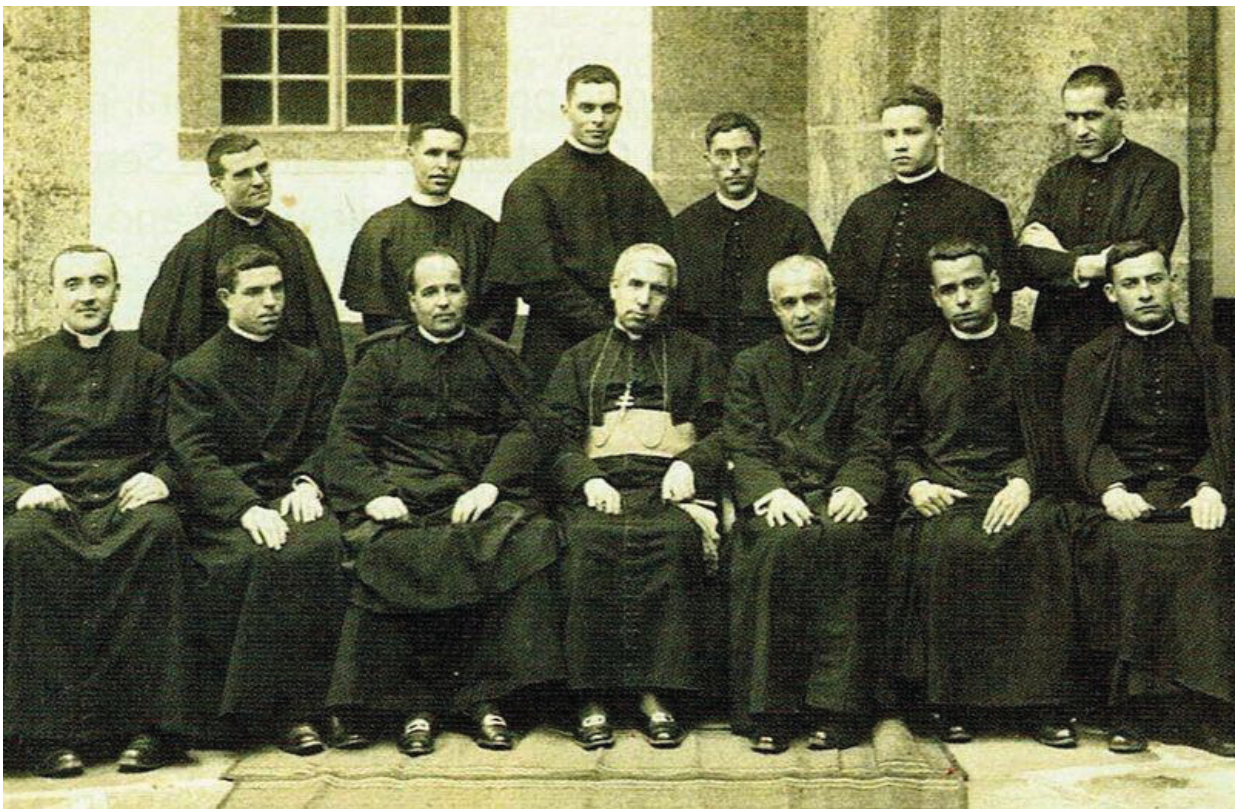


Fig. 10. D. Manuel Mendes, superiores e novos presbíteros do Seminário.



Fig. 11. Grupo Geral, ano letivo de 1931-1932.



Fig. 12. Exercícios Espirituais, em Fátima, em agosto de 1941.



Fig. 13. Missa campal presidida pelo Arcebispo de Braga aquando do II Congresso Mariano Nacional, em 19 de outubro de 1946.



Fig. 14.D. Manuel Mendes e outros prelados assistem à Eucaristia, em 13 de maio de 1947.



Fig. 15. Apresentação da Coroa da Virgem Peregrina, em 13 de maio de 1947.



Fig. 16. D. Manuel Mendes Coroa a Imagem da Virgem Peregrina.



Fig. 17. Procissão presidida por D. Manuel Mendes, após a Coroação da Imagem Peregrina, em 13 de maio de 1947.



Fig. 18. Vista geral da Peregrinação na qual foi Coroada a Imagem Peregrina, por D. Manuel Mendes, em 13 de maio de 1947.



Fig. 19. Procissão com a Imagem Peregrina de Fátima, em Estremoz, a 20 de outubro de 1947.



Fig. 20. Fiéis escutam Pregação por ocasião da visita da Imagem Peregrina, em Estremoz, a 20 de outubro de 1947.



Fig. 21. Preparação do andor que transportou a Imagem, em Estremoz, a 20 de outubro de 1947.



Fig. 22. Procissão com a Imagem Peregrina durante a visita à Arquidiocese de Évora, em 1947.



Fig. 23. Bênção durante a quando da visita da Imagem Peregrina de Fátima a Estremoz, em 20 de outubro de 1947.



Fig. 24. Saída da procissão, na Sé de Elvas, a quando da visita da Imagem peregrina de Fátima, em 23 de outubro de 1947.



Fig. 25. Imagem Peregrina de Fátima na Sé de Elvas, em 23 de outubro de 1947.



Fig. 26. Imagem Peregrina de Fátima e comitiva, em Évora, em 2 de novembro de 1947.



Fig. 27. Consagração do Seminário Maior a Nossa Senhora de Fátima aos pés da Imagem Peregrina, Évora, em novembro de 1947.



Fig. 28. Consagração da cidade de Évora a Nossa Senhora de Fátima perante a Imagem da Capelinha, na Praça do Giraldo, em 6 de novembro de 1947.



Fig. 29. Receção da Imagem Peregrina na Paróquia do Escoural, em 9 de novembro de 1947.



Fig. 30. Aspeto da Procissão no Escoural aquando da visita da Imagem Peregrina de Fátima, em 9 de novembro de 1947.



Fig. 31. D. Manuel Mendes da Conceição Santos e D. José do Patrocínio Dias, na Catedral de Évora, com a Imagem Peregrina, no dia 13 de dezembro de 1947.



Fig. 32. D. José do Patrocínio Dias (bispo de Beja), D. Manuel Mendes da Conceição Santos (arcebispo de Évora) e D. Marcelino Franco (bispo do Algarve).

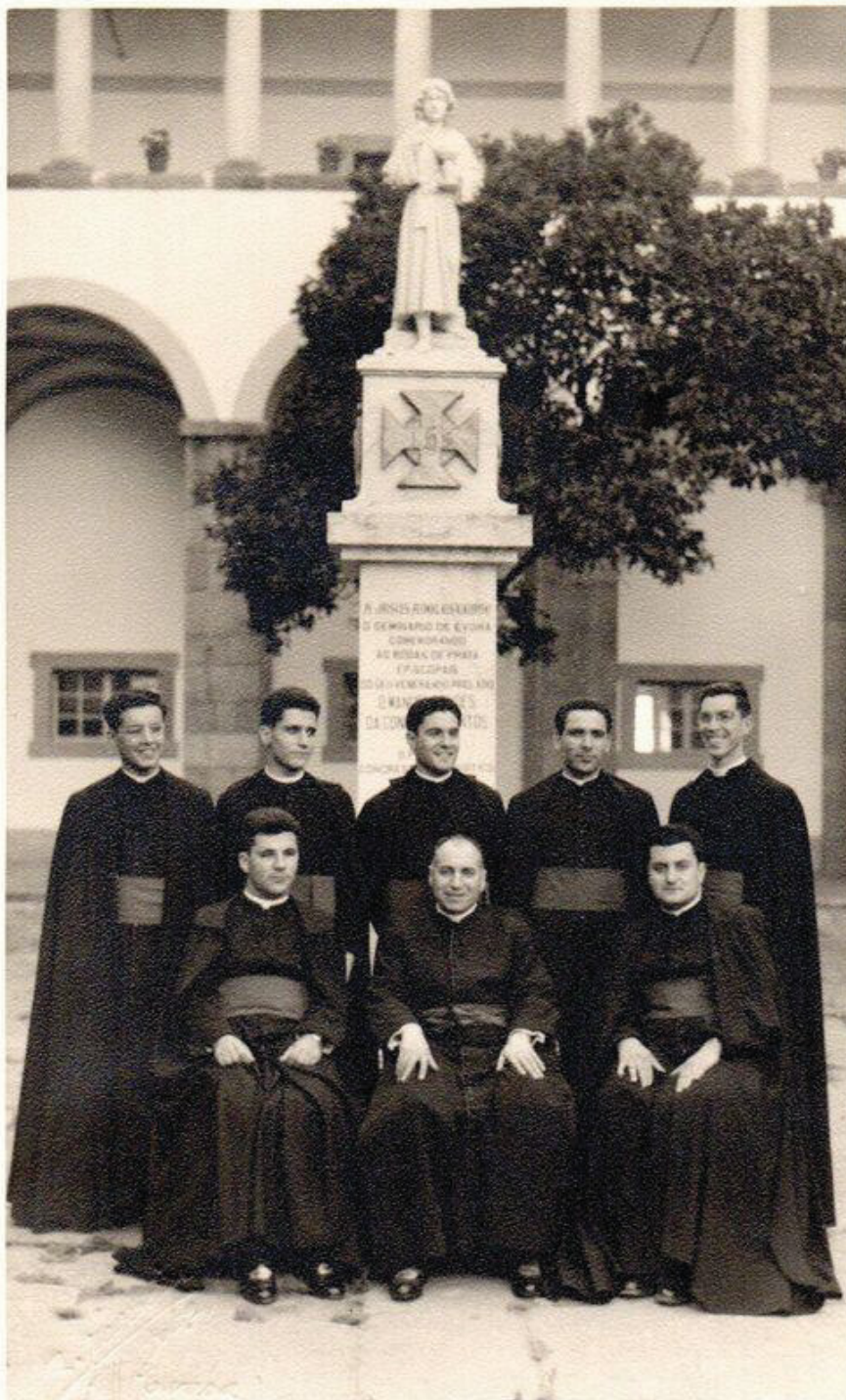


Fig. 33. Finalistas no ano letivo de 1954-1955.